



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA-MESTRADO
PROFISSIONAL**

ANDRÉ JOSÉ DO NASCIMENTO

**OS ESCRAVIZADOS NOS ANÚNCIOS DO DIÁRIO DE
PERNAMBUCO:
FUGAS, LUTAS E RESISTÊNCIAS, RECIFE 1830-1839**

**RECIFE
2019**

ANDRÉ JOSÉ DO NASCIMENTO

**OS ESCRAVIZADOS NOS ANÚNCIOS DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO:
FUGAS, LUTAS E RESISTÊNCIAS, RECIFE 1830-1839**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof.^a Dra. Lídia Rafaela Nascimento dos Santos

**RECIFE
2019**

N244e Nascimento, André José do
Os escravizados nos anúncios do Diário de Pernambuco:
fugas, lutas e resistências, Recife 1830-1839 / André José do
Nascimento, 2019.
114 f.: il.

Orientadora: Lídia Rafaela Nascimento dos Santos
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em História.
Mestrado Profissional em História, 2019.

1. Escravidão. 2. Escravos - Recife, 1830-1839. I. Título

CDU 981.34(81)

Mércia Nascimento - CRB-4/788

ANDRÉ JOSÉ DO NASCIMENTO

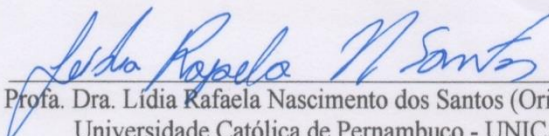
**OS ESCRAVIZADOS NOS ANÚNCIOS DO DIÁRIO DE
PERNAMBUCO:**

FUGAS, LUTAS E RESISTÊNCIAS, RECIFE 1830-1839

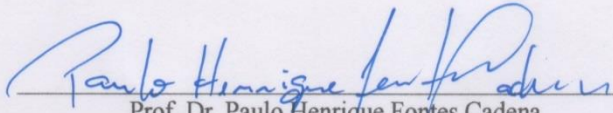
Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História
da Universidade Católica de
Pernambuco, como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em História.

Recife, 11 de dezembro de 2019.

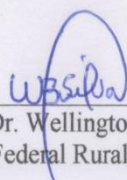
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Lídia Rafaela Nascimento dos Santos (Orientadora)
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP



Prof. Dr. Paulo Henrique Fontes Cadena
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP



Prof. Dr. Wellington Babosa da Silva
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

AGRADECIMENTOS

É com imensa alegria e satisfação que chego a este momento tão importante em minha vida: processo de conclusão da Pós-Graduação em História. Durante este, várias foram as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram, não apenas na realização desta dissertação, mas também com a minha formação acadêmica.

Nesse sentido, agradeço a todos os familiares que sempre me apoiaram nesta difícil jornada. Devo lembrar-me de Maria de Lourdes Pereira da Silva (minha mãe), Maria do Socorro (minha avó), mulheres negras que nunca se deixaram abater diante das dificuldades da vida, ensinando-me a nunca desistir dos meus sonhos. Com agradecimentos mais que especiais a Lindinalva Santos da Silva Nascimento, minha esposa, um exemplo de mulher guerreira, que sempre me apoiou com o que pôde e, às vezes, até com o que não podia para que eu chegasse até este dia, suportando meus momentos de estresse e de mau-humor durante a realização das pesquisas e estudos. Cabe agradecer, aqui, à minha segunda mãe, tia e amiga – Josiane Ambrósio –, suas palavras de incentivo, o estímulo à leitura e, de certa forma, o estímulo de vencer na vida.

À Universidade – onde busquei, da forma que pude, lutar para que ela “se pinte de negro, que se pinte de mulato, não só entre os alunos, mas também entre professores; que se pinte de operário e camponês, que se pinte de povo, porque a Universidade não é patrimônio de ninguém, pertence ao povo” (Ernesto “Che” Guevara) – ficam meus agradecimentos aos professores. Em especial, a minha orientadora, Prof.^a Dra. Lídia Rafaela Nascimento dos Santos, agradeço suas contribuições na produção deste estudo. Ao Prof. Dr. Thiago, coordenador do curso da Pós-Graduação em História, que sempre esteve atento às minhas solicitações. Prof. Dr. Paulo Cadena, que, desde o primeiro momento, foi um motivador e apoiador do meu projeto de pesquisa. Ao professor Flávio Cabral, com suas indicações de livros. Por fim, ao corpo docente deste curso que, de forma direta ou indireta, contribuiu para que eu chegasse até o fim.

À turma de Pós-Graduação de 2017, que, durante as discussões teóricas, contribuiu para a construção desta pesquisa, e os momentos de descontração e de incentivo, unindo todos em um único objetivo, que era a finalização das dissertações. Aos meus amigos, que sempre me apoiaram nos meus estudos, estiveram presentes nos momentos de dificuldade e de alegria, ficam meus sinceros agradecimentos aos professores: Clébio, Fabiana, Adriana, Tereza e à gestora da Escola Caio Pereira, Cláudia Jaqueline, com a qual trabalho, os primeiros que, sem hesitar, faziam a correção dos meus textos. A vice gestora Verônica, sempre compreensiva com

as minhas solicitações. A toda a equipe que gerência a escola e aos demais professores. A vocês, cabe aqui um agradecimento mais que especial, por todo o carinho, respeito, admiração, compreensão, companheirismo, amizade e por me aturarem nos momentos mais difíceis de minha vida.

Enfim, talvez tenha cometido algum deslize por ter deixado de citar alguém; fica desde já meu pedido de desculpas, mas nestes agradecimentos fiz o esforço de lembrar de todos e, por isso, a extensão dos mesmos. Estes são meus sinceros agradecimentos a todos vocês.

Onde houve escravidão houve resistência. E de vários tipos. Mesmo sob ameaça do chicote, o escravo negociava espaço de autonomia com os senhores ou fazia corpo mole no trabalho, rebelava-se individualmente e coletivamente.

(João José Reis)

RESUMO

Durante a década de 1830, alguns senhores escravocratas utilizaram o Diário de Pernambuco para divulgar as fugas de seus cativos. A partir do levantamento desses anúncios, constatamos que os negros mantiveram uma forte resistência ao sistema escravista, se utilizando de diversas estratégias em suas lutas pela liberdade. Entre elas, estavam o acoitamento e a sociabilidade dentro e fora do espaço urbano da cidade do Recife. No período pesquisado a capital pernambucana passou por transformações urbanísticas, expandindo o seu território levando ao surgimento de novas localidades, que de alguma forma contribuíram para que os fugitivos permanecessem fora do cativeiro por determinado tempo. Além disso, havia aqueles que preferiram ir para outras províncias do Império brasileiro dificultando ainda mais a sua captura, outros resolveram abandonar o seu local de trabalho levando toda sua família, fugindo em grupo, que poderia ser de uma mesma nação ou não. Mesmo com toda vigilância imposta pelas autoridades perante a população de cor, a luta pela emancipação foi uma constante, portanto as notícias de evasões publicadas no jornal foram de extrema importância para compreendermos o antagonismo dos negros diante da opressão dos senhores de escravo.

Palavras-chave: Fuga de escravos. Escravidão. Resistência Escrava.

RESUMEN

Durante la década de 1830, algunos esclavistas utilizaron el Diario de Pernambuco para revelar las fugas de sus cautivos. De la encuesta de estos anuncios, descubrimos que los negros mantenían una fuerte resistencia al sistema de esclavos, utilizando diversas estrategias en sus luchas por la libertad. Entre ellos, la calidez y la sociabilidad dentro y fuera del espacio urbano de la ciudad de Recife. Durante el período estudiado, la capital de Pernambuco experimentó transformaciones urbanísticas, expandiendo su territorio que condujo a la aparición de nuevas localidades, que de alguna manera contribuyeron a que los fugitivos permanecieran fuera del cautiverio por un tiempo determinado. Además, hubo quienes prefirieron ir a otras provincias del Imperio brasileño haciendo que sea aún más difícil capturarlos, otros decidieron abandonar su lugar de trabajo llevando a toda su familia, huyendo en grupos, que podrían ser de la misma nación o no. Incluso con toda la vigilancia impuesta por las autoridades a la población de color, la lucha por la emancipación fue constante, por lo que las noticias de evasión publicadas en el periódico fueron extremadamente importantes para comprender el antagonismo de los negros frente a la opresión de los esclavistas.

Palabras clave: Escape de esclavos. Esclavitud. Resistencia.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 –	Mapa do Recife do início do século XIX	20
Imagem 2 –	Vendas em Recife, 1835	28
Imagem 3 –	Mapa do Quilombo do Catucá.....	40
Imagem 4 –	Rua da Cruz, século XIX, Segundo Império, 1841-1889, Recife	52
Imagem 5 –	Capitão do mato	60
Imagem 6 –	Cartaz de escravo fugindo	64
Imagem 7 –	Lavadeiras, século XIX, Primeiro Império, 1822-1831	72
Imagem 8 –	Aplicação do castigo o Açoite, século XIX - Período Regencial, 1832- 1840.....	81
Imagem 9 –	Escravos negros de diferentes nações, século XIX - Período Regencial, 1832-1840	88
Imagem 10 –	Escravas negras de diferentes nações	88

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico1 –	População livre e escrava da cidade do Recife em 1828	34
Gráfico 2 –	Fugas para o Recife, seus subúrbios e para as matas	48
Gráfico 3 –	Anúncios de escravos que fugiram antes da década de 1830	54
Gráfico 4 –	Fugas interprovinciais – escravos que vieram para Pernambuco	62
Gráfico 5 –	Fugas em família	71
Gráfico 6 –	Fugas em grupo	77
Gráfico 7 –	Etnia ou origem dos escravos	85

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	
O RECIFE DA DÉCADA 1830	18
1.1 O desenvolvimento urbano.....	18
1.2 Os negros e o espaço público	27
CAPÍTULO 2	
OS ESCRAVIZADOS E A LUTA PELA LIBERDADE	38
2.1 A fuga de escravos	39
2.2 As fugas para dentro do Recife e seus subúrbios	47
2.3 As fugas de longa duração	53
2.4 As fugas interprovinciais	61
CAPÍTULO 3	
FAMÍLIAS, NAÇÕES E GRUPOS DE ESCRAVOS: OS FORAGIDOS ANUNCIADOS NO DIÁRIO DE PERNAMBUCO	68
3.1 Fugas em família	68
3.2 Fugas em grupo	76
3.3 Os escravizados, suas etnias e nações	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	95
ANEXO – EDIÇÕES E DATAS DOS ANÚNCIOS DE FUGAS DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO	101

INTRODUÇÃO

No meu cotidiano em sala de aula tenho observado o quanto o racismo continua presente na realidade brasileira. Diante disso, se faz necessário desenvolver estudos que abordem a História do negro no Brasil, mostrando a sociedade que o racismo é uma construção sociocultural que tem seus fundamentos no período escravocrata brasileiro. E mesmo com o fim da escravidão, os de pele escura continuaram sendo marginalizados, tentando resolver os conflitos históricos relacionados a população negra.

Um dos principais órgãos mundiais, a Organização das Nações Unidas (ONU),¹ organizou as Conferências Mundiais contra o racismo, que têm contribuído para a reconstrução da história da população negra, a qual, no Brasil viveu sob um sistema escravista que durou três séculos. Durante esse período, as relações entre os senhores e os escravos eram conflituosas, os escravizados lutando por sua liberdade e os senhores tentando, a todo custo, manter os cativos sob a sua tutela de forma opressora. Contudo, a luta dos negros continua sendo um tema atual, pois eles buscam seu reconhecimento social.

A Constituição de 1988², no artigo 1.º, inciso II, que trata da cidadania, e no inciso III, da dignidade da pessoa humana, preconiza que os negros têm a possibilidade de reconstruir a sua história de resistência e luta. Essa cidadania e dignidade só poderão ser possíveis com a construção de uma narrativa histórica de luta e resistência vivenciada por parte de uma nação negra que, durante todo o período escravocrata, foi palco da luta dos escravizados por sua liberdade.

As fugas dos escravizados noticiados no Diário de Pernambuco constituem-se em objeto dessa pesquisa que possibilitará a reflexão sobre as raízes históricas dos problemas de cidadania e dignidade dos negros e negras do Brasil.

¹ A I e a II Conferência Mundial contra o Racismo, realizadas em 1978 e em 1983, em Genebra, Suíça. A III e IV realizaram-se em 2001 e 2009, na cidade de Durban, África do Sul. A III foi uma das principais na luta contra o racismo, a discriminação racial, a xenofobia e a intolerância. Foi uma ocasião para se concentrar nas etapas práticas de luta contra o racismo e editou recomendações para combater os prejuízos e a intolerância em todo o mundo.

² Cujo Preâmbulo, reza: “Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte Constituição da República Federativa do Brasil.” BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão n.ºs 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais n.ºs 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo n.º 186/2008. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 27 nov. 2018.

Durante o período escravista no Brasil, os cativos travaram uma luta constante contra o cativo, pois os negros que eram trazidos da África foram obrigados a trabalhar como escravos em vários ramos da economia, como em plantações de cana-de-açúcar, escravo de ganho, sapateiro, pedreiro, entre outros. Mesmo com toda a opressão, essa população lutou contra um sistema de dominação senhorial que tinha como fundamento a inferioridade das pessoas de pele negra. A fuga dos escravos é considerada pela historiografia brasileira um dos elementos de resistência contra o cativo, essas evasões poderiam ser temporárias ou definitivas. Esta pesquisa tem como propósito discutir a resistência negra no Recife, que vai de 1830 a 1839, tendo por base os anúncios de fuga no Diário de Pernambuco. Ao analisarmos essas notícias, poderemos compreender uma das formas de luta do cativo contra a escravidão na capital da Província de Pernambuco. É neles que encontramos as diversas formas de estratégias que os negros foragidos utilizaram para se manterem escondidos por um determinado período ou definitivamente.³

Essa década (1830) ficou marcada na história brasileira como uma das mais conturbadas do período imperial brasileiro. Com a abdicação de D. Pedro I em 1831, o país passou a ser governado por regentes (1831-1840), responsáveis por conduzir a política brasileira em nome do príncipe Pedro, que, na época, tinha apenas 5 anos de idade.⁴ Esse período ficou assinalado por um grande fervor político envolvendo as elites que passaram a disputar maior participação no controle do Estado brasileiro. As disputas por espaço na vida política do país tomaram as ruas, casas e a imprensa, levando os grupos políticos ao constante embate de ideias e questões sociais que tinham como fio condutor os próprios interesses, transformando o Brasil em barril de pólvora, com constantes conflitos regionais que marcaram a História do Brasil.⁵ Durante a primeira metade do século XIX, o Recife esteve sob processos de insurreições e revoluções, que refletiam as disputas de poder dentro da classe econômica dominante. Entretanto, esse momento serviu para que os negros criassem estratégias para fugirem do cativo. Nesse contexto a massa populacional se rebelava por interesses diversos, inclusive, os negros escravizados que diante dos conflitos envolvendo as elites locais, buscaram rebelar-se, e uma das formas de contestar o sistema era a fuga. Para combater esse tipo de resistência, os senhores

³ CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. *Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850*. 2. ed. Recife: Editora Universitária UFPE, 2010.

⁴ SCHWARCZ, Lilia M; STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

⁵ CAVALCANTI JUNIOR, Manoel Nunes. O herói da Confederação do Equador volta do exílio: Manoel de Carvalho Paes de Andrade e as lutas políticas regenciais: Pernambuco, 1831-1835. *Saeculum: Revista de História*, João Pessoa, n. 33, p. 71-91, jul./dez. 2015. Disponível em: www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/27715. Acesso em: 10 jan. 2018.

escravocratas passaram a utilizar o jornal para comunicar à sociedade o desaparecimento do seu cativo.

Uma das obras bibliográficas que irá contribuir na elaboração desse trabalho é o livro de Marcus J. M. de Carvalho, *Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850*. O autor discutiu o cotidiano da sociedade escravocrata levando em consideração que a luta dos negros em busca de sua liberdade era um processo de conquistas. Entre as diversas estratégias analisadas, o autor destaca a rede de sociabilidade que o negro foragido poderia construir; mostrando como isso, era possível em razão da cidade do Recife ser considerada uma cidade negra; sua captura tornava-se mais difícil.⁶ A convivência com outros negros na cidade, contribuía na construção de sua liberdade. Dentro do sistema escravista, os negros desenvolveram estratégias que possibilitavam formar alianças e solidariedades, tornando assim o espaço urbano um espaço de resistência ao cativo. O estudo centrado nessa localidade também se justifica pelo fato de termos uma farta historiografia⁷ que discute diversos aspectos da escravidão e vem colaborar na compreensão de alguns aspectos do espaço urbano.

No contexto descrito, a luta dos negros pela liberdade tem sido discutida por vários autores, a exemplo de João José Reis e Flávio dos Santos Gomes, organizadores da obra *Liberdade por um fio*, composta de vários artigos que abordam a sociedade escravista incluindo a formação de quilombos em diversos locais do Brasil. Esses estudos demonstram que o cativo sempre desafiou o sistema escravista utilizando-se das fugas para reconstruir sua vida em terras até então desconhecidas. Nessa perspectiva, a resistência negra fez-se presente em todo o período escravocrata, sendo a evasão um dos principais elementos de rebeldia.⁸

Para as análises e reflexões dos anúncios de escravos nos jornais temos o trabalho pioneiro de Gilberto Freyre,⁹ *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros no século XIX*, fez uma análise dessas publicações mostrando o negro em diversas situações, como cativo de ganho, negros para vender, alugar, foragidos entre outros. Contudo, Freyre não se preocupou em examinar as notícias de evasões de escravos, e sim a sociedade escravocrata a partir das informações coletadas nos jornais do Comércio (Rio de Janeiro) e no Diário de Pernambuco (Recife).

⁶ CARVALHO, 2010.

⁷ Trabalhos como o de Marcus J. M. de Carvalho, de Wellington Barbosa da Silva e outros vêm contribuindo de forma significativa na reconstrução da historiografia da cidade de Recife.

⁸ REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

⁹ FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. São Paulo: Global, 2012.

Outra obra que contribuiu para o debate sobre a representação do escravo no jornal foi a de Lilia Moritz Schwarcz *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*.¹⁰ A autora faz um levantamento nos jornais paulistanos demonstrando que o negro era tratado nos anúncios de forma aviltante. A mesma ressalta que a pesquisa em anúncios de jornais nos ajuda a reavaliar aspectos já tratados acerca da escravidão no Brasil e também na construção metodológica desse trabalho.

A autora desenvolveu um estudo sobre o negro por meio dos relatos de suas características publicados na imprensa paulista, evidenciando a forma como os negros eram tratados nos jornais; demonstrava que a sociedade escravista de São Paulo via o negro como inferior, com isso, possivelmente, muitos negros não seriam inseridos na sociedade.¹¹ O artigo de Flávio dos Santos Gomes: *Jogando a rede, revendo as malhas: fugas e fugitivos no Brasil escravista*, trata das múltiplas tensões envolvendo o problema da fuga no Brasil escravista. O autor criou um guia metodológico para o trabalho sobre as estratégias que os negros utilizavam para viverem longe do cativo, mediante as redes que estes formavam para não serem encontrados pelos seus senhores¹².

A historiadora Isabel Cristina Ferreira dos Reis, publicou em 1999 na Revista Afro-Ásia um artigo com o título: *Uma negra que fugio, e consta que já tem dous filhos: fuga e família entre escravos na Bahia* analisaram a partir dos anúncios de fuga as escapadas dos cativos na província da Bahia. Neste estudo, Reis destaca a trajetória de uma escrava que fugiu com dois filhos; com receio da separação, a negra preferiu evadir-se do cativo com seus entes. A partir desse fato, a autora analisa outros fugitivos escravos que foram divulgados nos jornais baianos durante o século XIX.¹³

Todas essas referências nos auxiliaram para desenvolver a análise das notícias de fuga de escravizados publicadas no jornal Diário de Pernambuco dos anos 1830 a 1839, e disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. A referência bibliográfica vem contribuir com a pesquisa em virtude de sua relação com os jornais, já que os autores aqui citados, construíram uma narrativa histórica da escravidão do Brasil tendo o jornal como uma das principais fontes de seus estudos.

¹⁰ SCHWARTZ, Lilia Moritz Stuart. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

¹¹ *Ibid.*

¹² GOMES, Flávio dos Santos. *Jogando a rede, revendo as malhas: fugas e fugitivos no Brasil escravista*. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 67-93, 1996.

¹³ REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. *Uma negra que fugio e consta que já tem duos filhos: fuga e família entre escravos na Bahia*. *Revista Afro-Ásia*, Salvador, n. 23, p. 27-46, 1999.

Como destaca Marcus Carvalho para construir uma narrativa de resistência dos escravos, foi preciso que ele analisasse os arquivos policiais e o jornal *Diario de Pernambuco*¹⁴, que nesse período tornou-se um importante meio de comunicação entre os habitantes da cidade. Conseguiu atrair diversos anunciantes e leitores que viam nesse novo meio de comunicação uma forma de se levar as diversas notícias da Província de Pernambuco e do Império brasileiro para a população pernambucana. Dessa forma, o periódico passou a ter certa importância entre boa parte da sociedade. Além disso, foi um elemento fundamental nas disputas políticas e na divulgação da fuga dos escravos que deixavam seu local de trabalho em busca de sua liberdade. A fim de compreender as questões levantadas por este estudo, adotamos algumas estratégias metodológicas para nossa pesquisa sobre a evasão de escravos divulgadas no *Diario de Pernambuco* na primeira metade do século XIX.

Em face do grande número de edições do jornais e dos anúncios de fugas de escravos escolhemos: nos anos pares (1830, 1832, 1834, 1836 e 1838), temos como investigação os meses pares (fevereiro, abril, junho, agosto, outubro e dezembro); nos anos ímpares (1831, 1833, 1835, 1837 e 1839), os meses ímpares (janeiro, março, maio, julho, setembro e novembro). Essa estratégia foi tomada com o intuito de não perder épocas festivas, períodos de safra e entressafra das unidades agroexportadoras, eleições e conflitos armados entre a elite provincial. Todos esses episódios, de alguma maneira, podem interferir na escolha dos escravos para adotar o artifício da fuga como porta para adentrar o universo da liberdade. Segundo Sá-Silva,¹⁵ as fontes primárias são dados originais, a partir dos quais, tem uma relação direta com a temática que estamos abordando. Fazer a investigação dos anúncios de fuga nos possibilita uma análise das experiências de liberdade dos escravos foragidos que se instalaram no Recife e em outras regiões de Pernambuco.

O jornal *Diario de Pernambuco* era constituído de quatro páginas. A primeira tomada por comunicados oficiais das autoridades locais e nacionais; a segunda, relata as despesas econômicas da província, comunicados das comarcas; a terceira e quarta páginas, são compostas de avisos particulares, incluindo as evasões de escravos, que são retratados com suas características físicas, o modo como saíram, objetos que poderiam ter levado, além do possível local onde estivessem foragidos ou acoitados.

¹⁴ CARVALHO, Marcus Joaquim de. Rumores e rebeliões: estratégias de resistência escrava no Recife, 1817-1848. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, v. 3. n. 6, dez. 1998. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg6-5.pdf. Acesso em: 4 jan. 2018.

¹⁵ SÁ-SILVA, Jackson Ronie et al. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, São Leopoldo, ano 1, n. 1, p. 1-14, 2009. Disponível em: <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/viewFile/6/pdf>. Acesso em: 2 jan. 2018.

Nesse contexto, o Diário de Pernambuco, por ser o mais antigo em circulação, poderá ajudar-nos a compreender a luta dos escravos pela liberdade por meio de seus anúncios de negros foragidos. Essas publicações trazem informações importantes, como características físicas, nome e nação, ofício, material levado (roupas, joias, dinheiro entre outros), local e data da fuga, onde deveria ser entregue em caso de ser apreendido. No cenário atual, existem outras fontes que poderão ajudar-nos a compreender as problemáticas levantadas pelos anúncios, tais como a iconografia, revistas, documentos oficiais, dentre outros. Contudo, essas fontes não são a base de nossa pesquisa. A história social foi fundamental na construção da historiografia brasileira,¹⁶ trazendo à tona temas que até então eram pouco debatidos. Sendo assim, o jornal não é a única fonte de pesquisa para compreender uma sociedade, mas é a que tomarmos como eixo norteador de nossas investigações.

No primeiro capítulo, traz como abordagem as transformações do espaço urbano do Recife ocorridas durante a primeira metade do século XIX. No decorrer do seu desenvolvimento, encontrarmos, nessa localidade, negros cativos e foragidos, livres e brancos, que, em algumas situações, viviam em uma relação conflituosa e em outras de sociabilidade. Era também no espaço da urbe que os negros foragidos muitas vezes encontravam refúgio. Na urbe havia a possibilidade de um cativo foragido encontrar trabalho em troca de proteção, que de certa maneira dificultava a sua captura, mesmo o jornal trazendo informações da localidade onde negro fugido se encontrava escondido.

No segundo capítulo, trataremos dos aspectos estruturais dos anúncios de escravos fugidos que eram publicados no Diário de Pernambuco. Essas publicações teriam como principal objetivo a recaptura do escravo foragido. Apresentaremos alguns dados, como quantitativo de evasões para o Recife e seus subúrbios, as fugas de longa duração e interprovinciais extraídos do jornal.

No terceiro capítulo trazemos como principal abordagem as fugas em grupo, a importância das famílias na luta contra o cativo, os negros e sua nação. Com ameaça da separação dos seus parentes devido ao comércio escravista e os maus tratos dentro das senzalas, alguns negros e negras evadiam-se do cativo levando consigo seus familiares e até amigos que poderiam ser da mesma nação ou não.

Esses elementos trazidos pelos anúncios no Diário de Pernambuco vêm contribuir de forma significativa na compreensão da resistência negra contra a escravidão. Logo, o periódico aqui pesquisado, auxiliará de forma sistêmica no desenvolvimento deste estudo. Portanto, as

¹⁶ BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: Unesp, 2012.

informações trazidas pelo jornal vêm contribuir na trajetória de luta dos negros e negras perante o sistema escravocrata em Pernambuco.

CAPÍTULO 1

O RECIFE DA DÉCADA DE 1830

Ao analisar as fugas dos escravos publicadas nos anúncios do Diário de Pernambuco, a cidade do Recife aparece como possível local de ocultamento de alguns escravos. O espaço urbano é onde se concentrava a maior parte da população, sejam escravos, pessoas livres pobres, sejam senhores. Esses senhores, em algumas situações, encontravam no escravo foragido uma mão de obra que poderia ser explorada em troca de proteção, e, em acordo, formulavam suas estratégias de solidariedade. Era possivelmente nessas localidades que ocorria o acoitamento, ou seja, escondia-se um escravo foragido. Durante o período aqui estudado (1830-1839), encontramos vários casos de cativos que foram ajudados a se refugiar dentro do Recife.

Compreender o processo de modernidade da urbe nos ajudará a entender o processo da resistência negra contra o cativo, que, utilizando-se do espaço urbano, conseguiam manter-se escondidos e prestando diversos serviços à população.

1.1 O desenvolvimento urbano do Recife

A moderna reflexão sobre a cidade como forma mais específica de organização social data do século XX no debate historiográfico e das demais ciências sociais.¹⁷ A urbe passa a ser um objeto pensado na historicidade. Uma busca detalhada leva-nos à compreensão das transformações urbanísticas e socioculturais, com a intenção de analisar os fatos ocorridos, que permitem várias interpretações sobre o espaço urbano, tanto como local de intensa sociabilidade como de conflitos entre seus habitantes.¹⁸ Na urbe, as relações de poder eram postas à prova, havia aqueles que desafiavam as autoridades locais por meio de rebeldia, outros traçavam suas formas de “aliança” para sobreviver na cidade que estava passando por um processo de transformação em sua estrutura social.

Com uma série de disputas, os moradores vão deixando hábitos e costumes oriundos do período colonial para adotar costumes europeus. Assim, passou a cidade a ser um espaço de

¹⁷ BARROS, José d'Assunção. As ciências sociais e os modelos de cidades. *Arquitetura revista*, Vale do Rio dos Sinos, v. 7. n. 1, p. 21-33, jan./jun. 2011.

¹⁸ “a Cidade deve muito de seu poderoso impacto no imaginário social ao atributo de poder ser contemplada em toda sua grandeza e totalidade pelo olho humano, desde que tomada a devida distância. A Cidade, neste sentido, seria o maior artefato produzido pelo homem que pode ser integralmente apreendido pelo olhar comum.” BARROS, 2011, p. 24.

sociabilidade próprio, copiado das cortes europeias.¹⁹ Esses elementos culturais de uma civilização moderna serão seguidos por diversas cidades brasileiras.

Isso pode ser percebido na cidade do Recife, que, na primeira metade do século XIX, ainda se apresentava aos olhares de seus habitantes e dos viajantes como um local sem higiene, com falta de água portátil e hábitos considerados inadequados para os novos padrões de modelo de civilização.²⁰ Em sua passagem por Pernambuco, Charles Darwin caracterizava a cidade como nojenta; as ruas estreitas, mal pavimentadas, imundas; as casas muito altas e sombrias.²¹ As observações feitas por ele demonstram que o Recife era um espaço urbano que não representava um ar de modernidade, e, sim, o “atraso” em relação às cidades europeias. Essas características não eram exclusividade da cidade do Recife, mas sim do Brasil. Então, na visão do europeu, o Brasil era um país atrasado em razão de suas características agrárias e econômicas que tinha como mão de obra principal os negros.

A cidade do Recife tem, em suas características naturais, os rios e o mar, a fim de expandir o território para além do núcleo central da urbe, era preciso fazer um processo de aterramento, construir pontes, além de impedir o avanço das águas.²² À proporção que a cidade crescia, aumentavam os problemas estruturais, que precisavam de uma atenção maior do poder público. Esses problemas urbanísticos foram queixas constantes dos leitores de jornal, que se utilizaram desses meios de comunicação para realizar suas reclamações sobre as adversidades pelas quais a cidade passava, pedindo uma intervenção do poder público, principalmente nos bairros centrais do Recife.²³ O desenvolvimento da cidade ligava-se ao avanço das terras, de início, sobre o mar, depois sobre os rios, os canais, lagoas e alagados. Os delineamentos da urbe foram registrados em mapas produzidos no decorrer dos anos. Eles mostram o crescimento a partir do seu porto natural, que, desde cedo, determinaria a característica do Recife como área de grande importância da economia das províncias do Norte.

¹⁹ *Ibid.*

²⁰ Ver: SANTOS, Manuela Arruda. *Recife: entre a sujeira e a falta de (com)postura 1831-1845*. Orientador: Wellington Barbosa da Silva. 2009. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2009.

²¹ DARWIN, Charles. *O diário do Beagle*. Curitiba: UFPR, 2008. p. 491.

²² SILVA, Sandro Vasconcelos. *O costume da praça vai à casa: as transformações urbanas e suas influências sobre os costumes da classe burguesa do Recife oitocentista 1830-1880*. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2011. p. 63.

²³ SOUZA, Maria Angela de Almeida. *Posturas do Recife imperial*. Orientador: Antônio Paulo de Moraes Rezende. 2002. 312 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001. p. 153-162.

Imagem 1 – Mapa do Recife do início do século XIX



Fonte: Santos, 2018, p. 19.²⁴

Seus bairros centrais foram construídos em três partes: na ponta do istmo foi erguido o bairro do Recife; na Ilha de Antônio Vaz, o bairro de Santo Antônio; na terceira parte, o bairro da Boa Vista. À medida que aumentava a importância da povoação, foram agregando-se novos territórios em sua órbita.²⁵

À medida que o Recife crescia, as paisagens foram sendo transformadas pelas mãos dos homens. A urbe vai ganhando feições e aspectos de urbanização; um exemplo do crescimento é a área da Boa Vista, em anos anteriores, era pouco habitada; aparece na década de 1830 como

²⁴ Ver SANTOS, Lídia Rafaela Nascimento dos. *Luminárias, músicas e sentimentos patriotas: festa e política no Recife 1817-1848*. Orientadora: Martha Campos Abreu. 2018. 277 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

²⁵ Sucedeu-se que, à medida que aumentava a importância da povoação, agregando novos territórios à sua órbita, o Recife foi estendendo a eles designação aplicada estritamente ao seu núcleo original, de modo que o Recife passaria a nomear um complexo urbano compreendido pelas três porções territoriais, onde se situariam seus bairros centrais: a ponta do istmo do Recife, sobre o qual se ergueu o bairro do Recife ou freguesia de São Frei Pedro Gonçalves; a ilha de Antônio Vaz, o bairro de Santo Antônio e, depois de 1834, também o bairro ou freguesia do Santíssimo Sacramento de São José; e na terceira parte, o bairro da Boa Vista, ou freguesia do Santíssima Sacramento da Boa Vista. ARRAIS, Raimundo. *O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX*. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 2004. p. 102.

um aterro, que, em sua configuração, foi dando lugar a uma igreja, moradias, uma praça, ruas. Esse avanço territorial é perceptível quando deparamos com os anúncios de fugas em que consta o endereço do senhor do cativo que residia no aterro da Boa Vista.²⁶ O aterro era um processo feito para barrar o avanço do rio Capibaribe, que fazia daquela região um alagado. À medida que ia sendo aterrado, seu território se ampliava, atraindo moradores que passaram a ocupar o espaço, tornando-o assim um dos bairros mais importantes desse período.²⁷ O escravo Domingos, fugido da casa de seu senhor no dia 18 de outubro de 1830, e os apreendedores deveriam levá-lo à casa do doutor Brito, localizada no aterro da Boa Vista. Assim, receberiam 20\$000 de gratificação.²⁸

Já na primeira metade do século XIX, o Recife passou por uma série de obras que mudaria a feição da cidade. Quando o Barão da Boa Vista assumiu o governo de Pernambuco em 1837, deu-se um período de melhoria no ambiente do espaço urbano, com abertura de ruas, água encanada, construção de edifícios públicos. A intenção era dar um ar de modernidade à urbe.²⁹

Foram feitos aterros em ilhas fluviais formadas pelo delta dos rios. O rio Capibaribe ligava os três bairros centrais do Recife e esses com os subúrbios. O ponto de encontro entre os rios Capibaribe e Beberibe era o ponto de entrada para chegar até Olinda.³⁰ A importância dos rios era tal que o Capibaribe era a principal rota de escoamento do açúcar produzido nos engenhos. Já o rio Beberibe, era o responsável pelo abastecimento de água potável para as moradias. Os rios eram corpo integrante da paisagem do Recife, que, além de sua beleza natural, possibilitava a circulação de mercadorias e pessoas.

A influência dos rios na cidade do Recife era de um aspecto singular. Segundo Marcus J. M. de Carvalho, o rio era o melhor caminho para o transporte de mercadorias, como também de pessoas e animais, já que as estradas eram ruins e em determinadas épocas pioravam; principalmente no período de chuva, e impediam o transporte.³¹ A circulação de embarcações pelos rios era utilizada por uma sociedade escravocrata crescente, que possuía sua residência voltada para as margens do rio Capibaribe, a construção de residências nas proximidades dos rios vai modificando o cenário natural.³² O rio era uma das principais vias de circulação e de

²⁶ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 9 jun. 1830, n. 401.

²⁷ Ver CARVALHO, 2010.

²⁸ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 27 out. 1830, n. 511.

²⁹ CARVALHO, 2010, p. 9.

³⁰ Ver SANTOS, M., 2009.

³¹ O açúcar produzido nos engenhos da várzea do Capibaribe era levado por balsas ao porto, e não era somente o açúcar de cana que seguia esse caminho. Com tantas estradas ruins, que as chuvas pioravam, não é de surpreender que o rio virasse mesmo um caminho. Caminho perene. O tráfego de pessoas, mercadorias e animais era cada vez mais intenso à medida que o Recife ia-se tornando a principal da capitania. CARVALHO, 2010, p. 24.

³² CARVALHO, 2010, p. 25.

acesso ao porto do Recife. Esse transporte tinha como condutores negros que exerciam o ofício de canoeiro, responsáveis pelo transporte fluvial na cidade e pelo abastecimento de água trazida do Beberibe.

O cativo Antônio era um dos canoeiros responsáveis por abastecer a cidade com água portátil.³³ Em sua rotina, encontrava muita gente, estava presente em todo cotidiano social, econômico; possivelmente, soube usar suas redes para seu proveito, também para fugir como o fez em 1833. Em meio a uma sociedade escravocrata, os canoeiros tiveram um papel fundamental na luta contra a escravidão, já que, por meio de seu ofício, tinham contato com brancos, negros escravizados e livres; com eles, circulavam as notícias, chegando até aqueles que se encontravam foragidos: isso, certamente, facilitava no processo de luta contra a escravidão.³⁴

O processo urbanístico tem contribuído com as fugas dos escravizados, que faziam do Recife, em muitas situações, seu local de refúgio. Foi o caso do negro José da Costa, que se encontrava fugido. Foi visto pela Madalena, na Praça da Boa Vista, vagabundando a fazer chapéu: que era de seu costume.³⁵ Outro negro que se utilizou do espaço urbano do Recife para se manter livre foi o crioulo José, que fugiu do Engenho Várzea, de Porto Calvo, e segundo relatos do seu senhor, poderia estar no Recife.³⁶

Muitos negros faziam da urbe seu espaço de convívio, com sua moradia, chamada mocambo pelos senhores.³⁷ Além disso, esses cativos eram considerados responsáveis pela desordem na urbe com seus batuques, as bebedeiras; tentando acabar com aquilo que as elites classificavam como atrasados, era preciso colocar esses cativos sob constante vigilância imposta pelas autoridades.³⁸

O processo de civilização também envolvia acabar com os castigos nos espaços públicos, que aconteciam a partir daquele momento nas salas das delegacias, e no interior das casas particulares.³⁹ Podemos considerar que a sociedade escravista era violenta.⁴⁰ Essa prática que tinha relação com os séculos anteriores era considerada selvagem, atrasada.

No pensamento das elites pernambucana, para se tornar uma sociedade civilizada, era preciso adotar padrões de vida europeus. As transformações urbanas pelas quais a Província de

³³ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 13 maio 1833, n. 105.

³⁴ CARVALHO, *op. cit.*, p. 31.

³⁵ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 14 jun. 1830, n. 404.

³⁶ *Ibid.*, 11 out. 1830, n. 497.

³⁷ MOURA, Clóvis. *Dicionário da escravidão negra no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2013. p. 277.

³⁸ SILVA, W., 2008.

³⁹ CARVALHO, 2010, p. 64.

⁴⁰ LIBBY, Cole Douglas; PAIVA, Eduardo França. *A escravidão no Brasil: relações sociais, acordos e conflitos*. São Paulo: Ed. Moderna, 2005. p. 45-46.

Pernambuco passou a ter influência de muitas cidades europeias, entre elas Paris (França). No século XVII, na Europa, começam a surgir ideias de urbanização, em que a preocupação era com a estética arquitetônica, a questão da salubridade, a circulação do ar. A ideia era dar melhor qualidade de vida aos cidadãos, mas foi entre o século XVIII e XIX que esse conceito de modernidade do espaço urbano ganha corpo, passando a influenciar os centros urbanos em várias partes do mundo.⁴¹

Enquanto a cidade ia ganhando áreas civilizatórias, com construção de ruas, praças, igrejas e moradias, a escravidão negra continuava ocupando espaço determinante dentro do sistema que pregava uma civilização, mas era incapaz de acabar com o cativo negro.⁴² Ao mesmo tempo que o Recife passava por uma transformação estrutural e social, o espaço público continuava excludente. Esse novo modelo de sociedade conduzido pelas elites pernambucanas não poderia conviver com atos inadequados para um modelo de civilização com princípios e normas europeias.

O Brasil tenta alinhar-se ao pensamento europeu de uma nova política de estruturação da urbe, mas como em todo processo de mudança cultural ou social, uma parte da população é espoliada do sistema de transformações. Diante dessa nova proposta de civilização, a população subalterna passa a ser expropriada dos novos espaços criados no Recife. A base para essas transformações era justamente a importância econômica e política de cada região. A Província de Pernambuco era um desses principais centros, tendo o Recife como um dos preponderantes pontos comerciais. Diante disso, as elites senhoriais, detentoras do poder econômico, terão uma grande importância política do Brasil Império.

A crescente movimentação no porto fez com que Pernambuco fosse a principal rota de atividade comercial da região, já que praticamente toda produção agrícola das províncias vizinhas circulavam pelo porto do Recife. Isso permitiu o revigoramento de diversos serviços ligados ao comércio de exportação e da administração pública.⁴³ Essas atividades foram fundamentais para o fortalecimento do crescimento urbano e da população, principalmente a partir da década de 1830. Segundo Carvalho, a cidade passava a atrair cada vez mais pessoas. No início do século XIX, os engenhos nas proximidades do Recife foram atraindo cada vez

⁴¹ Na Europa, as primeiras preocupações com a ordem estrutural urbana datam de princípios do século XVII. Entretanto, foi entre os séculos XVIII e XIX que esse assunto tomou mais corpo dentro das preocupações da administração pública; sobretudo durante os Oitocentos, uma intensificação nas atividades de remodelação deu à cidade um novo formato visando um ajuste mais sólido às ideias arquitetônicas modernistas. SILVA, S., 2011, p. 29.

⁴² A cidade como objeto emergiu, explicitamente, em Sobrados e Mucambos, na medida em que foi na relação com o meio urbano do século XIX (submetida ao processo de urbanização e modernização, tendo como polos Rio de Janeiro, Salvador e Recife) que a família patriarcal brasileira se transformou. ARRAIS, 2004, p. 73.

⁴³ Ver SILVA, S., 2011.

mais moradores, tornando-se povoações e posteriormente bairros. Muitos dos engenhos deram origem ao nome dos bairros que até hoje existem.⁴⁴

Por sua vocação comercial e política, o Recife concentrava um quantitativo populacional expressivo, chegando, no fim da primeira metade do século XIX, a ser considerada a terceira cidade mais populosa do Império do Brasil.⁴⁵ A expansão da rede urbana da capital pernambucana possibilitou uma divisão dos bairros a partir de suas características sociais e econômicas. O comércio atacadista, em que eram negociados produtos exportados e importados, estava concentrado no bairro do Recife; o mais populoso era o de Santo Antônio. Ali estava localizada a comercialização de produtos de luxo. Já a Boa Vista, era caracterizada como um bairro residencial, mas também havia um comércio de gêneros de primeira necessidade. O bairro de São José era considerado um território negro, onde boa parte das pessoas residia e tinha seu terreiro, promovia batuques, alicerçando seus laços culturais e religiosos que foram destruídos pelo tráfico atlântico de escravos.

O porto era a porta de entrada e de saída de pessoas e de mercadorias de várias partes do Brasil e do mundo. Além dos trabalhadores livres e escravizados que circulavam nessa área, a difusão de novas ideias era constante. Ideias como civilização, modernização, trazidas por europeus e brasileiros que retornavam da Europa, foram ganhando cada vez mais espaço entre as elites, que viam no processo civilizatório do Recife uma prerrogativa para se igualar aos costumes europeus.⁴⁶

Os espaços de sociabilidade traziam novas possibilidades para pensar a urbe, já que havia contato com pessoas de várias partes do mundo, principalmente os europeus. Chegando ao Recife, trouxeram novas ideias sobre o espaço urbano, como o continente europeu já vinha pelo mesmo processo de civilização. Os recifenses procuraram embelezar a cidade. Para isso, buscaram, como exemplo de civilização, a Inglaterra e a França, esses dois países tiveram notável importância no desenvolvimento urbanístico e nos costumes dos recifenses.⁴⁷

⁴⁴A cidade conquistava assim o campo em sua volta. Das plantações mais próximas do porto, alguns nomes permaneceram até hoje em dia, como Casa Forte, Torre, Apipucos, Dois Irmãos, Caxangá, Engenho do Meio, e por aí vai. Alguns desses antigos engenhos tornaram-se centros populacionais, de forma que já eram chamados de povoações no começo do século XIX. CARVALHO, 2010, p. 48.

⁴⁵ARRAIS, 2004, p. 113.

⁴⁶ARRAIS, 2004, p. 178.

⁴⁷O movimento portuário proporcionou a um grande número de pessoas de hábitos diferentes e oriundos dos mais diversos lugares o convívio diário com os que moravam no Recife. Dentre essa miríade de forasteiros, duas nacionalidades destacavam-se, pois seu país de origem estava encabeçando as mudanças ocorridas no continente europeu: os ingleses, que no decorrer dos Oitocentos dominaram o comércio e fundaram estabelecimentos bancários, assumindo serviços portuários e ferroviários com seu elevado grau de desenvolvimento e mecanização, introduzindo também novas técnicas de construção; e os franceses que vieram ao Recife trazendo seus conhecimentos urbanísticos e arquitetônicos, sua cultura, sua arte, sua elegância e desenvoltura, considerados como um modelo de civilidade a ser seguido. SILVA, S., 2011, p. 58.

O controle social estava ligado à questão da civilização. Para isso, as Posturas Municipais assumem a configuração jurídica, que terá, como função, disciplinar a sociedade.⁴⁸ Dessa forma, a sociedade da urbe passa a ser constantemente vigiada, com o objetivo de assegurar a convivência das pessoas. É a partir do corpo político, é criada a polícia, em suas atribuições, procurou fiscalizar a conduta da população que reside e circula pelas freguesias.⁴⁹

Os escravos de ganho circulavam pela cidade negociando diversos produtos, inclusive peixes, caranguejo e oferecendo diversos serviços. Utilizavam-se desses espaços para empreenderem fugas. Um exemplo foi a negra Perpétua; ela costumava vender mel e azeite em uma panela, pela rua, e evadiu-se no dia 8 de janeiro de 1835.⁵⁰ Mesmo o anunciante não indicando para onde ela pudesse ter ido, é possível que estivesse nas proximidades do Recife, que era considerado um território com uma grande concentração populacional, por isso muitos negros que evadiam do cativeiro teriam essa localidade como um dos possíveis destinos para se refugiar e se manter escondido. Outra negra que buscou refugiar-se na urbe foi Felícia. Segundo o seu senhor, ela fugiu no dia 10 de janeiro de 1835. Ele julgava que ela estivesse oculta em alguma casa em São José, ou nas Cinco Pontas, onde havia sido vista a negociar.⁵¹

A população mais pobre, escrava ou livre, extraía dos mangues alimentos como caranguejos e peixes para serem vendidos na urbe. Os rios e a maré, ao mesmo tempo, serviam como vias de circulação do transporte fluvial e forneciam alimentos para os moradores da cidade. A sociedade recifense vivia em uma estreita dependência dos rios e da maré.⁵²

À proporção que os mangues eram aterrados, emergiam moradias que aos poucos foram incorporando-se às passagens naturais do Recife. Os sobrados e “mucambos” foram tomando os espaços que, até então, eram constituídos em um ambiente natural. Isso foi possível em virtude de um projeto de urbanização que visava dar à cidade um ar de modernidade.⁵³ Com a intenção de sanar os problemas urbanísticos pelos quais o Recife vinha passando, a repartição de obras públicas passa a ser gerida em 1830 pela Câmara Municipal, que, em suas atribuições, contrata o engenheiro militar João Bloem para o cargo de “Encarregado da Arquitetura da cidade”, que passa a estabelecer regras sobre as edificações urbanas”.⁵⁴

⁴⁸ SOUZA, M., 2002, p. 62.

⁴⁹ SOUZA, M. 2002., p. 62-65.

⁵⁰ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 15 jan. 1835, n. 581.

⁵¹ *Ibid.*, 26 jan. 1835, n. 589.

⁵² CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. Os caminhos do rio: negros canoieiros no Recife na primeira metade do século XIX. *Revista Afro-Ásia*, Salvador, n. 19-20, p. 75-93, 1997. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/download/20948/13551>. Acesso em: 20 jan. 2018.

⁵³ Ver ARRAIS, 2004.

⁵⁴ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 21 jun. 1830, n. 295.

Conforme a cidade crescia, a infraestrutura tornava-se ineficiente, pois faltavam estradas e as que existiam quase sempre não atendiam à necessidade da produção agroexportadora da capital de Pernambuco. Além disso, o Recife precisaria de serviços básicos como água, esgoto, iluminação, transporte público. Isso causava graves problemas na urbe, entre eles, o de saúde e de mobilidade⁵⁵.

No âmbito territorial, a Assembleia Provincial de Pernambuco passa a ser a grande responsável pelas transformações urbanísticas pela qual a urbe passará. Esse órgão foi instalado em 1835, tendo como presidente Manoel de Carvalho Paes de Andrade, com a preocupação de realizar obras estruturais na cidade. As leis criadas pela administração pública terão como objetivo disciplinar as relações de domínio e ocupação da terra, a estruturação do espaço da cidade, bem como a construção e o desenvolvimento das atividades na urbe.⁵⁶ Essas leis contribuirão para a ampliação e as divisões das comarcas e freguesias, concorrendo, dessa forma, para a redefinição do município do Recife, isso principalmente durante o século XIX.

Por ser uma área residencial e de comércio, muitos libertos e cativos trabalhavam nessa localidade; contudo, algumas condutas passaram a ser vigiadas. Essa atribuição de fiscalizar a conduta dos habitantes da urbe ficou sob a responsabilidade dos fiscais.⁵⁷

O processo civilizatório do Recife estava atrelado a uma série de leis adotadas pela Câmara, que iam desde a urbanização da cidade até os costumes e vícios de uma sociedade que surgiu às margens de rios, mangues e do mar. O discurso de higienização estava alicerçado no desejo de acabar com a insalubridade. Durante a década de 1830, todos aqueles que governaram Pernambuco investiram em obras públicas com a intenção de modernizar a urbe⁵⁸.

As atividades econômicas também passaram pelo processo de fiscalização, principalmente os comerciantes de baixa renda, que não tinham um estabelecimento para vender seus produtos. Por isso, muitos deles vendia-os nas ruas do Recife, e isso não era agradável aos olhos da elite, que desejava mostrar ao mundo que a cidade estava disposta a acabar com os costumes, ditos “atrasados”.⁵⁹

⁵⁵ SOUZA, M., 2002, p. 133.

¹¹⁷ *Ibid.*, p. 135.

⁵⁷ “[...] a Câmara Municipal era responsável pela administração cidadina. Possuindo função normalizadora, sua ação pedagógica no espaço público visava inculcar costumes, interditar hábitos ditos não civilizados, governar a urbe. Ao longo do século XIX tornou-se comum os discursos higienistas, esteticistas e profiláticos de seus agentes pedagógicos, principalmente através das posturas policiais. Dentre esses agentes que enunciavam tais discursos e atuavam para sua aplicabilidade no cotidiano citadino, destacava-se o Fiscal.” SOUZA, Williams Andrade de. Para vigiar e executar as posturas e ordens da Câmara Municipal, o fiscal: uma autoridade no Recife imperial. *In*: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RIO MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, 14., 2010, Rio de Janeiro. *Anais* [...]. Rio de Janeiro, ANPUH, 2010. p. 2.

⁵⁸ Ver ARRAIS, 2004.

⁵⁹ SOUZA, M., 2002, p. 162.

Como o Recife era uma área de influência regional, a classe senhorial e política dessa cidade conseguiu atrair para a Província investimentos públicos, edificações, instituições diversas que deram à capital de Pernambuco maiores condições de expansão territorial. O comércio era praticamente a base fundamental do seu crescimento econômico e populacional. A expansão urbana estaria diretamente ligada ao mercado exportador e importador. A urbe abrigava um contingente que, no fim da primeira metade do século XIX, já colocava essa cidade como a terceira maior em população do Império brasileiro, perdendo apenas para o Rio de Janeiro e Salvador.⁶⁰

1.2 Os negros e o espaço urbano

Antonil afirma que os escravos eram as mãos e os pés do senhor de engenho.⁶¹ Essa narrativa demonstra a importância do trabalho que os cativos desenvolviam para seus senhores. A sociedade do Recife, assim como outras do Brasil Imperial, era dependente do trabalho escravo. A população cativa exercia diversas atividades na cidade e nas zonas rurais. Na cidade, os senhores urbanos tinham no negro escravizado a sua força de trabalho e de renda. Em contrapartida, os escravos foragidos utilizavam a urbe para trabalhar e se esconder. Como ocorreu com a negra Izabel que fugiu do engenho Mtiga em dezembro de 1831. A cativa tinha o costume de vender miudezas, circulando pelas ruas de Olinda e Recife, dificultando a sua captura.⁶²

Isto é perceptível nas contribuições dos viajantes que foram de grande importância para compreendermos o cotidiano da cidade do Recife. Johann Mortiz Rugendas, pintor alemão, desenhista e documentarista. Durante a primeira metade do século XIX retratou em várias imagens a relação dos negros e negras com o comércio, responsáveis por diversas atividades para o abastecimento da cidade com produtos e serviços.

Uma das imagens de Rugendas que permite a reflexão sobre a relação entre o espaço urbano e o cotidiano escravista é a Imagem 2 (segue abaixo). Nela, Rugendas retrata a rotina de uma venda, onde há uma concentração de negros e negras na entrada da venda, alguns deles trazendo em sua cabeça os tabuleiros com produtos a serem vendidos, uma mulher aparece largada na porta; no interior da mesma se encontra alguns homens brancos descansando,

⁶⁰ ARRAIS, 2004, p. 113.

⁶¹ ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1982. p. 92.

⁶² HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 1 set. 1831, n. 187.

aperceber-se um diálogo entre eles e um menino. Segundo Eduardo França Paiva, o viajante Rugendas compôs essa cena baseado no que observou nas cidades do Recife, Rio de Janeiro e de Minas Gerais,⁶³ Através da imagem podemos perceber um possível convívio social entre os brancos e negros em determinados espaços da cidade.

Imagem 2 – Vendas em Recife, 1835



Fonte: Biblioteca Digital Luso-Brasileira.
Rugendas, Vendas em Recife, 1835.

A cena retratada por Rugendas, com relação à comercialização, pode corroborar com o anúncio sobre a negra Joana vendedora de leite, que circulava pela cidade vendendo produtos, como leite e banha de manhã, e a tarde, frutas.⁶⁴ Essa atividade trazia rendimento para seu senhor.

Havia também os negros que exerciam determinados tipos de ofício. Alguns prestavam serviços em lojas e estabelecimentos comerciais. O cativo Lázaro com o ofício de ferreiro, trabalhava no armazém de carroças no Porto das Canoas e, ultimamente, no Arsenal; resolveu fugir no dia 6 de janeiro de 1831.⁶⁵ Algumas famílias escravocratas tinham em sua residência,

⁶³ PAIVA, Eduardo França. *História & Imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 62-63.

⁶⁴ HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 13 jan. 1831, n. 9.

⁶⁵ *Ibid.*, 12 jan. 1831, n. 8.

cativos que lhe prestavam serviços, como as mucamas e cozinheiras, caseiros, amas de leite, moleques de recado e, por vezes, até guarda-costas.⁶⁶ Como o cativo Cezário, que teria como ofício barbeiro; o escravo trabalhava na barbearia do senhor Jozé da Silva Coelho, localizada na Rua Direita, no centro do Recife. Foi desta mesma localidade que o cativo desapareceu pelas 6 horas do dia 18 de outubro de 1835.⁶⁷

Os bairros centrais da capital da Província de Pernambuco abrigavam uma boa quantidade de negros; possivelmente era onde esses cativos poderiam estar escondidos.⁶⁸ Na cidade, havia maior possibilidade do cativo se manter foragido, pois, mediante seu ofício, poderia prestar serviços em troca de proteção ou de uma renda. Isso era possível em razão do acoitamento que poderia ocorrer dentro e fora da urbe. Também havia a possibilidade de esse foragido evadisse para outras localidades da província.

Na cidade do Recife, também havia os libertos que viviam do seu trabalho, prestando serviços tanto para os órgãos públicos quanto para a população em geral. Dentre eles, havia aqueles que chegavam da África ou de outras partes do mundo atlântico, que, pela proibição do comércio de escravos, eram declarados livres. A vida dos libertos, escravos, africanos livres e crioulos não era fácil, havia uma vigilância constante dirigida à população negra que vivia no espaço urbano, tendo em vista que esses negros se articulavam e promoviam sua resistência, com a formação de quilombos urbanos e revoltas que atemorizavam as autoridades e a população.⁶⁹

A proibição do tráfico negreiro e de sua comercialização não surtiu efeito. Luiz Gustavo Santos Cota afirma que a lei promulgada no dia 7 de novembro de 1831 ficaria conhecida, no senso comum, como uma “lei para inglês ver”. A lei determinava que todos os negros que viessem de fora para ser comercializados no território do Império brasileiro estariam livres. Como a maioria das autoridades era senhores de escravos, a lei não foi respeitada. Desse modo, o tráfico negreiro continuou existindo de forma ilegal,⁷⁰ levando milhares de negros ao cativo. Mesmo com a lei que decretava a sua liberdade, muitos desses africanos continuaram sendo comercializados para exercer serviços como escravizados.

Essa lei foi efetivamente aplicada nos primeiros anos, caindo em conveniente desuso em meados da década de 1830.⁷¹ Esses africanos livres poderiam ser direcionados para Casas

⁶⁶ CARVALHO, 1997, p. 75-93.

⁶⁷ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 17 nov. 1835, n. 224.

⁶⁸ CARVALHO, 2010, p. 51.

⁶⁹ FARIAS, 2006, p. 51.

⁷⁰ COTA, Luiz Gustavo Santos. Não só “para inglês ver”: justiça, escravidão e abolicionismo em Minas Gerais. *História Social*, São Paulo, n. 21, p. 65-92, 2011.

⁷¹ *Ibid.*

de Correção do Ministério da Justiça, para depois proceder à reexportação. De acordo com Beatriz Mamigoniam, muitos africanos que chegavam ao Brasil para ser escravizados continuaram livres. Os gastos que o Ministério da Justiça tinha em manter esses africanos em casas de correção levou o governo a regularizar o trabalho dessa população. Cabia aos chefes de polícia selecionar os africanos para determinados serviços, inclusive em obras públicas.⁷²

Os africanos livres que se encontravam na Casa de Correção desde 1831 traziam prejuízo ao governo. Para mantê-los presos precisaria de recursos financeiros, que eram retirados dos cofres públicos. Uma solução encontrada foi a do ministro da Justiça, Aureliano Coutinho, em 1834, que autoriza o juiz de Órfãos do Rio de Janeiro a arrematar em praça pública o serviço dos africanos livres que se encontravam na Casa de Correção.⁷³ Segundo Mamigoniam, com a regulamentação dos africanos livres, eles foram direcionados para o trabalho em diversas áreas, passaram a conviver com os escravizados nas residências dos senhores e também na urbe. Nesse processo de urbanização, a população negra era detentora de um espaço por onde circulavam brancos e negros.

O comércio, nos grandes centros urbanos do Brasil, era, em grande parte, praticado por gente de cor, que, por intermédio dos escravos de ganho, tinha uma circulação de serviços e de diversos produtos comercializados na cidade.⁷⁴ Essa circulação de escravos e libertos no grande centro do Recife promovia um “convívio social” entre aqueles que circulavam no espaço público.

O negro, em seu contexto social, como trabalhador urbano, era parte integrante da cidade e por meio de suas atividades, apresentava-se como comerciante ambulante e trabalhador com ofícios.⁷⁵ Os escravos de ganho circulavam pelo espaço urbano oferecendo seus serviços a outros senhores: era nessa mobilidade urbana que supostamente havia uma articulação entre os de cor. Assim, organizavam suas estratégias de resistência ao cativo.

Os anúncios de fugas encontrados no Diário de Pernambuco durante a primeira metade do século XIX, têm demonstrado que muitos dos cativos se utilizavam da prática do comércio para se evadirem do cativo tentando construir a própria liberdade. Alguns deles eram escravos de ganho, desenvolvendo atividades comerciais pela urbe. A negra Catharina, que costumava vender pão de ló, todos os dias, na passagem da Madalena,⁷⁶ é exemplo disso.

⁷² MAMIGONIAM, Beatriz G. *Africanos livres: a abolição do tráfico de escravo no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 95.

⁷³ *Ibid.*, 2017. p. 95.

⁷⁴ LIBBY; PAIVA, 2005, p. 39-42.

⁷⁵ *Ibid.*, 2005, p. 39.

⁷⁶ HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 9 fev. 1832, n. 307.

O escravo de ganho tinha, possivelmente, maior facilidade de fugir do seu senhor ou senhora. Como foi o caso da cativa Justina, que fugiu no dia 3 de dezembro de 1830, levando um tabuleiro e algumas xícaras com doces. Utilizando-se do seu suposto conhecimento da cidade, a cativa evadiu-se da casa de sua senhora, não deixando rastro de sua possível localidade, na qual estaria escondida.⁷⁷ Era no seu labor cotidiano, que a permitia circular pela urbe e ter contato com diversas pessoas. Isso aumentava suas chances de se manter escondida dentro dos bairros, que, em seu contexto, estavam em plena expansão.

Como os escravos de ganho tinham certa mobilidade no espaço urbano prestando serviço e retornavam com uma parte do lucro em réis para seu senhor, dessa maneira o cativo exercia uma certa liberdade. Marcus Carvalho ressalta que o espaço de liberdade que alguns desses cativos de ganho conquistavam nos centros urbanos, estava relacionado muitas vezes, viver em um barraco próprio, garantindo uma autonomia “individual” mesmo sem a liberdade jurídica.⁷⁸ O autor reforça a dimensão constante de luta, da difícil rotina constitutiva da vida de homens e mulheres expostos e surrados em praça pública e traficados quase como um objeto inerte.

A liberdade começa na construção de uma rede de sociabilidade pessoal à qual o cativo “pertencesse”. Estava ligada à relação interpessoal mediante o contato entre os negros, comerciantes, viajantes, marinheiros entre outros. “A reação ao cativo no Brasil passava pela reconstrução da identidade étnica, e até de uma linhagem própria que poderia ou não corresponder à que se perdera na África.”⁷⁹

As redes de relações que os negros construía passavam também por aqueles que circulavam pela cidade. Já que era nos bairros centrais do Recife onde havia maior número de estabelecimentos comerciais que precisavam de mão de obra. Os cativos residentes em São José, Santo Antônio e Boa Vista desenvolviam atividades como negros de ganho que viviam em certa independência.⁸⁰ Era nesse cenário que o cativo foragido muitas vezes encontrava o acoitamento. Como o cativo João, que trabalhava como caiador, pintor e pedreiro, o anúncio não traz informação em que circunstância o escravo teria fugido; diz apenas que ele andava trabalhando nas redondezas de Santo Antônio.⁸¹ O negro João, ao prestar serviços nesse bairro, supostamente tinha a proteção de alguém que o ajudava a mantê-lo escondido.

⁷⁷ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 12 dez. 1830, n. 547.

⁷⁸ CARVALHO, 2010, p. 86.

⁷⁹ *Ibid.*

⁸⁰ CARVALHO, 2010, p. 86-91.

⁸¹ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 3 jul. 1833, n. 141.

As autoridades tentaram inibir a circulação e o ajuntamento dos negros e negras na urbe. Posturas Municipais, decretavam que na circulação durante a noite, após o toque de recolher, dado pelo sino das igrejas matrizes, o escravo deveria estar munido de um bilhete com seu nome, o nome do senhor e a tarefa que estava destinado a fazer; mas para aqueles senhores que não sabiam ler nem escrever, o seu escravo deveria sair com uma luz de lanterna. As normas adotadas dificilmente iriam ser respeitadas pela população, já que algumas condutas passaram a ser vigiadas. Dentre esses agentes que enunciavam tais discursos e atuavam para sua aplicabilidade no cotidiano citadino, destacava-se o Fiscal.⁸²

As elites escravocratas recifenses consideravam que a população mais pobre era “perigosa” e “problemática”, participaram de movimentos revoltosos ao longo do período oitocentista.⁸³ Sendo assim, os pobres eram uma ameaça ao processo “civilizador”. As autoridades locais, tentando controlar esses conflitos, instituíram o corpo policial, criado pela Lei do Império do Brasil de 6 de junho de 1831, responsável pelo controle do uso dos espaços públicos e privados, tendo como objetivo reprimir as manifestações públicas das classes populares.

Segundo Wellington Barbosa da Silva, essa lei permitia que as províncias criassem seu corpo policial, que serviria aos municípios como guardas municipais nos três distritos de paz do Recife, dois de Olinda e nos demais subúrbios de ambas as cidades.⁸⁴ Os pobres, libertos e escravos, viviam sob constante vigilância, pois eram ditos “perigosos”, por isso eram os principais alvos das proibições adotadas pela Postura. Uma das funções era manter as classes subalternas distantes daqueles que detinham o poder econômico residentes no Recife.⁸⁵

As Posturas Municipais tentaram manter os escravos sob vigilância constante, que lhe assegurasse o controle e a punição àqueles que tentassem subverter a ordem imposta pelas autoridades locais; mas não teve muito êxito, pois os cativos que circulavam pela cidade desfrutavam de uma considerável liberdade de locomoção. Porém, a fiscalização perante esses escravos tornava-se mais difícil em razão das estratégias de ocultamento que a cidade oferecia, pois havia uma relação que envolvia comerciantes, larápios, soldados e libertos. Isso se constituía em uma rede de solidariedade entre os integrantes da urbe. Dessa forma, a

⁸² SOUZA, W., 2010.

⁸³ A Revolução de 1817; a Confederação do Equador em 1824; a Setembrizada em 1831; a Novembrada em 1831; a Guerra dos Cabanos em 1833-1836. Todas ocorridas no período em que esse estudo propôs-se analisar. Encontramos nelas a participação da gente de cor principalmente nas três últimas revoltas.

⁸⁴ SILVA, Wellington Barbosa da. *Entre a liturgia e o salário: a formação dos aparatos policiais na primeira metade do século XIX, 1830-1850*. Orientador: Marc Jay Hoffnagel. 2003. 278 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. p. 84.

⁸⁵ SILVA, W., 2008.

fiscalização à população negra era praticamente ineficiente em consequência das articulações que se formavam entre os moradores do Recife. Os serviços prestados por esses escravos a outros senhores mediante a troca de benefícios levaram as autoridades a encontrar dificuldades em cumprir a lei.⁸⁶

A escrava Marta, fugiu no dia 22 de março de 1833, preferiu não sair do Recife, mas viver supostamente acoitada em casa de alguma pessoa no próprio espaço urbano. A referente cativa poderia estar residindo em um sobrado no Pátio do Carmo da esquina da Camboa.⁸⁷ Outra escrava que se utilizou da dinâmica populacional da cidade do Recife foi uma lavadeira, que, segundo o anunciante, se encontra pelas redondezas de Apipucos e “Varje”, prestando serviços do mesmo ofício naquela localidade, e consta que lava roupas em Apipucos, e Varje.⁸⁸

Wellington Barbosa da Silva, afirma que a cidade era composta por um contingente considerável de negros (cativos e livres), e as leis municipais tentaram, de várias formas, proibir ações dos negros no espaço citadino. Nesse contexto, a polícia urbana era a responsável por manter o “ordenamento físico, à higiene e à segurança pública; a organização das atividades urbanas, inclusive as atividades econômicas; e o disciplinamento do comportamento em via pública.”⁸⁹

Mesmo com a vigilância imposta pelas autoridades do Recife, os negros foragidos conseguiam de certa forma driblar o sistema repressivo dentro e fora da urbe. Foi o caso de um moleque que empreendeu sua fuga em abril de 1830. O seu senhor alega que ele devia estar acoitado em alguma tenda de sapateiro, já que o escravo era portador do mesmo ofício.⁹⁰ Como o cativo tinha o ofício de sapateiro, ele poderia exercer sua função em troca de algumas regalias, que possivelmente com o seu senhor não teria. Os bairros centrais do Recife eram onde havia maior concentração de pessoas de cor, que exerciam diversas funções, prestando seus serviços aos senhores. No Gráfico 1, pode-se ver o número de negros no Recife:

Gráfico 1 – População livre e escrava da cidade do Recife em 1828

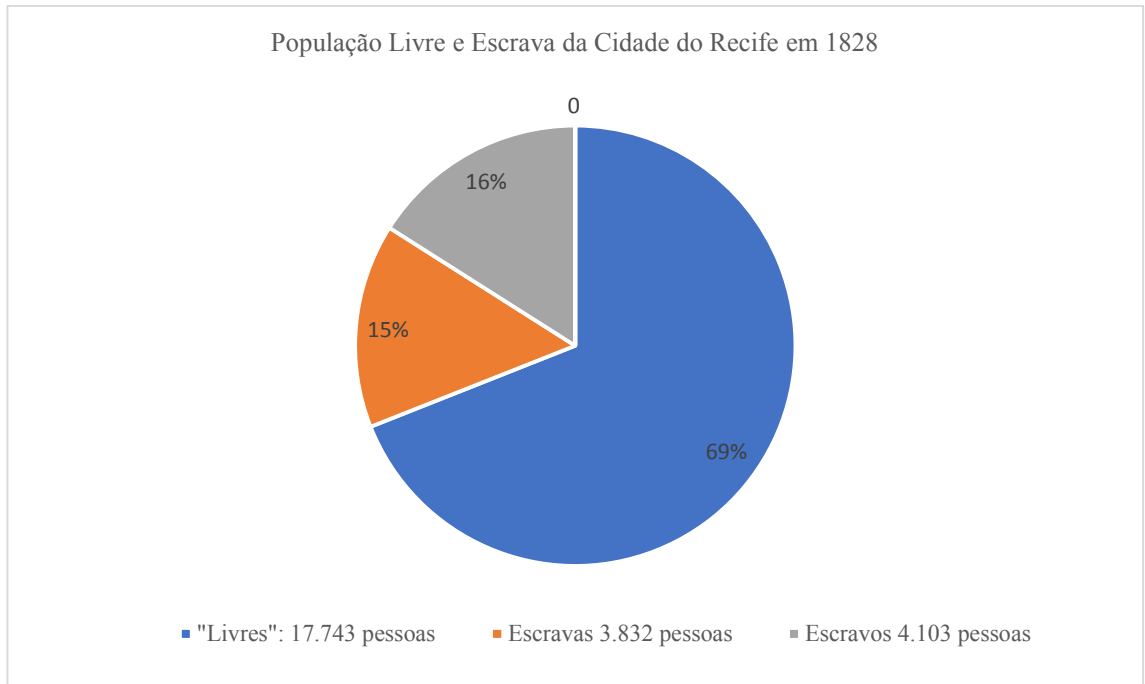
⁸⁶ ARRAIS, 2004, p. 413.

⁸⁷ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 30 mar. 1833, n. 073.

⁸⁸ *Ibid.*, 30 mar. 1833, n. 073.

⁸⁹ SILVA, Wellington Barbosa da. Burlando a vigilância: repressão policial e resistência negra no Recife do século XIX, 1830-1850. *Revista África e Africanidade*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, maio 2008.

⁹⁰ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 31 ago. 1830, n. 465.



Fonte: CARVALHO, 2010, p. 52.

A cidade do Recife, durante a primeira metade do século XIX, era uma das cidades com um quantitativo de negros e negras significativo. Cidades como Recife, Salvador e o Rio de Janeiro eram consideradas cidades negras, isso pelo elevado número de negros que circulavam por esses espaços urbanos, buscando sempre um esconderijo para se manter longe do cativo.⁹¹ Como no caso do escravo Domingos, que fugiu no dia 19 de fevereiro de 1832, e foi visto a tarde do mesmo dia no Manguinho e no outro dia em uma venda por trás dos Martírios⁹²

Entre os bairros centrais do Recife, havia uma concentração expressiva de pessoas de cor, sendo uma área extremamente povoada. Essa concentração era considerada uma ameaça constante ao processo de modernização, em razão da circulação de negros e negras que faziam do espaço urbano um local de sociabilidade tentando reconstruir seus laços culturais destruídos pelo tráfico atlântico de escravos.

Os escravos com ofício estiveram presentes nos anúncios do Diário de Pernambuco. O cativo era visto como uma mercadoria,⁹³ assim, os jornais traziam em seus anúncios a recompensa pela captura do foragido. O cativo Simão, que tinha o ofício de sapateiro, o negro estava abordo do Brigue quando fugiu na noite do dia 16 para o 17 de março de 1830, levou um

⁹¹ FARIAS, 2006, p. 33-43.

⁹² HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 27 fev. 1832, n. 321.

⁹³ LIBBY; PAIVA, 2005, p. 18-24.

chapéu de oleado novo, calças e camisa de algodão, porém pode ter mudado de traje por que levou dinheiro.⁹⁴ Além disso, o escravo Simão, por ter um ofício, era valorizado no mercado escravocrata, por isso, uma das preocupações do seu dono era recuperá-lo. Para isso, o anunciante colocou como requisito a quem o entregar a Antônio Joze de Amorim, na rua da Cruz, nº 22, receberia uma gratificação de 20 mil réis.

Na cidade do Recife, os negros praticavam uma gama de serviços como alfaiate, pedreiro, canoeiro, comércio, ourives, pescador entre outros ofícios. Os senhores de escravos, ao anunciarem as escapadas dos cativos no *Diario de Pernambuco*, colocavam entre suas características os determinados ofícios que tais negros tinham.

As funções que os cativos desempenhavam eram importantes para a economia do seu senhor, porque os trabalhadores urbanos especializados, inclusive mulheres, costumavam valer mais que o da roça, pois eram muitos rentáveis.⁹⁵ Por essas circunstâncias, o escravo urbano detentor de algum ofício, quando fugia, causava certa perda para seu senhor. Por isso, os anúncios publicados no *Diario de Pernambuco* eram importantes para a captura do foragido.

O Recife era uma das rotas de fuga dos cativos, o que poderia estar ligado à concentração da população negra nos bairros centrais da cidade. Nessa perspectiva, muitos dos cativos foragidos escolhiam a capital de Pernambuco para se manterem escondidos e livres do cativo; mesmo com a tentativa de as autoridades impor uma vigilância perante a população mais pobre, os negros escravizados que fugiam dos seus senhores conseguiam manter-se escondidos dentro da cidade. O cativo Estevão quando empreendeu a sua fuga foi visto andando em Água Fria e Beberibe, o anunciante pede a quem o pega leve a rua Madre de Deus nº 195.⁹⁶

À proporção que a cidade ampliava o seu espaço urbano, as relações entre o senhor e o cativo ou liberto também foram modificando-se. Os negros libertos e os foragidos que viviam na área da urbe passaram a ser uma ameaça constante para as elites que defendiam uma cidade “civilizada” longe dos maus costumes que eram atribuídos às camadas mais baixas da sociedade, principalmente os negros que, no espaço urbano, desenvolveram seu modo de vida e de sobrevivência, tornando-se, assim, uma ameaça para os senhores urbanos.⁹⁷

Mesmo com todo processo urbanístico pelo qual a capital pernambucana vinha passando, não inibiram os negros e negras de empreenderem suas fugas. Um escravo de nome

⁹⁴ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 19 abr. 1830, n. 363.

⁹⁵ CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. Cidades escravistas. In: SCHWARCZ, Lília M; GOMES, Flávio. *Dicionário da escravidão e liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 156-162.

⁹⁶ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 26 jun. 1832, n. 412.

⁹⁷ *Ibid.*, p. 297.

Antônio foi visto na estrada de Porto de Pedra vindo em direção ao Recife.⁹⁸ O negro certamente teria informações de que ali havia uma concentração populacional e de um comércio que atraía milhares de trabalhadores braçais.

Essas fugas para o interior da urbe eram constantes, uma parte dos escravos foragidos teria como destino de refúgio os bairros centrais da capital pernambucana e seus subúrbios. Como foi o caso da negra Marcelina que, há três anos se encontrava foragida, e segundo relatos estava escondida em Beberibe.⁹⁹ Um escravizado chamado Matheus, se evadiu da casa do seu senhor Victoriano Pereira Maia, residente na Paraíba, foi visto no Recife e na cidade de Olinda.¹⁰⁰ Mesmo os cativos foragidos, sabendo dos riscos que corriam, como serem capturados e sofrer as punições, a exemplo de castigos físicos, não deixaram de lutar contra o cativo.

As fugas para o Recife tiveram um número significativo. Isso poderia ser explicado em razão do número de pessoas de cor que residia nos bairros centrais da urbe. Além disso, podemos compreender a cidade como um local de urbanidade, onde os negros e alguns brancos se articulavam formando uma rede de sociabilidade que poderia cominar em uma ajuda mútua, seja ela através do acoitamento dentro de uma residência, no estabelecimento comercial ou até mesmo dentro da própria cidade. A cativa Luiza, que empreendeu sua fuga em 1828, segundo o relato do seu senhor, poderia estar acoitada em alguma casa prestando serviço.¹⁰¹ Isso demonstra que a prática do acoitamento era constante na sociedade escravocrata, e alguns membros dessa sociedade se aproveitavam da fuga de escravos e ofereciam apoio, esconderijo e, em troca, alguns desses foragidos ofereciam-lhes seus serviços.

O cativo Lúcio, que fugiu no dia 20 de fevereiro de 1831, foi visto no Recife na companhia de João Cambadinho e Roberto, este último desertor do Batalhão 18, o escravo Lúcio dizia a todos que era forro.¹⁰² Os dois primeiros supostamente eram escravos que fugiram do seu senhor e encontraram Roberto, que poderia conhecê-los há um bom tempo ou não. Roberto, que era considerado um desertor do Batalhão 18, poderia ser um daqueles que se rebelaram contra o sistema opressor dos quartéis, e pela falta de pagamento do soldo, logo após o fim da revolta conhecida como Setembrizada,¹⁰³ não mais retornou ao quartel.

O que nos chama mais a atenção é como esses cativos conseguiam forjar a vigilância imposta pelas autoridades e dos senhores, pois mesmo com todo aparato policial e os fiscais, os

⁹⁸ *Ibid.*, 19 abr. 830, n. 363.

⁹⁹ *Ibid.*, 6 abr. 1830, n. 354.

¹⁰⁰ *Ibid.*, 1.º out. 830, n. 502.

¹⁰¹ *Ibid.*, 20 jul. 1831, n. 154.

¹⁰² HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 16 mar. 1831, n. 060.

¹⁰³ CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. O encontro da “soldadesca desenfreada” com os “cidadãos de cor mais levianos” no Recife de 1831. *Revista Clio Histórica*, v. 1, n. 18. p. 109-137, 1998.

cativos conseguiam evadir-se do cativo, esconder-se e circular pela cidade como se fossem “livres”. Sobre o escravo Manoel Soares, que conseguiu fugir do seu senhor residente no bairro da Boa Vista, há informação de que o cativo esteja escondido na mesma localidade.¹⁰⁴ Essas fugas para o Recife levaram alguns donos de venda e também aqueles que residiam no Recife a se aproveitar da mão de obra dos escravos foragidos. Os negros conheciam determinadas fragilidades do sistema escravocrata, assim, tinham na cidade uma forma de manter-se foragidos com a utilização de suas sociabilidades.

Mesmo com a organização do espaço urbano ficando sob a responsabilidade da polícia urbana, que tinha como princípio manter o disciplinamento da urbe.¹⁰⁵ A negra Perpétua que costuma vender mel e azeite¹⁰⁶ conseguiu fugir do senhor, pois sua atividade favorecia contato com diversas pessoas, o que lhe possibilitava maior chance de se manter escondida, visto que ela circulava por diversos bairros da cidade.

Diante do crescimento urbano do Recife e da fiscalização imposta pela elite perante a população de cor e pobre, coube à polícia o papel de manter a ordem no espaço urbano. Mesmo com todo o controle que havia na urbe, os negros conseguiam empreender suas fugas e manterem-se foragidos por um determinado tempo. Portanto, os escravos foram agentes ativos da luta contra o cativo, e uma das formas de resistência era justamente a fuga que poderia ser por um determinado período ou definitivamente.

¹⁰⁴ *Ibid.*, 6 fev. 1832, n. 304.

¹⁰⁵ SOUZA, M., 2002, p. 162.

¹⁰⁶ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, jan. 1835, n. 581.

CAPÍTULO 2

OS ESCRAVIZADOS E A LUTA PELA LIBERDADE

O conceito de liberdade é um tema recorrente na história da humanidade, que, de certa forma, tem contribuído para o entendimento das lutas sociais travadas por homens e mulheres que viveram em determinadas épocas. Na sociedade contemporânea, a liberdade relaciona-se com a concepção de uma independência individual, em que um corpo social normatizado, na qual as pessoas são iguais perante a lei.

No Brasil oitocentista, os negros escravizados buscaram reconstruir sua soberania, nem que para isso tivessem de se rebelar contra seu senhor. Para eles, a liberdade é um processo de conquistas, que pode ou não ser adquirido ao longo de uma vida. Durante o período escravocrata os negros e os senhores estiveram em constantes conflitos que de certa forma minavam o sistema escravista. Os escravizados buscando melhorar a sua vida no cativeiro negociavam com o senhor na tentativa de adquirir alguns direitos, como não trabalhar aos domingos, poder sair para visitar um parente entre outros. Outras formas de conquista a liberdade eram as rebeldias, os quilombos e as fugas. É, portanto, um caminho a ser percorrido, e não uma situação estática e definitiva¹⁰⁷.

Nessa perspectiva os escravizados encontravam na fuga um meio de se manter longe do cativeiro, diante disso, conseguimos observar que os negros sempre estiveram presentes nos anúncios de jornais, em diversos contextos, como objeto que poderia ser vendido, alugado e foragido.¹⁰⁸ Nesse contexto, podemos compreender uma sociedade escravocrata que impôs sua autoridade àqueles de cor e teve como resposta o antagonismo dos negros que, não aceitando a imposição dos seus senhores, promoveram constantes reações ao sistema escravocrata, sejam elas em forma de conflitos, sejam em negociações. Contudo, muitos pesquisadores, como Gilberto Freyre e Lilia Moritz Schwarcz, entre outros, têm-se utilizado dessa fonte para fomentar novos estudos sobre a sociedade brasileira. Esses autores optaram por tratar de assuntos referente à escravidão no Brasil.

A produção textual dos anúncios demonstra que os senhores escravocratas tinham objetivos claros: anunciar a fuga e dar providência para a captura do escravizado que se encontrava foragido. Dessa forma, a concepção dos senhores e seu interesse em estabelecer um filtro por meio do qual os escravos foragidos são representados. Como afirma Roger Chartier,

¹⁰⁷ CARVALHO, 2010, p. 214.

¹⁰⁸ Ver FREYRE, 2012.

as fontes históricas têm interesse em sua produção e regras em sua construção que precisam ser conhecidas.¹⁰⁹ Por essa razão, é que podemos fazer uma análise dos escravos foragidos anunciados em um dos periódicos mais importantes do século XIX, que traz a representação do negro de forma estereotipada em uma sociedade escravista, contribuindo de maneira significativa para a compreensão do contexto social em que tais populações estavam inseridas.

As fugas dos escravizados anunciadas no Diário de Pernambuco, durante a década de 1830, são uma demonstração da luta dos cativos por sua liberdade. Por meio dessas informações, podemos compreender o antagonismo dos negros e negras contra o sistema escravista. Ao analisarmos esses anúncios, encontramos diversas estratégias utilizadas pelos foragidos, que para se manterem longe do cativo, utilizaram-se do espaço urbano, das matas, formando suas redes de solidariedade alegando que eram forros, deslocando-se para outras localidades e até mesmo para outras províncias.

Esses mecanismos estiveram presentes nos anúncios de fugas de escravos publicados no periódico, demonstrando que os cativos sempre lutaram por sua liberdade. Mesmo com toda a vigilância à população negra permaneceram firme com sua resistência contra o sistema escravista, esteve presente durante a primeira metade do século XIX. Diante disso, é que este capítulo tem como proposta apresentar alguns dados extraídos do jornal, que, de certa forma, vêm contribuir com o debate sobre a escravidão no Brasil.

2.1 A fuga de escravos

A fuga era uma das formas que os escravizados encontraram na tentativa de obter dias melhores. Partiam em direção à mata ou à cidade, onde certamente teriam constituído sua rede de solidariedade. A construção da sua liberdade baseava-se na sua experiência, nas tradições de sua cultura. Em uma sociedade escravocrata, o cativo que desejasse construir sua liberdade não poderia fazer isso isoladamente, era preciso reconstruir seus laços culturais e sociais¹¹⁰. Na mata, o fugitivo teria de pertencer a uma comunidade alternativa: o quilombo. Aqueles que decidiam ir para os centros urbanos teriam de contar com a reciprocidade de alguns moradores dessas localidades.¹¹¹

¹⁰⁹ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002. p. 71.

¹¹⁰ CARVALHO, 2010, p. 214-235.

¹¹¹ *Ibid.*, 2010, p. 214-235.

Essas redes de relações eram fundamentais na vida do cativo, pois, por meios delas, mantinham sua humanidade social, diante da opressão do sistema escravocrata. O senhor, em determinados momentos, cedia à pressão dos cativos concedendo-lhes alguns benefícios. Quando esses acordos eram quebrados, os cativos promoviam suas rebeldias, tendo a fuga como uma delas.¹¹²

A historiografia afirma que as matas e suas proximidades eram um dos destinos dos fugitivos, pois os negros que circulavam nessas regiões desenvolviam diversas atividades. Possivelmente, teriam sua residência na floresta, local onde havia um grande número de negros principalmente na região norte da Província de Pernambuco, onde estava situado um dos principais redutos de escravos foragidos, o Quilombo do Catucá.

Imagem 3 – Mapa do Quilombo do Catucá



Fonte: CARVALHO, 2012, p. 467.¹¹³

¹¹² LIBBY; PAIVA, 2005, p. 48-49.

¹¹³ CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. O quilombo de Malunguinho, o rei das matas de Pernambuco. In: REIS, João José; GOMES, Flavio dos Santos (Org.). Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil. São Paulo: Claro enigma, 2012, p. 465 – 493.

O quilombo do Catucá foi uma dessas localidades de resistência negra contra a escravidão; essa floresta serpenteava a área mais populosa da Província, ao norte do Recife, cortada por muitas estradas e picadas. Ela começava nos limites de Beberibe, antigo subúrbio do Recife, passando por São Lourenço, Paratibe até o povoado de Tejucupapo, chegando às proximidades de Goiana.¹¹⁴

Segundo o anúncio publicado no periódico, quando o negro Ignácio empreendeu a sua fuga, provavelmente foi para o mato. Nos engenhos próximos a mata o escravizado prestava serviços de carreiro, capina e serrador.¹¹⁵ Outro escravo que teve como suposto destino a mata foi João. O periódico traz a informação de que o negro poderia estar no mato, o anunciante suspeitava que o cativo estivesse na floresta trabalhando como cortador de capim e lenha enquanto outros eram responsáveis pelo transporte do material coletado pelo escravizado.¹¹⁶

Os senhores desses dois cativos suspeitavam que os foragidos estivessem escondidos no mato, local habitado por negros e outros seguimentos da sociedade. Além disso, a área contava com certa quantidade de engenhos, como afirmaram os respectivos donos dos cativos Ignácio e João, indicando que os cativos poderiam estar prestando serviços na floresta e nos engenhos. Em alguns casos, os senhores tinham conhecimento da suposta localidade onde seu cativo estava escondido. Essa informação era noticiada pelo jornal, que deixava todos aqueles que viviam da captura de escravos foragidos cientes sobre tais indivíduos. A promessa de uma gratificação era um estímulo para quem levasse o foragido até o endereço posto no anúncio.¹¹⁷

A historiografia ressalta que as fugas de escravos poderiam ter vários significados e estratégias. Flávio Gomes destaca algumas dessas possibilidades, visitar amigos, parentes, reconstruir os laços culturais, encontrar novos senhores, reencontrar senhores antigos. Nesta pesquisa encontrei alguns casos semelhantes aos descritos por Flávio Gomes; o escravo Joaquim encontrava-se foragido há quase quatro anos, foi capturado em 1830 e levado à cadeia de Olinda. A notícia de sua prisão chegou até o seu senhor que publicou um anúncio no *Diário de Pernambuco*, destrinchando uma estratégia que possibilitou uma nova fuga do cativo. A sogra de Antonio Fernandes Chaves, o escova-botas, um troca-tintas, um João-ninguém, era a mulher que acoitava o escravo foragido Joaquim.¹¹⁸ Ela enviou um emissário à casa do juiz de Paz para tentar recuperar o cativo Joaquim, afirmando ser sua dona, mas a estratégia não deu

¹¹⁴ CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. O quilombo do Catucá em Pernambuco. *Caderno CRH*, Salvador, n. 15, p. 5-28, jul./dez. 1991. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/viewFile/18823/12193>. Acesso em: 16 maio 2018.

¹¹⁵ HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 2 ago. 1830, n. 443.

¹¹⁶ *Ibid.*, 7 jul. 1831, n. 143.

¹¹⁷ GOMES, 1996, v. 1, p. 67-93.

¹¹⁸ CAMELO, Paulo. *Dicionário do falar pernambucano*. Olinda: Babecco, 2014. p. 125.

certo, e o escravizado empreendeu nova fuga, que foi anunciada no periódico. Na tentativa de encontrá-lo, o seu senhor prometeu uma recompensa de 20 mil réis, acreditando que teria retornado à casa da sogra do escova-botas localizada no Janga. Portanto, o dono do negro Joaquim prometeu que agiria com o rigor da lei contra a mulher, a sogra e mais moradores da casa.¹¹⁹

O foragido Joaquim exercia os ofícios de canoeiro e pescador, o que poderia ter facilitado sua permanência longe do cativo durante quase quatro anos, tendo empreendido a sua fuga, por volta do ano de 1826. Como os negros canoeiros eram responsáveis pelo transporte de produtos e pessoas, conduzindo sua canoa por diversas localidades da Província de Pernambuco, teriam contato uns com os outros, que, em certos momentos, formavam suas redes de solidariedade, ajudando membros do seu grupo e outros cativos a fugir. Para os senhores, os negros canoeiros eram uma ameaça constante, pois com sua mobilidade pelos rios conseguiam ajudar diversos cativos a fugir para locais distantes, por isso as autoridades mantinham uma forte vigilância sobre eles.¹²⁰

Os escravizados sabiam da sua importância para a manutenção da vida econômica de seus algozes. Para manter seus direitos conquistados com muita luta, os negros, em diversas situações, utilizavam-se das fugas.¹²¹ Em alguns casos, os cativos fugiam por período curto de tempo. Esse mecanismo poderia ser considerado um mecanismo de resistência, tendo como um dos objetivos melhorar a condição de trabalho e de vida ou outras questões que envolviam a convivência nas senzalas.¹²²

A relação entre os escravizados e os senhores era de constantes conflitos, os negros e negras viviam em um embate constante pela sobrevivência. Quando eles eram obrigados a trabalhar aos domingos e dias santos, por exemplo, manifestavam sua rebeldia mesmo sabendo que poderiam ser castigados, pois os cativos sabiam que a Igreja proibia tais práticas em determinados dias.¹²³

Em muitas situações, outros negros e negras escravizados que buscaram empreender sua fuga para viverem livres, teriam de enfrentar diversas dificuldades que encontrariam dentro ou fora da cidade. Uma dessas dificuldades era justamente a vigilância das autoridades. Por outro lado, quando as elites estavam envolvidas em conflitos, era nesses momentos que os cativos encontravam um afrouxamento na vigilância das autoridades, planejavam as evasões, que, na

¹¹⁹ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 16 ago. 1830, n. 453.

¹²⁰ CARVALHO, 2010, p. 37.

¹²¹ REIS, João José. “Nos achamos em campo a tratar da liberdade”: a resistência negra no Brasil oitocentista. *In*:

¹²² REIS; SILVA, 2009, p. 62-66.

¹²³ LIBBY; PAIVA, 2005, p. 48-49.

configuração social da escravidão, teria certa relação com quebra de acordos, o excesso de castigos.¹²⁴

Durante nossa investigação, encontramos 3.043 anúncios de evasão de escravos que foram divulgados no jornal. A maioria empreendeu fuga sozinho, somando um total de 2.913, ou seja, 95,7% dos cativos. Um desses foi o negro Antonio, com 30 anos de idade, bem preto, estatura regular, cheio, pouca barba, andar miúdo. No braço esquerdo, junto do ombro, uma cicatriz de talho, e em ambas as nádegas uma malha branca, fugido há 15 meses do Engenho Alto de João Félix, Freguesia de Sirinhaém. O local de sua entrega em caso de captura era no mesmo engenho ou no Sítio da Piranga, Freguesia da Várzea, que tinha como responsável o senhor Jerônimo Barreiro Rangel.¹²⁵ Outro cativo que resolveu fugir sozinho foi o moleque Francisco, com idade de 14 anos, de Nação Moçambique, com serra desde a testa até a ponta do nariz, com a recomendação de que os apreendedores devem levar à Rua da Cruz, n.º 12.¹²⁶

A imprensa pernambucana teve um papel fundamental na luta contra os rebeldes negros. Esses sujeitos que impuseram uma forte resistência contra o cativo, que se refletia nas fugas. Pelos dados levantados, podemos perceber que o periódico em questão contém um quantitativo considerável de negros e negras que se evadiram dos respectivos cativos, demonstrando um constante embate entre os escravizados e os brancos, detentores de escravos.

Alguns anúncios de fugas foram repetidos várias vezes, dando a entender que o senhor escravocrata queria de qualquer forma recuperar sua mercadoria que se encontrava longe do cativo. Uma dessas publicações foi o do moleque Elias, que teve sua evasão divulgada em quatro edições do jornal *Diário de Pernambuco* (n. 443, 445, 447, 449), em um intervalo de 2 meses para cada publicação. Esse anúncio dizia o seguinte:

Elias, mulato de 15 a 16 anos, cabeça grande, dentes da frente limitados, bem feito de corpo, muito esperto, e levou com sigo um cavalo de estribaria pronto de um tudo e até um par de esporas de prata, o qual tem os sinais seguintes na sarnelha tem um risco de cabelo branco que foi de gerimú de idade 5 anos, cor cardão imitando ruço sujo cauda curta, esquipa, e lhe passeiro e furta passeiro: os apreendedores levem-no a rua do Colégio a Bernardino Antonio Domingos que terá 40\$000 rs. De gratificação e sendo pessoa que não queira pega e só sim denuncia-lo terá 20\$ rs. O mesmo adverte que procederá com todo rigor da Lei contra quem o tiver acoitado.¹²⁷

¹²⁴ REIS; SILVA, 2009, p. 62-66.

¹²⁵ HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 31 mar. 1831, n. 070.

¹²⁶ *Ibid.*, 2 maio 1831, n. 094.

¹²⁷ *Ibid.*, 9 ago. 1830, n. 443.

As diversas divulgações sobre a fuga do mulato Elias, trazia mais informações do cavalo, que, por sinal era um bem caro, de um valor comercial considerável, servindo como um meio transporte para diversos fins, como animal de tração, no transporte de pessoas e produtos, isto aumentava a preocupação do anunciante em encontrá-los, pois, levando em consideração o valor comercial do cavalo e do escravizado. Isso certamente traria um prejuízo financeiro em caso dele não ser encontrando. Esse fato poderia ser uma das causas que fizeram o dono do escravo Elias insistir na divulgação do desaparecimento do cativo.

Outra preocupação do senhor era que o cavalo poderia ser usado como meio de transporte, o cativo poderia se deslocar com mais rapidez por diversas áreas da Província de Pernambuco e até mesmo ter-se deslocando para outras regiões do Império. Contudo, o senhor do moleque Elias poderia estar apreensivo quanto à questão de o escravizado ter ido para um local distante, e assim não o encontrar mais. Uma das alternativas para tentar capturar o foragido foi justamente as publicações em diversas edições do jornal com a promessa de uma gratificação de 40\$000 réis a quem o entregasse na Rua do Colégio ao senhor Bernardino Antonio Domingos, mas havia também uma gratificação de 20\$000 réis para quem do cativo tivesse notícia.

Outro anúncio de fuga que também se repetiu foi o da cativa chamada Damianna teve sua fuga anunciada durante cinco edições do periódico (n. 226, 228, 230, 231, 231, 233), trazendo as seguintes informações:

Damianna, crioula, 18 anos, com marcas de fogo pelas costas, magra, e também chicotadas, magra, muito regrista, estatura ordinária, e não mal parecida, tem uma marca ou cicatriz nasceram alguns cabelos; foi escrava do Snr. Garlhado, e seu genro o Snr. João Luiz da Silva: fugiu vestida de vestido de caça, saia preta no [...] de lila, e çapatos verdes no domingo 15 do corrente novembro: levem-na Rua da Roda, no sobrado que foi casa dos expostos, ou na rua do Cabugá defronte da loja de cera sobrado encarnado, ou na Cruz d'Alma no sitio em que deram um tiro no Desembargador Gustavo, que serão bem recompensados.¹²⁸

Nessa última edição em que foi publicada a evasão da escravizada Damianna, seu senhor acrescentou mais informações sobre as características físicas da crioula: marcas de chicotadas, teria uma marca ou cicatriz que foi encoberta pelo crescimento do cabelo. Em alguns casos, os anúncios repetidos traziam um novo dado sobre o escravizado.

Para aqueles desejavam capturar negros foragidos, era necessário ter o máximo de informações sobre o escravizado, neste contexto, o periódico era uma das melhores fontes, pois

¹²⁸ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 28 nov. 1831.

os anúncios de evasões, na grande maioria, vinham com as características físicas, ofício, objetos levado pelo escravizado, entre outros elementos, que era uma tentativa de os senhores escravocratas reaverem seu escravo ou escrava que se encontrava fora do cativeiro. As características físicas eram descritas com detalhes, levando aos leitores todos os sinais e marcas que pudessem identificar o negro fugitivo.¹²⁹

O cativo João Ricardo, que teria como características os seguintes sinais: alto, delgado, olhos grandes, nariz atilado, uma orelha furada, gaforina alta, pouca barba, e no pulso esquerdo três cicatrizes de estocadas, com ofício de cozinheiro. Os apreendedores deveriam levá-lo à Rua Velha, n.º 20.¹³⁰

A crioula Victoria fugiu da casa do seu senhor no dia 30 de janeiro de 1832. Seu anunciante não informa se dará gratificação aos que a encontrarem, mas acrescenta informações que possibilitariam a captura da negra, conforme descreve neste trecho:

Victoria, crioula, idade 20 anos poucos ou menos, boa estatura, magra, falta-lhe um dente adiante, pés cambados pernas algum tanto arguidas, as costas marcadas de cicatrizes de chicote, peitos caídos, mãos grossas, muito regrista, e não é bem preta, levou uma saia nova de chita a sul da Fábrica com ramos brancos a tirada pelo ombro, e não levou camisa também somente embrulhada em um lençol de brim grosso já usado, ausentou-se de casa de seu Snr. em 30 de janeiro: os apreendedores, dirigiam-se a estrada da Trempé para a Soledade, casa que envidraçada, que faz frente paro o sítio, que foi do falecido Pedro Jorge, assim como se protesta desde já ir com todo o rigor da Lei, contra quem a tiver acoitada.¹³¹

A negra Victoria é apresentada no anúncio como crioula, idade por volta de 20 anos, com alguns “defeitos físicos” e com marcas de chicotadas. O anunciante solicita aos apreendedores que a levem à sua residência na Estrada do Trempé. Afirmava para aqueles que a acoitaram iria agir conforme a lei. O acoitamento era uma prática muito comum na sociedade escravista, mesmo com o rigor da lei, que considerava criminoso todos aqueles que dessem proteção ou abrigo a escravos foragidos.¹³² Muitos se utilizavam dos cativos que deixaram a casa dos seus senhores e encontravam apoio em diversas localidades ou residências. No caso da escrava Victoria, como bem desconfia seu senhor, ela poderia estar na casa de alguém

¹²⁹ BASTOS, Ana Karine Pereira de Holanda. *O léxico dos anúncios de Escravos nos jornais do Recife do século XIX, 1853-1855*. Orientadora: Nelly Medeiros de Carvalho. 2007. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. p. 61-64.

¹³⁰ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 11 jul. 1831, n. 143.

¹³¹ *Ibid.*, 1.º fev. 1832.

¹³² BRASIL. **Lei de 16 de dezembro de 1830**. Manda executar o Código criminal. Rio de Janeiro, 1830. Coleção de Leis da República Federativa, Rio de Janeiro, 1830. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM-16-12-1830.htm. Acesso em: 16 maio 2018.

trabalhando, assim receberia todos os cuidados para se manter foragida, pois nesse sentido haveria certa cumplicidade entre o acoitador e a foragida. Como o trabalho doméstico em boa parte era praticado por mulheres escravizadas, isso poderia ter facilitado a cativa Victoria encontrar esse apoio para se manter escondida.

A fuga da negra Victoria se relaciona com os maus-tratos que ela teria sofrido. As marcas de chicotadas nas costas da cativa é uma evidência da violência que ela sofria no cativeiro. Para se livrar da opressão na senzala, a escravizada preferiu fugir sem deixar vestígios do seu paradeiro. O anúncio não trazia nenhum suposto destino que a negra tomou.

Os escravos eram tratados de forma pejorativa, com seus defeitos, que os colocavam como algo inferior ao branco. Por outro lado, algumas publicações traziam aspectos físicos que de uma forma ou de outra valorizavam seu cativo, mostrando que o escravizado teria certos atributos, como aqueles que apresentavam um bom biotipo e ofícios conforme o exemplo abaixo:

Antonio, do gentio de Angola, 17 anos, sem barba, de boa estatura, bem feito, oficial de alfaiate, cabelos, e beiços revirados; fugiu no dia 15 do passado, com calça preta de sarja, jaqueta de chita de pintas miudinhas: a rua do Colégio loja de louças e vidros que será recompensado.¹³³

Esse anúncio de fuga, assim como outros, apresenta o escravo com boas feições, bem-feito de corpo e com ofício, mas, ao mesmo tempo, eram tratados de forma desumana, querendo demonstrar suas imperfeições de forma estereotipada ao se referir à sua cor, ao formato dos lábios, ou seja, o seu biotipo, que era uma forma de diminuir o negro como humano. Já no comércio escravista, os de pele negra eram tratados como uma mercadoria de grande valor.¹³⁴

O anunciante teria de traçar a aparência de um indivíduo para distingui-los dos demais que viviam pela cidade, facilitando, assim, sua identificação. Por esse motivo, os senhores de escravos, ao anunciar a fuga de um cativo, apresentavam detalhes sobre o comportamento. Além das características físicas, alguns comunicados traziam informações como a maneira de falar, de vestir, de andar, seus hábitos ou vícios.¹³⁵

As publicações de escravos foragidos no jornal demonstram a luta entre os senhores e os cativos. Os primeiros queriam reaver sua principal força de trabalho, que era tratada como uma mercadoria de grande valor. Os segundos teriam na evasão uma resistência contra o

¹³³ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 8 mar. 1833.

¹³⁴ BASTOS, 2007, p. 61-64.

¹³⁵ *Ibid.*, p. 61-64.

sistema escravocrata a que eram submetidos; esses fugitivos teriam destinos diversos, e um deles era justamente a cidade do Recife.

2.2 As fugas para dentro do Recife e seus subúrbios

Durante o século XIX, as atividades comerciais desenvolvidas por libertos, livres e escravos fazia do espaço urbano uma área de convívio social que, em muitas situações, eram abaladas por conflitos entre as elites ou com as camadas subalternas.¹³⁶ O aumento da vigilância e das restrições às massas populares eram um desdobramento, lógico, decorrente do processo de organização do Estado Nacional. A política de controle social levou a criação de uma série de instâncias e leis que visavam controlar aqueles que atentassem contra a ordem e a tranquilidade pública.¹³⁷

Mesmo com todo o controle social imposto pelas autoridades, os escravizados conseguiam evadir-se do seu local de trabalho, contudo 82,1% dos anúncios não traziam informações dos possíveis locais onde o negro ou negra poderia estar. Enquanto nos outros 17,9% dos anúncios, constavam o destino que eles teriam tomados para se refugiar, e o Recife e seus subúrbios apareciam como uma dessas regiões. Foi o que ocorreu com o cativo João, que resolveu ir para as bandas de Beberibe, onde era acostumado a ir todos os dias cortar lenha.¹³⁸ Já o moleque Cipriano, fugido no dia 9 de abril de 1830, havia notícias de ter entrado no Arco da Conceição dessa cidade.¹³⁹

Os números trazidos pelo Gráfico 2 demonstram que os bairros, os subúrbios e as matas eram uns dos destinos daqueles que queriam viver longe do cativeiro; as fugas para dentro do Recife tiveram um total de 59. Um desses foi o mulato João, com o ofício de sapateiro, que fugiu do Engenho Saué na Freguesia do Una, em fevereiro de 1835, seu senhor julga que ele teria vindo para essa praça, pois é natural dessa terra.¹⁴⁰ Outros escravizados preferiram ir se esconder fora dos bairros centrais da capital pernambucana, utilizando-se dos subúrbios com a intenção de se manterem foragidos, contabilizando 39 evasões de escravizados, enquanto as matas aparecem 18 vezes. Levando em consideração o número dos foragidos que foram

¹³⁶ CARVALHO, 2010.

¹³⁷ SANTOS, L., 2008, p. 94-115.

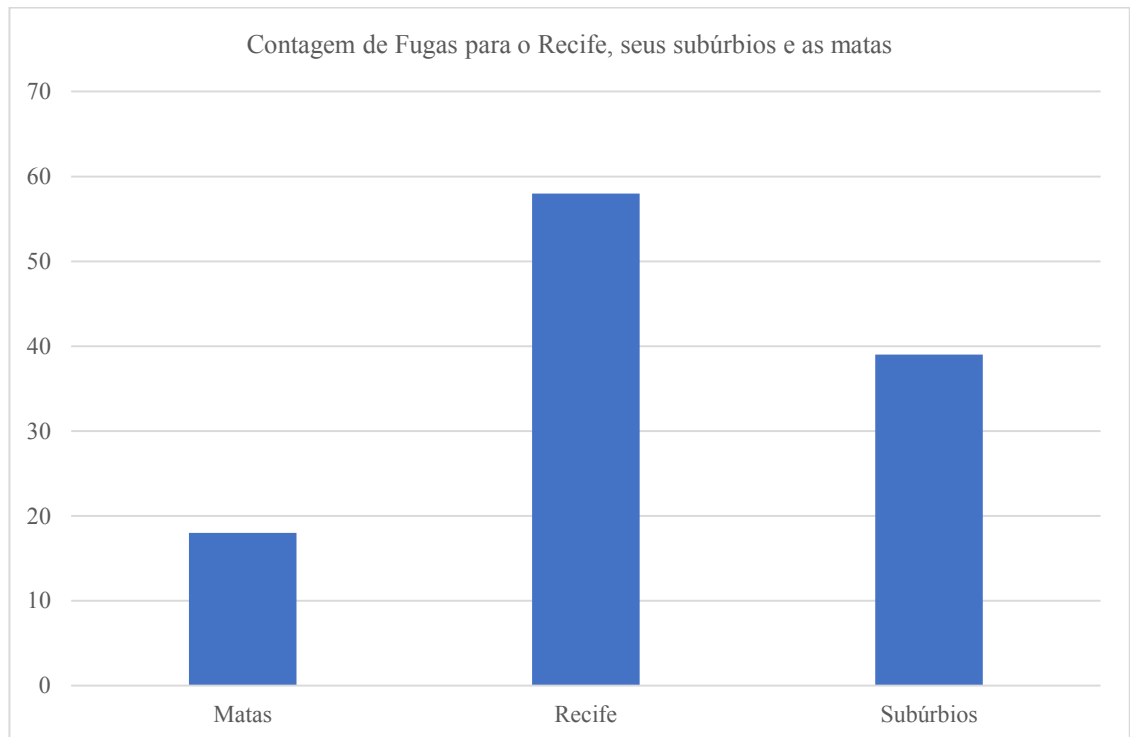
¹³⁸ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 6 abr. 1830, n. 354.

¹³⁹ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 14 abr. 1830, n. 358.

¹⁴⁰ *Ibid.*, 4 set. 1835, n. 165.

anunciados no periódico, poucos traziam informações dos supostos destinos dos escravizados foragidos.

Gráfico 2 – Fugas para o Recife, seus subúrbios e para as matas



Fonte: Dados extraídos da Hemeroteca Digital. *Diário de Pernambuco 1830-1839*. Anos pares, meses pares, anos ímpares, meses ímpares desse período.

Os termos utilizados pelos senhores como natural da terra são para informar ao leitor que o negro nasceu em território brasileiro. O mulato João, por ser natural da terra, sabia falar o português. Com isso, o cativo poderia ter maior facilidade em se comunicar com a população que circulava na urbe. Levando-o a ter contato com os cidadãos, que se aproveitavam da mão de obra dos escravos foragidos, e, quando estes tinham algum tipo de ofício, poderiam encontrar serviços em lojas e tendas em troca de uma suposta liberdade, mesmo que esta fosse provisória, ou seja, de curto período.

Comparando a evasão dos cativos que tiveram como destino as matas com aqueles que se refugiaram no espaço urbano do Recife, a diferença é muito grande; uma parcela desses cativos tiveram como destino as florestas, poderia ter-se dirigido para a mata do Catucá, mais houve cativos que recorreram a essas duas localidades para se manterem foragidos, como ocorreu com o cativo José, que utilizou tanto a floresta quanto o espaço urbano com objetivo de se manter foragido. O escravo esteve acoitado nas matas do sítio do Cordeiro protegido pelos

escravos do mesmo sítio, foi para o Catucá, voltou para o Recife, foi visto na Praça da Boa Vista, vendendo capim, no pelourinho praticava o serviço das caixas, e ultimamente, no aterro dos Afogados, vestindo uma camisa suja de sangue no ombro, com uma gamela na cabeça, indicando que estava trabalhando em um açougue.¹⁴¹

A movimentação do foragido José não passou despercebida pelas pessoas que circulavam pela mata e pelo espaço urbano. De alguma forma, as informações sobre seu paradeiro chegaram até o seu senhor, o cirurgião Peixoto, que seu cativo esteve no mato e depois se dirigiu para a urbe. A estratégia utilizada por José, foi de permanecer pouco tempo em determinadas áreas; com aproximadamente um ano de fuga, o cativo circulou por três regiões da capital pernambucana. Segundo a divulgação do periódico, o foragido conseguiu apoio de outras pessoas por onde passou, conseguindo manter-se foragido, mas o senhor conseguia obter informações do local onde o cativo estava.

Como a urbe estava expandindo-se, os negros encontravam refúgio em várias regiões da capital pernambucana, pois mesmo as autoridades impondo sua vigilância, as chances de um escravo permanecer fora do cativeiro eram relativamente grande se levarmos em consideração os aspectos geográficos da cidade, da Província e os conflitos que, durante a década de 1830, foram constantes. Quando um escravizado empreendia a fuga, era um sinal de que havia um afrouxamento das autoridades, mas, por outro lado, as estratégias e as articulações entre os de cor contra a sociedade escravista demonstravam que os escravizados traçavam seus planos na tentativa de deixar o cativeiro.

As notícias sobre os escravos foragidos trazidas pelo periódico se utilizavam do termo praça para destacar que eles estavam na cidade, só que em local indefinido. Com relação à negra Thereza, de Nação Benguela, seu senhor tinha informações de que a escrava andava nessa praça.¹⁴² Esse fato nos remete a uma das estratégias utilizadas pelos cativos, pois como o Recife era uma das cidades mais populosas do Império brasileiro, com suas ruas, becos e povoados, a negra poderia estar em qualquer um desses lugares, pois a circulação da foragida pelo espaço urbano dificultava sua captura. O cativo Joze da Costa foi visto em várias partes da cidade como relatou o anunciante:

Joze da Costa, nação Mina, bem preto, alto magro, com talho no rosto, desdentado, é boleiro, e pode ser que se tenha empregado a corta capim para as partes da Magdalena, ou Beberibe, estacionando-se a noite na Praça da Boa Vista, ou que ande vagabundando a fazer chapéus na forma do seu costume, e

¹⁴¹ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 28 mar. 1831, n. 067.

¹⁴² *Ibid.*, 9 jun. 1830, n. 401.

ausentou-se a 2 do corrente; Os apreendedores levem a seu Snr. Vicente Ferreira dos Guimarães Peixoto, na rua da Laranjeira D. 9, que serão bem recompensados.¹⁴³

O negro Joze da Costa, que fugiu no dia 2 de junho de 1830, durante sua permanência fora do cativeiro, conseguiu trabalho como cortador de capim nos bairros da Madalena e de Beberibe. À noite se dirigia à Praça da Boa Vista; outra atividade que escravizado desenvolvia era o de fazer chapéu. Com essas atividades e sua mobilidade por essas localidades podia manter-se fora do cativeiro.

Nos anúncios que investigamos, fica evidente que alguns negros e negras que empreenderam suas fugas encontraram no Recife, as possibilidades de permanecerem longe do cativeiro. Dependendo das suas estratégias, o escravizado que se encontrava foragido poderia passar longos períodos fora da senzala; mesmo que estivesse nas proximidades de onde fugiu, era possível manter-se escondido nessa cidade. A negra Thereza, com 30 anos de idade, fugiu nas vésperas do entrudo (carnaval). A publicação de sua fuga indicava que ela estava oculta em alguma casa na Rua do Rosário Conceição, na Boa Vista, ou em Santo Amarinho, por onde teria sido vista.¹⁴⁴ O entrudo era o período do ano em que as pessoas se despojavam dos seus afazeres para se envolverem em brincadeiras que consistiam em atirar líquidos uns nos outros, considerado como a primeira manifestação do carnaval brasileiro.¹⁴⁵

Os locais como as tabernas e os batuques¹⁴⁶ atraíam a massa populacional para o divertimento e poderiam tornar-se perigosos. O contato entre a população negra atraía a atenção das autoridades, porque era nessas localidades que havia a possibilidade de os escravizados e os de cor promoverem suas articulações e rebeldias contra o sistema escravista. Como a negra Thereza, foi vista em três locais diferentes no Recife, havia possibilidade de ela estar se utilizando desse momento festivo (entrudo) para envolver-se nas brincadeiras de rua, deslocando-se entre os três bairros que foram informados pelo seu senhor.

Os bairros centrais do Recife eram onde se concentrava uma parte considerável do comércio, muitos cativos exerciam seus ofícios como escravos de ganho, trabalhando em casas, em tendas de alfaiates, como sapateiro entre outros. Boa parte desses estabelecimentos estavam localizados nas áreas centrais da capital pernambucana, os escravizados que prestavam seus

¹⁴³ HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 14 jun. 1830, n. 404.

¹⁴⁴ *Ibid.*, 21 maio 1835, n. 086.

¹⁴⁵ SANTOS, Lídia Rafaela Nascimento dos. *Das festas aos botequins: organização e controle dos divertimentos no Recife 1820-1850*. Orientador: Marcus Joaquim Maciel de Carvalho. 2011. 144 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011. p. 46-58.

¹⁴⁶ SANTOS, L., 2008, p. 94-115.

serviços para esses senhores, quando resolviam abandonar seu trabalho, preferiam permanecer nas suas proximidades. A crioula Marta fugiu no dia 22 de março de 1833; segundo as informações publicadas no periódico, seu senhor tinha certeza de que a escrava não teria saído dessa praça,¹⁴⁷ ou seja, dessa cidade.

O caso da crioula Marta é um dos muitos anúncios de fuga de escravos que encontramos no decorrer da pesquisa; negros e negras escravizados que, quando fugiam, se utilizavam do espaço urbano para se esconder, trabalhar como cativo de ganho, o escravizado Bernardo que, vivendo pelos bairros centrais do Recife, trabalhava como escravo de ganho.¹⁴⁸ Era uma das formas que os cativos encontravam para se manter; com seus serviços, poderiam conseguir recursos e permanecer foragidos. Muitos dos residentes dessas localidades precisavam dos serviços de homens e mulheres de cor, que exerciam uma diversidade de atividades no espaço urbano.¹⁴⁹ Os escravizados, sabendo disso, ao evadir-se do cativo, poderiam encontrar serviços no espaço urbano.

Os negros Guilherme e Pedro fugiram do lugar de Maria Farinha há um mês, o primeiro representa ter entre 40 e 50 anos, com o ofício de oleiro, o segundo com idade entre 14 e 16 anos, consta que andam trabalhando pelas olarias, foram visto no corredor do Bispo, rua dos Quarteis, nas Cinco Pontas, em Afogados e Piranga.¹⁵⁰

Esse anúncio de fuga mostra que os cativos utilizaram sua ocupação para conseguirem trabalho em diversas tendas de olarias. Com a renda que obtinham, conseguiam manter-se fora do cativo, passando a circular pelos bairros e subúrbios da capital pernambucana.

Mesmo com essas informações postas nos jornais, podemos perceber que havia dificuldade das autoridades para capturar os dois fugitivos, porque nesse período a vigilância aos negros no Recife provavelmente se encontrava fragilizada em consequência do conflito entre os cabanos e as forças punitivas do Governo Provincial, que direcionou todo o poderio militar para a região de Panelas e Jacuípe, localizada na Mata Sul de Pernambuco e no Norte de Alagoas.¹⁵¹ Isso, de certa forma facilitava a circulação dos escravizados pelos bairros da cidade. Por outro lado, os negros poderiam ter contado com outras pessoas, livres e libertos, possibilitando a formação de uma rede de solidariedade.

¹⁴⁷ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 3 mar. 1833, n. 073.

¹⁴⁸ *Ibid.*, 20 maio 833, n. 110.

¹⁴⁹ LIBBY; PAIVA, 2005, p. 40-42.

¹⁵⁰ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 15 e 24 abr. 1834, n. 365-376.

¹⁵¹ Ver ANDRADE, Manuel Correia de. *A Guerra dos Cabanos*. Rio de Janeiro: Conquista, 1965.

Os negros que circulavam pelos diversos bairros do Recife, ouvindo e conversando com outras pessoas, poderiam informar-se sobre as questões políticas e os conflitos em que as elites locais poderiam estar envolvidas. Os cativos sabiam que, para empreender sua fuga, teriam de esperar o momento certo, quando percebiam a fragilidade das autoridades, desapareciam no meio da multidão.

A paisagem urbana do Recife foi retratada por Luís Schlappriz (Imagem 5). Em sua obra, percebemos claramente homens brancos conversando, a movimentação de negros e negras trabalhando como vendedores, carregando produtos. Muitos deles se aproveitaram do seu conhecimento da cidade para fugir, levando seus instrumentos de trabalho. A escravizada Benedita, fugida em 15 de setembro de 1832, levou consigo um grande tabuleiro de fazenda sortido, de várias qualidades de fazenda. A cativa encontrava-se foragida havia três anos.¹⁵² Tudo indica que a negra trabalhava nas ruas vendendo tais produtos, contudo ela poderia ter-se escondido em um dos bairros do Recife.

Imagem 4 – Rua da Cruz, século XIX, Segundo Império, 1841-1889, Recife



Fonte: Acervo Coleção Brasileira Itaú.
Desenhista Luís Schlappriz, gravador Franz Heinrich Carls.¹⁵³

O negro João Coveiro, com idade de 60 anos, encontrava-se foragido havia 15 dias. Sua ocupação era abrir sepulturas. Mesmo o periódico não trazendo uma característica física mais

¹⁵² HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 3 set. 1835, n. 164.

¹⁵³ Disponível em: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/18520/rua-da-cruz>. Acesso em: 4 jan. 2018.

detalhada do escravizado, chegou até o conhecimento do seu senhor que ele se encontrava na região dos Manguinhos acompanhado de outros negros da mesma função.¹⁵⁴

Já o cativo Joze, que deixou o cativeiro no dia 1 de setembro de 1835, tinha o ofício de sapateiro. Seu senhor, ao publicar sua fuga, informava a toda sociedade que sabia que o escravizado estava acoitado no Recife.¹⁵⁵ Ao fazer essa afirmação no periódico, o dono do cativo Joze, alertava, aquele que estivesse mantendo o negro em sua residência ou estabelecimento comercial, estava sujeito a punição, mesmo não afirmando os procedimentos que iria tomar, mas os cidadãos sabiam que manter um escravo foragido sob sua tutela poderia ocasionar-lhe o pagamento dos dias trabalhados pelo cativo e a entrega dele a seu senhor. Essa era uma das formas que as autoridades encontraram para inibir o acoitamento.¹⁵⁶

Mesmo com todo o rigor da lei, tanto os escravizados e também os livres e libertos, continuavam com suas práticas que infligiam as normas estabelecidas pelas autoridades. As fugas e o acoitamento continuaram existindo. Os negros e negras não se eximiram de sua luta contra a escravidão, impuseram uma resistência constante nem que para isso tivessem de se ausentar do seu local de trabalho, tendo em vista a sua liberdade.

2.3 As fugas de longa duração

As disputas em que os senhores de engenho estavam envolvidos implicava no fornecimento de homens e armas para lutarem em favor daquele grupo no qual estavam inseridos. Desse modo, haveria a possibilidade de o cativo evadir-se deixando para trás a vida de opressão. Alguns desses foragidos passaram um bom tempo fora do seu local de trabalho, o que, se torna evidente quando deparamos com alguns anúncios indicando que alguns negros se encontravam longe do cativeiro havia anos (Gráfico 3).

Os dados apresentados são apenas um recorte de uma análise de anúncios de fugas ocorridas em um período de muita agitação e disputas políticas envolvendo as elites de Pernambuco. Essas disputas pelo poder contribuíram para que os escravizados se evadissem do cativeiro. Durante os anos que vão de 1814 a 1829, encontramos um total de 35 cativos, que durante a década de 1830 ainda eram anunciados como foragidos. Ao divulgar que o negro ou negra se encontravam foragidos por um determinado tempo, seus senhores tinham ainda

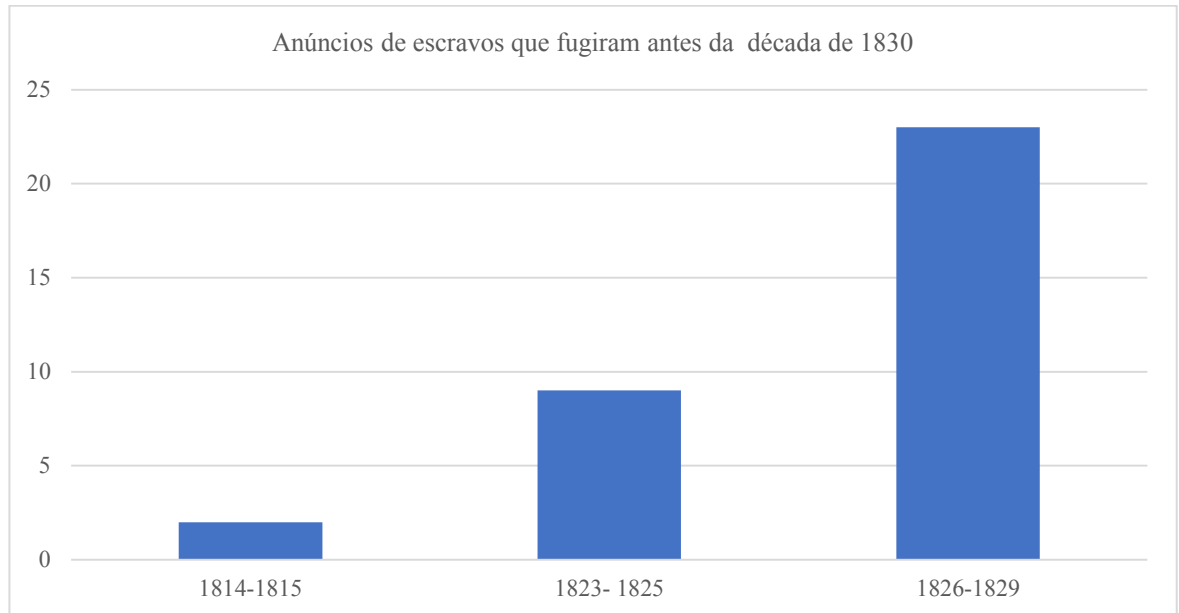
¹⁵⁴ HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 3 nov. 1835, n. 212.

¹⁵⁵ *Ibid.*, 9 set. 1835, n. 168.

¹⁵⁶ BRASIL, 1830.

esperança de capturar aqueles que se encontravam longe do cativo por cinco anos ou mesmo por um período bem maior.¹⁵⁷

Gráfico 3 – Anúncios de escravos que fugiram antes da década de 1830



Fonte: Dados extraídos da Hemeroteca Digital. *Diário de Pernambuco* 1830-1839.

Flávio dos Santos Gomes afirma que alguns negros escravizados, ao planejarem as fugas, poderiam ficar ausentes por algum tempo e retornar ao cativo, pois recebiam receber as punições, como os castigos físicos. Outros buscavam evadir-se do cativo definitivamente, desafiando seus senhores e as autoridades, mantendo, assim, sua resistência contra o sistema escravista.¹⁵⁸

Nas fontes pesquisadas, podemos perceber que as fugas eram uma das principais reações contra o cativo. Um dos escravos que permaneceram foragidos durante um bom tempo foi Simão, que fugiu no ano de 1814. No ano seguinte, 1815, outro escravo de nome Luiz conseguiu fugir do seu local de trabalho em busca de sua liberdade. E até o ano de 1836, esses cativos ainda eram anunciados como foragidos. Eles pertenciam a um mesmo senhor, que, por sinal, queria apreendê-los, a ponto de oferecer a quem os apreendesse e levasse à residência do senhor Antonio Joze Ferreira, na Rua da Cadeia Velha, n.º 12, receberia 50\$ réis por fugitivo, ou seja, uma recompensa de 100\$ réis.¹⁵⁹

¹⁵⁷ FARIAS, 2006, p. 29.

¹⁵⁸ GOMES, v. 1, p. 67-93.

¹⁵⁹ HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 out. 1836, n. 225.

Na concepção defendida pela historiografia de que o cativo era considerado uma mercadoria e ao mesmo tempo uma fonte de renda para seus senhores, os escravizados Simão e Luiz deveriam ser muito úteis para o dono, eles poderiam exercer determinadas funções que lhe garantiria uma fonte de renda considerável. Por isso, ainda que os fugitivos estivessem por muito tempo ausente, eles continuaram sendo anunciados na tentativa de encontrá-los e mandá-los de volta para o cativo.

Um negro chamado Vicente, indo do Engenho São Bartholomeu para o Recife, resolveu deixar o cativo em 1821. Tinha 16 anos de idade quando fugiu. Foi preso pela Marinha, e esteve na Guerra de Montevidéu. Seu senhor só foi informado quando ele obteve baixa da Marinha. Ele prometia uma recompensa de 50\$ réis a quem o encontrasse e uma gratificação a quem desse notícias dele.¹⁶⁰

Esse é um dos casos em que o escravizado se aproveitou da instabilidade da segurança imposta pelos senhores e das autoridades locais, causada pelas agitações políticas nas quais estavam inseridos, e que provavelmente seu senhor estaria envolvido, assim, abrindo brechas na fiscalização dos seus escravos, que se configurou na fuga do cativo. O moleque Vicente estava desaparecido havia 17 anos, e para se manter livre, o foragido certamente se utilizou de uma rede de solidariedade ligada ao seu conhecimento que obteve na Marinha.

Com a eminência da Confederação do Equador, as forças senhoriais estavam voltadas para o combate.¹⁶¹ Foi pela fragilidade da segurança de um desses locais que uma negra, de Nação Angico, fugiu do sítio Caidereiro no ano de 1824. O anúncio referente à cativa saiu em duas edições do periódico, uma no dia 7 de agosto de 1830 e a outra em 25 de agosto do mesmo ano, e nenhuma das publicações trazia o nome da escrava, apenas algumas características físicas, informação do seu possível local de refúgio, o sertão, o endereço onde seria entregue se fosse apreendida e a gratificação que era de 20\$000 réis.¹⁶² As informações trazidas pelo jornal indicam que o dono da escravizada não a conhecia plenamente, um dos motivos poderia ser por conta do senhor tê-la adquirido a cativa há pouco tempo. Por outro lado, os escravizados demonstravam que não estavam inertes em relação à luta contra o cativo, mas se utilizavam das disputas políticas e dos conflitos para empreenderem suas fugas.¹⁶³

Esses cativos, ao realizarem as fugas, percebiam que, em alguns momentos, no contexto social da província, as forças punitivas se encontrariam fragilizadas; com isso, evadiam-se do

¹⁶⁰ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 2 ago. 1838, n. 166.

¹⁶¹ CAVALCANTI JUNIOR, 2015.

¹⁶² HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 25 ago. 1830, n. 461.

¹⁶³ CARVALHO, 2010, p. 193-211.

seu local de trabalho e conseguiam manter-se livres por um longo tempo. Isso poderia ocorrer em razão da utilização do espaço da urbe ou da mata, conseguindo, dessa forma, driblar a vigilância imposta à população negra. Para que esses cativos permanecessem foragidos era necessário que eles estivessem sendo ajudados por alguém, pois a vida de um negro na cidade não era fácil, precisava formar uma rede de sociabilidade, os cativos poderiam permanecer livres por um período ou conquistar sua liberdade definitivamente.¹⁶⁴

Nesse contexto, podemos concordar com Marcus de Carvalho, sem uma possível “aliança” ou acoitamento dentro do espaço urbano e na floresta, o negro que se evadia do cativo não duraria muito tempo foragido. Para ludibriar a vigilância, era preciso ter aliados, e esses poderiam mostrar-se de várias formas, com a prestação de serviços em troca de proteção e esconderijo. Isso se tornava um perigo já que alguns senhores, ao publicarem a fuga de seus escravos, também anunciava que agiriam com o rigor da lei para punir aqueles que estiverem dando guarita a seus cativos.

Durante o decorrer da pesquisa nos deparamos com anúncios de escravos que fugiram em décadas anteriores, os anos de 1820, por exemplo, foi o período em que houveram 31 evasões de cativos, que, ao deixarem seu local de trabalho, passariam a viver como se fossem livres. O negro Luiz foi um desses cativos que encontrou na fuga uma maneira de viver a sua “liberdade” fugido desde 1825.¹⁶⁵ O anunciante nem sequer sabia a localidade onde o cativo poderia estar escondido; mesmo com todas as informações sobre o escravizado publicadas no jornal, o seu paradeiro era desconhecido.

O mesmo ocorreu com a cativa Ana, que empreendeu sua fuga no dia 3 de junho de 1826, e até a data da publicação, 2 de agosto de 1838,¹⁶⁶ a negra não tinha sido encontrada, pois seu paradeiro era desconhecido. O fato de seus senhores não saberem o destino correto dos foragidos dificultava a captura deles, que poderiam estar em qualquer parte da Província de Pernambuco ou até mesmo ido para outras regiões do Império brasileiro, como ocorrido em alguns casos, sobre os quais iremos abordar em seguida.

Diferentemente do ocorrido com o cativo Nicolau, que deixou o cativo em março de 1826, seu senhor, certamente insistiu na divulgação do foragido durante os anos anteriores ao de 1830, conseguiu informações sobre o escravo, que foi visto no Recife no ano de 1829.¹⁶⁷

¹⁶⁴ CARVALHO, 2010, p. 214-218.

¹⁶⁵ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 9 out. 1830, n. 496.

¹⁶⁶ *Ibid.*, 2 ago. 1838, n. 166.

¹⁶⁷ *Ibid.*, 15 out. 1830, n. 501.

Mesmo assim, o negro continuou longe das amarras do senhor, vivendo pelas ruas da cidade, como se fosse livre.

Como os anúncios de fugas era presença marcante no Diário de Pernambuco desde sua fundação em 1825, encontramos um significativo número de negros que deixaram a vida do cativo para se aventurarem em uma fuga, que, por suas peculiaridades, traziam grandes perigos a sociedade escravista.¹⁶⁸ Contudo havia o receio dos senhores de uma revolta dos escravizados como o ocorrido no Haiti, onde os negros derrotaram as tropas francesa e tomaram o poder.¹⁶⁹

O moleque Francisco, que fugiu da cidade de Olinda em 1827, resolveu embrenhar-se nas praias do norte, fazendo-se de aleijado, dizendo ser órfão de pai e mãe, e se dizia forro.¹⁷⁰ Essas estratégias certamente o ajudaram a se manter livre do cativo, pois, como consta até o ano de 1839, o negro ainda não havia sido capturado mesmo que o seu senhor tivesse notícia de sua provável localidade. Um anúncio publicado no dia 30 de agosto de 1830 trazia a informações da fuga de um negro que atendia por dois nomes, Joaquim ou Rodrigo. Ele resolveu deixar a casa do seu senhor, localizada na cidade do Recife, em 27 de janeiro de 1828, com o ofício de cozinheiro, sendo visto pouco tempo depois na Caxangá e no Engenho do Brum,¹⁷¹.

Com esse tipo de ocupação, o escravo Francisco poderia encontrar trabalho em casas, engenhos, em várias partes do território pernambucano, pois o cativo que possuísse alguma especialidade teria certa facilidade de ser acobertado mesmo que o acoitador soubesse dos riscos que corria se o foragido estivesse sob sua proteção.

As fugas de longa duração contaram com a participação de mulheres que desejavam viver livres, passando longos períodos fora do cativo. Uma negra que fugiu nesse mesmo ano, 1828, foi Luiza aos 35 anos de idade. Havia suspeita de que estivesse servindo em alguma casa.¹⁷² A desconfiança do seu senhor é plausível, pois a cativa poderia desenvolver diversas atividades domésticas em residências particulares, por isso seu senhor levou ao leitor do jornal que a negra poderia estar sendo protegida por alguém em troca dos seus serviços.

Ao analisarmos as fugas ocorridas antes da década de 1830, notamos que entre 1826 e 1829 houve um maior número de evasões, contabilizando um total de 22. Um desses cativos

¹⁶⁸ REIS; SILVA, 2009, p. 62-78.

¹⁶⁹ FERRER, Ada. A sociedade escravista cubana e a Revolução Haitiana. *Almanack*, Guarulhos. n. 3, p. 37-53, 1.º sem. 2012.

¹⁷⁰ HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 11 jul. 1839, n. 148.

¹⁷¹ *Ibid.*, 30 ago. 1830, n. 464.

¹⁷² *Ibid.*, 20 jul. 1831, n. 154.

foi Antonio, que fugiu da Província do Maranhão em 1829, e até o ano de 1838, ainda não havia sido capturado.¹⁷³

Em 1829 fugiu da mesma Província do Maranhão outro negro, por nome Antonio, Nação Caçange, porém parece crioulo do sertão pelo sotaque da fala, bastante ladino, corpulento, bastante espaduado, corpo liso, pernas um pouco arqueadas, barrigas das pernas finas, pé seco, e grande, dentes alvos, bastante barbas, cabeça pequena, cabelo bastante e muito agarrado ao casco, e de 40 anos de idade, foi comprado em 1826 a Luiz Thomé Rodrigues, vindo do Ceará e depois mudou-se para a Granja, de onde por questões judiciais por questões judiciais ausentou-se para esta província, sabe-se com certeza que o negro fugiu para o poder deste Rodrigues, e quando se retirou trouxe em sua companhia: quem os apreender os poderá entregar a José Maria da Cruz, e a Joaquim Pereira Penna, que se acham autorizados para os poder receber e gratificar. para o poder deste Rodrigo, e quando se retirou trouxe em sua companhia.¹⁷⁴

O escravo Antonio foi comprado em 1826 a Luiz Thomé Rodrigues, que veio do Ceará. Em seguida, mudou-se para uma granja; por questões judiciais, retirou-se e veio para Pernambuco. Segundo a informação trazida no periódico, o negro teria vindo para essa província na companhia do seu antigo senhor, Luiz Thomé Rodrigues. Nesse anúncio, podemos perceber uma cumplicidade de ambas as partes. O cativo que certamente não queria ficar sob o jugo do seu novo senhor, resolveu fugir para estas bandas, contando com a ajuda do seu antigo dono, o qual resolveu ajudar Antonio a evadir-se do seu novo cativeiro trazendo-o em sua companhia. Essa estratégia utilizada pelo escravizado o ajudou a permanecer foragido por um longo período.

Mesmo vindo de outra região, o foragido encontrou na Província de Pernambuco a fragilidade das autoridades, que poderia estar relacionada com a intensificação das investidas das forças punitivas contra o Quilombo do Catucá, que, durante a primeira metade do século XIX, foi um dos principais redutos da resistência negra contra o cativeiro.¹⁷⁵

As fugas de longa duração não ficaram só nas décadas que antecederam à de 1830. Nesse período, encontramos situações em que o negro se encontrava foragido por um tempo considerável. O negro José, que segundo as notícias teria 40 anos de idade, deixou o Engenho São Bartholomeu em 1831, com os ofícios de carreio, mestre de armar e serrador. O anunciante

¹⁷³ *Ibid.*, 23 abr. 1838, n. 089.

¹⁷⁴ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 23 abr. 1838. n. 89.

¹⁷⁵ CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. O quilombo de Malunguinho, o rei das matas de Pernambuco. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Claro enigma, 2012. p. 465-493.

alega ter certeza de que foi para o Engenho Marahu, na Ribeira do rio Parahiba, pertencente aos monges Beneditinos.

Pelo que consta no anúncio, o negro José estava foragido há 7 anos.¹⁷⁶ Como o seu senhor afirmou que o cativo estava abrigado no Engenho Marahu, havia a possibilidade de estar sob a proteção dos negros que ali residiam e trabalhavam. Por outro lado, o foragido era um escravo especializado, o que de alguma forma o ajudava a se manter nessa localidade sob a proteção dos frades em troca dos seus serviços.

Os escravos souberam tirar proveito dos conflitos em que as autoridades se envolviam durante a década de 1830. Um desses foi a Guerra dos Cabanos, que estava concentrada na parte sul da Província de Pernambuco e ao norte de Alagoas (1832-1835).¹⁷⁷ Foi nesse período que o negro Silvestre estava foragido, desde 1833, e o anunciante alegava que ele estivesse a andar embarcando.¹⁷⁸ Isso era possível graças aos cortes dos rios que rodeavam a cidade do Recife. Essa estratégia dificultava sua captura.

No período que esses cativos resolveram deixar o cativeiro, as autoridades estavam concentrando suas forças militares naquele conflito, conseqüentemente, a vigilância à população negra encontrava-se fragilizada, Então o escravo Silvestre encontrou a possibilidade de evadir-se, e por meio de uma suposta rede de solidariedade, poderia encontrar aqueles que o deixariam embarcar e partir para outras localidades.

Como aqueles que desejavam viver livres do cativeiro procuravam diversos destinos com o objetivo de não serem encontrados, o mulato Januário, que na época teria 23 anos de idade, com o ofício de alfaiate, foi visto no Rio de Janeiro. O negro fugiu no dia 16 de julho de 1831, estando foragido havia quase cinco anos.¹⁷⁹ Assim como o Recife, a cidade do Rio de Janeiro era considerada uma cidade negra, tendo a maior concentração em população de cor.¹⁸⁰

Os anúncios de cativos que se evadiram, passando um longo tempo fora das amarras do senhor, demonstram que eles não estavam dispostos a voltar ao seu local de trabalho, tendo em vista que, em algumas situações, havia escravos que se encontravam foragidos há mais de uma década, e outros próximos de completar uma década. Esses mantiveram-se resistentes ao retorno à senzala, utilizando-se de diversas estratégias para viverem como se fossem livres.

Os capitães do mato eram um dos elementos fundamentais na captura dos escravos foragidos; tais homens integravam um grupo sempre à disposição dos senhores escravocratas,

¹⁷⁶ HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 2 ago. 1838, n.166.

¹⁷⁷ Ver ANDRADE, 1965.

¹⁷⁸ HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 2 jul. 1835, n. 114.

¹⁷⁹ HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 22 abr. 1836, n. 086.

¹⁸⁰ FARIAS, 2006, p. 10.

situando-se a meio caminho entre o público e o privado. Sua nomeação, o tempo de permanência no cargo, área de atuação e valor a ser pago pelo seu trabalho eram delimitados e controlados pela Câmara (Imagem 6).¹⁸¹

Podemos perceber na pintura de Rugendas um cenário de repressão às fugas. O capitão do mato era um dos responsáveis pela captura dos escravos que se encontravam foragidos. Levando em consideração os anúncios da evasão dos cativos e a promessa de uma gratificação, esses homens partiam à procura de tais escravizados, e sendo apreendidos e entregues nos endereços indicados nas publicações, receberiam uma recompensa. Como bem observou Silvia Lara, quem pagava aos homens do mato não era o poder público, mas sim o senhor do negro escravo que fora apanhado, dependendo do valor das características específicas daquele escravo capturado, daquele senhor que ia pagar a eles; ou seja, as atividades repressoras estabelecidas pelo poder público e designada a preservação da “ordem” coletiva, particularizava-se ao se legitimar.¹⁸²

Imagem 5 – Capitão do mato



Fonte: RUGENDAS, 1835, p. 132.

¹⁸¹ LARA, Silvia Hunold. *Campos da violência: escravos e senhores na Capitania do Rio de Janeiro 1750-1808*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 308-309.

¹⁸² LARA, 1988, p. 308-309.

Os senhores escravocratas que tinham melhores condições financeiras ofereciam gratificações pela apreensão e entrega do cativo nos endereços indicados pelos anúncios. Mesmo com a criação dos órgãos de repressão que teria objetivos claros, combater a rebeldia negra, sendo o corpo policial responsável pela manutenção do controle social no espaço urbano, mas, em muitas situações, apresentavam precariedade em sua estrutura.¹⁸³ Isso, de certa forma, dificultava a captura dos escravos foragidos pelos órgãos públicos, entrando em ação o capitão do mato, que receberia o pagamento pelos seus serviços, nesse caso, a captura dos negros escravizados que se encontravam foragidos.

A sociedade escravocrata estava repleta de pessoas que procuravam informações nos periódicos sobre escravos foragidos.¹⁸⁴ Certamente, os capitães do mato, que eram especializados em tal serviço, também procuravam os jornais com a finalidade de encontrar anúncios de cativos que fugiram, especificamente aqueles que ofereciam gratificações. Mesmo com toda a vigilância e riscos que uma fuga implicaria, os escravizados continuavam a evadir-se das amarras dos seus senhores, inclusive, para outras províncias.

2.4 As fugas interprovinciais

Durante a análise dos anúncios de fugas no Diário de Pernambuco, encontramos relatos de senhores escravocratas alegando que seus escravos se refugiaram em outras províncias do Império brasileiro. Essa era uma das estratégias utilizadas pelos cativos para não serem encontrados. Podemos considerar que, na perspectiva dos escravizados, quanto mais distante estivessem do seu senhor, mais difícil seria sua captura.¹⁸⁵ Levando em consideração a estrutura das cidades e das forças repressoras, as fugas interprovinciais mostravam-se como uma das estratégias mais eficazes para se manter livre do cativo, e a Província de Pernambuco aparece como um dos destinos desses foragidos, e sua capital (Recife) era um dos locais de acoitamento. Isso ocorreria provavelmente por essa localidade ser considerada uma das cidades negras como mencionado anteriormente; mas também houve aqueles que saíram desta para outra província, como mostra o Gráfico 4.

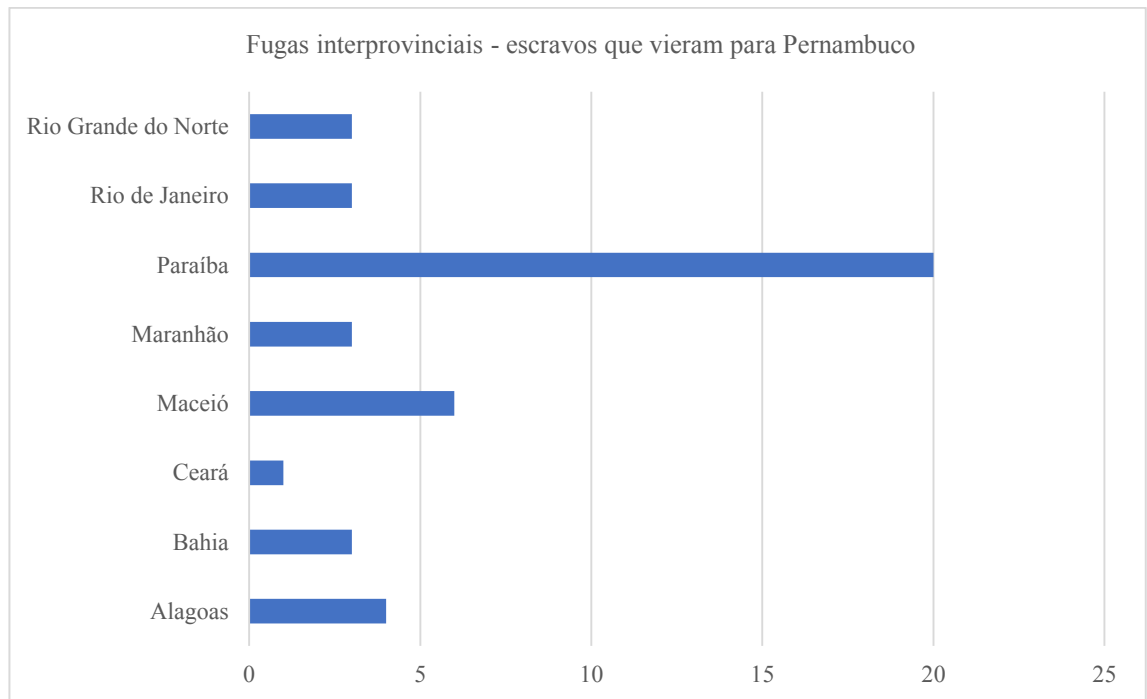
¹⁸³ SANTOS, L., 2008, p. 94-115.

¹⁸⁴ GOMES, 1996, v. 1, p. 67-93.

¹⁸⁵ *Ibid.*

Podemos perceber que a Província da Paraíba teve o maior índice de fugas, com um total de 20. Uma parte considerável que saía dessa região e dos demais territórios apresentados no gráfico teria como destino a Província de Pernambuco. Em algumas situações, as informações trazidas pelo jornal não indicavam onde o cativo poderia estar, mas os endereços de entrega dos fujões, se fossem capturados, eram em muitos casos os bairros centrais da cidade do Recife.

Gráfico 4 – Fugas interprovinciais - escravos que vieram para Pernambuco



Fonte: Dados extraídos da HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, 1830-1839.

Como o escravo Manoel Joaquim, que fugiu do Engenho Marahu, pertencente ao Mosteiro de São Bento. As informações publicadas no jornal indicam que esse escravo poderia encontrar-se em Tejepió, um dos subúrbios do Recife, onde o cativo teria uma mãe chamada Tereza ou no Cabo, onde residia o pai, chamado Domingos. O pai e a mãe dos escravos foram cativos do mesmo mosteiro, e foram separados em razão do comércio negreiro, trazidos para essa província.¹⁸⁶

O contato da população negra e escrava com outras pessoas que vinham de outras regiões e circulavam pela urbe poderia trazer informações de diversas partes do Brasil. Isso ocorria porque o Recife contava com uma área portuária muito importante para o comércio e para os viajantes. Um desses viajantes era Charles Darwin, que relatou em seu diário do Beagle:

¹⁸⁶ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 19 nov. 1839, n. 253.

“que a quantidade de brancos que se pode encontrar pela manhã nas ruas parece proporcional a de estrangeiros em outras nações; todo restante é negro ou de uma cor pardacenta.”¹⁸⁷ Ter um número de negros morando e circulando pelo espaço urbano, atraía a atenção daqueles que desejavam ausentar-se do cativo. Um desses foi o negro Manoel, que se ausentou do seu local de trabalho, localizado na Província da Paraíba em 1829. Há indícios de que ele tenha procurado essa província.¹⁸⁸

O escravo Malaquias fugiu da Bahia, e seu senhor não sabia para onde o cativo poderia ter ido ou o local onde estivesse escondido; apenas informa seu ofício e o local no qual poderia ser entregue se fosse capturado. Um dos locais era a tipografia do *Diário de Pernambuco*. O outro endereço era a Rua de São Bento, sobrado n.º 25, na cidade de Olinda, onde seriam generosamente recompensados.¹⁸⁹ Como o jornal era um dos responsáveis por divulgar as fugas de cativos de todo o território brasileiro, alguns desses senhores autorizava que seu cativo, ao ser apreendido, fosse entregue na tipografia, localizada na cidade do Recife.

O *Diário de Pernambuco*, quando noticiava a fuga de um cativo de outra província, muitas vezes não trazia informações exatas da localidade onde o negro poderia estar, mas o endereço para ser entregue em caso de uma captura aparecia com muita frequência, as ruas dos bairros centrais do Recife, onde residiam parentes ou responsáveis pelo recebimento dos foragidos. Alguns desses periódicos do Brasil Imperial usavam a imagem de escravos foragidos, carregando sua trouxa que poderiam conter, além de roupas, outros objetos. Segundo Gilberto Freyre, esse tipo de imagem era feito por poucas empresas, eles foram reproduzidos em diversos jornais e panfletos na América.¹⁹⁰

A Imagem 7 retrata a fuga de um cativo que, ao deixar o cativo, levava consigo alguns objetos, na maioria, roupas. Essas informações apareciam com frequência nos anúncios de escravos foragidos, dessa maneira havia a possibilidade da captura do escravizado.

Imagem 6 – Cartaz de escravo fugindo

¹⁸⁷ DARWIN, 2008, p. 491.

¹⁸⁸ HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 2 abr. 1830, n. 351.

¹⁸⁹ *Ibid.*, 3 ago. 1830, n. 444.

¹⁹⁰ Ver FREYRE, 2012.



Fonte: HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 5 ago. 1831, n. 236.

O período escravocrata foi marcado por uma luta intensa dos negros que viviam em um sistema de opressão, tendo de obedecer a um senhor, que detinha direitos sobre sua vida. Os negros não desistiram e mantiveram sua determinação contra o cativo. Segundo Libby e Paiva, as fugas eram consideradas uma das formas mais eficientes contra o escravismo.¹⁹¹ Foi o caso do negro Sebastião que fugiu do seu senhor residente na cidade de Natal, Província do Rio Grande do Norte, em companhia de José Joaquim e Manoel Joaquim de Araújo, seguiram para o Recife em uma jangada escoteira com uma ou duas malas. Como o cativo Manoel era mestre jangadeiro, utilizaram-se desse meio de transporte, navegando pelo mar ou rios que cortam toda a região, conhecida atualmente como Nordeste até chegarem a essa cidade onde provavelmente estão escondidos, pois eles aparecem em uma jangada no Recife.¹⁹²

¹⁹¹ LIBBY; PAIVA, 2005, p. 57.

¹⁹² HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 1.º fev. 1832, n. 301.

As fugas empreendidas pelos cativos poderiam ocorrer de várias maneiras, dependendo das articulações que o escravizado teria. O caso de Sebastião é um exemplo de que os escravos se utilizavam de sua sociabilidade para evadir-se do cativo, buscando construir sua liberdade. Como esses escravos aqui retratados partiam para outras províncias, considerando-se a distância, a precariedade das estradas e dos transportes, como bem observou Charles Darwin,¹⁹³ quando esteve no Brasil na primeira metade do século XIX. Esses cativos eventualmente não seriam capturados, sendo assim, eles poderiam conquistar sua liberdade definitivamente, mesmo sendo procurados pelas autoridades. Muitas das notícias traziam informações detalhadas do escravo foragido, como a do mulato Vicente.

No fim do mês de Julho de 1834 fugiu da casa do seu senhor Felipe Carneiro de Mesquita, morador em Piraná do Termo da Villa do Pilar na Província da Paraíba, um escravo mulato por nome de Vicente, de 20 anos de idade pouco mais ou menos, baixo, cheio do corpo, cara comprida, e bexigosa, e tem um talho em cima de uma das sobrancelhas, oficial de sapateiro, levou em sua companhia uma cabra forra de nome Mariana da mesma idade, baixa e preta, cara redonda, e cabelo cortado, e bem cacheado: os apreendedores dirijam-se ao Palácio de Olinda que serão bem recompensado.¹⁹⁴

O senhor Felipe Carneiro de Mesquita, morador da Província da Paraíba, ao anunciar a fuga do seu cativo Vicente, demonstrou ter conhecimento das características físicas do escravo e da mulher que levou em sua companhia, de nome Mariana, com título de forra. Dessa maneira havia maior possibilidade de o escravizado ser encontrado pelas autoridades ou por aqueles que viviam da apreensão de escravos foragidos.

Os cativos que vinham de outras províncias para Pernambuco encontravam na Província de Pernambuco algumas condições que os ajudavam a permanecer escondidos, como o comércio, a concentração populacional, a resistência negra no Quilombo do Catucá. Esses fatores, de certa forma, contribuiriam na vinda de cativos para essa parte do Império brasileiro. Muitos desses cativos eram de províncias vizinhas, como o caso citado acima e o do escravo Joze, que se evadiu da região de Salgado localizada na Paraíba, com 25 anos de idade mais ou menos; era oficial de sapateiro, cozinheiro e o de carreiro.¹⁹⁵ Um escravo novo com três funções definidas na sociedade escravista era bem valorizado, podendo ser aproveitado em suas ocupações específicas, mas também em outras. Certamente, esse cativo poderia encontrar alguém que o acoitasse em troca de seus serviços.¹⁹⁶ Nesse sentido os bairros centrais e as

¹⁹³ DARWIN, 2008.

¹⁹⁴ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 6 fev. 1835.

¹⁹⁵ *Ibid.*, 26 set. 1835, n. 182.

¹⁹⁶ CARVALHO, 2010, p. 281.

residências do Recife tornavam-se um dos destinos desses cativos. Aqui o cativo poderia encontrar alguém que poderia tirar proveito de uma mão de obra escrava qualificada como a do cativo Joze, tentando comprá-lo ou até mesmo acobertando o fugitivo.

A cidade do Recife era, ao que tudo indica, um local que atraía um bom número de cativos que se evadiam dos cativeiros, inclusive de outras províncias do Império brasileiro, como a do Rio de Janeiro, que, no contexto urbano, era a cidade mais urbanizada e populosa. Mesmo assim, alguns cativos preferiram fugir para a capital pernambucana. Na análise dos anúncios de fugas interprovinciais, o lugar mais distante que encontrei foi a fuga de uma cativa chamada Victoria que, aproveitando-se de um batalhão de libertos¹⁹⁷ que saiu do Rio de Janeiro, veio para o Recife com um filho de peito, tendo ajuda de sua irmã forra, Bibiana, que também tinha um filho, chamado Luiz, com o ofício de alfaiate.¹⁹⁸

Essa província não só atraía os foragidos, mais também havia aqueles negros que saíam desse para outras regiões do Império brasileiro. O Gráfico 4, intitulado “Fugas interprovincial - escravos que vieram para Pernambuco”, já apresentado, é um retrato de que as fugas interprovinciais estiveram presentes praticamente em todo o território brasileiro, e o espaço urbano do Recife era um dos que chamavam a atenção desses cativos quando resolviam evadir-se do cativo.

O anúncio da fuga do escravo Nicolau, que deixou seu local de trabalho, situado na Província de Alagoas há mais ou menos um ano, pertencendo a Joze Gregório Ribeiro, morador da mesma região, autorizou o seu ajudante Antônio Luiz de Souza, residente na rua do Livramento D. 13, a receber o seu cativo e gratificar os apreendedores.¹⁹⁹

Como as famílias senhoriais teriam ligações parentais, alianças políticas e econômicas,²⁰⁰ possibilitava esse tipo de articulação das elites na esperança de reaver sua mercadoria (o negro escravizado). Esse tipo de articulação poderia ser visto como uma das reações da sociedade escravocrata contra os escravos rebeldes. O jornal era um dos meios que

¹⁹⁷ O Batalhão de Libertos foi criado pelo general Pedro Labatut, no dia 2 de maio de 1823, na Bahia, com o objetivo de luta pela independência do Brasil. Como os senhores de engenho não alistavam seus filhos no Exército pacificado, a força militar passaria a ser formada apenas por pessoas da classe média e das camadas populares. Diante da necessidade de um número expressivo de homens para lutarem, a medida adotada pelo general Labatut foi recrutar negros escravizados e libertos para lutar contra as forças portuguesas que permaneciam em Salvador. Com a disponibilidade dos pardos, o general organizou o Batalhão dos Libertos do imperador. Demitido o general Labatut, assumiu a liderança o coronel Lima e Silva, novo comandante em chefe, que reorganizou o comando do Exército Pacificador, obtendo várias vitórias até a expulsão das forças portuguesas, dando a vitória ao Império brasileiro (MOURA, 2013, p. 66- 67).

¹⁹⁸ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 11 jul. 1839, n. 148.

¹⁹⁹ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 22 abr. 1836, n. 088.

²⁰⁰ CAVALCANTI JUNIOR, 2015.

os senhores usavam com bastante frequência para divulgar o cotidiano da província e do Império. Nessa perspectiva a luta dos escravos contra o sistema escravocrata foi marcada pelo registro de fugas empreendidas por homens e mulheres de cor.

As notícias das fugas interprovinciais são uma demonstração da intensa luta da população negra escravizada perante um sistema que tinha os de cor como inferiores, uma mercadoria de alto valor, e uma mão de obra importante no cotidiano de uma elite, que, para manter seus privilégios, oprimia a população subalterna, e mediante as forças repressoras, tentavam impedir as ações de rebeldia dessa massa populacional, na qual estavam inseridos os cativos, mesmo com todo o controle social, conseguiram empreender sua resistência contra o cativoiro.

CAPÍTULO 3

FAMÍLIAS, NAÇÕES E GRUPOS DE ESCRAVOS: OS FORAGIDOS

ANUNCIADOS NO DIÁRIO DE PERNAMBUCO

Nos anúncios de fugas, encontramos evasões tanto de homens como de mulheres que preferiram evadir-se do seu local de trabalho em grupos, os quais poderiam variar na quantidade, promovendo uma perda considerável para seus senhores.

Os escravizados, quando resolviam ir embora do cativo, faziam alianças, que poderiam ser entre as famílias, os membros de uma mesma nação ou de outras. Dessa maneira, os escravos conseguiam evadir-se do cativo levando seus familiares. O Diário de Pernambuco, em suas edições publicadas na década de 1830, traz alguns relatos de senhores que anunciaram as fugas de grupos de cativos. Estes poderiam estar ligados por laços parentais ou afetivos.²⁰¹ Procuramos nesses anúncios as principais informações que nos possibilitarão traçar particularidades do escravo foragido, tais como sexo, origem (africano ou crioulo) e companheiros e companheiras de fuga. Além dessas, encontramos outras informações pontuais, como os aspectos do cotidiano do cativo, das relações de trabalho e das estratégias de fugas desenvolvidas pelos escravos para não serem capturados.

3.1 Fugas em família

Os escravos resistiram ao sistema escravocrata, tendo a família um papel fundamental nas estratégias para alcançar a libertação de seus entes. Colaborando uns com os outros, de forma que a negociação com seus senhores se tornava possivelmente mais eficaz. Esses acordos implicavam uma melhor condição de trabalho, utilização das áreas da agricultura de subsistência, manter a família juntas.²⁰² Quando esses acordos não eram aceitos pelo dono dos cativos, uma das possibilidades era fugir levando os filhos, pois o medo de uma possível separação estava presente no cotidiano do escravizado.

Muitos negros e negras, quando empreendiam fugas, iam para regiões distantes dos centros urbanos, nesse caso, o interior da Província de Pernambuco, que, pela ameaça constante de separação, efetuavam suas evasões, mesmo sabendo que a vida de um escravo foragido não era fácil, e se tratando de uma mulher com uma criança, tornava-se mais difícil, tendo de

²⁰¹ REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. Família escrava. In: SCHWARCZ, Lília M; GOMES, Flávio. *Dicionário da escravidão e liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 225-229.

²⁰² LIBBY; PAIVA, 2005, p. 25.

enfrentar diversos desafios. Por outro lado, poderia haver o acoitamento daqueles que viviam na cidade ou no interior.

Marcelina, nação Benguela, que representa ter 22 a 23 anos, alta, bem preto, rosto comprido, boca atrombetada, semblante tristonho, com huns calombos por detrás das orelhas por moda de papeiras, pernas finas, uma cicatriz no pé direito do lado de fora, procedida de uma chaga que teve no mesmo lugar, fugida a 3 anos pouco mais ou menos, a qual dizem, anda em S. Antão e Lagoa d' Anta, vendendo miudezas, e intitulado-se por forra, e traz com sigo um filho com 3 anos pouco mais ou menos: os apreendedores a poderão pegar, e leva-la ao seu sr. no Beco da Florentina, casa D. 6, ou defronte da Cadeia D. 7; assim como a mesmo protesta proceder com todo rigor da Lei contra quem tive em seu poder.²⁰³

A negra Marcelina, Nação Benguela, com idade entre 22 e 23 anos, resolveu deixar o cativoiro por volta do ano de 1827. Segundo o seu senhor, a escrava levou seu filho com aproximadamente 3 anos de idade. O anunciante afirma que a cativa andava pelas Freguesias de Santo Antão e Lagoa d'Anta, situadas na região da Zona da Mata, uma área rural de maior concentração populacional, que abrigava pessoas livres bastante distintas.²⁰⁴

A cativa Marcelina trabalhava vendendo miudezas, algo muito comum no cotidiano de uma escrava foragida, que, para se manter, encontrava no comércio uma das possibilidades de conseguir recursos para seu sustento e do filho, ainda muito pequeno, deveria ter todos os cuidados da mãe, além do mais, tratando-se de uma foragida. Sabendo dos perigos que poderia enfrentar ao buscar a liberdade, a escrava foragida teria de criar suas estratégias para não ser capturada, assim utilizou um mecanismo que muitos negros costumavam usar, intitular-se forra.²⁰⁵

Com sua atividade comercial, a escrava Marcelina circulava por duas localidades, Santo Antão e Lagoa d'Anta, o que facilitava seu contato com outras pessoas, era nesses espaços que os negros e as negras encontravam forte sociabilidade para se manter escondida. No século XIX, os escravos se utilizaram de diversas localidades na tentativa de ficar longe do cativoiro, fortalecendo sua luta contra o sistema escravocrata. Na cidade, nas zonas rurais e no interior, os escravizados, que se evadiam do cativoiro, encontravam uma suposta facilidade de constituir certa liberdade que poderia ser adquirida pelas fugas. Para isso, contavam com a conivência de alguns senhores que os ocultavam em troca de alguns benefícios.²⁰⁶

²⁰³ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 6 abr. 1830.

²⁰⁴ CARVALHO, 2010, p. 181.

²⁰⁵ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 6 abr. 1830, n. 354.

²⁰⁶ FARIAS, 2006, p. 28-29.

Outro dado que encontramos nas publicações referentes às fugas divulgadas no Diário de Pernambuco foi a evasão de famílias, que, em algumas situações, levavam consigo outros escravos que não tinham vínculos parentais.

Nessa perspectiva traremos um estudo que retrate a luta das famílias escravas contra o cativo, as escapadas em grupos e o perfil da nação a que os escravizados pertenciam, os quais empreenderam fugas na Província de Pernambuco. Estudos recentes, como o de Isabel Cristina Ferreira dos Reis, *Uma negra que fugio e consta que já tem duos filhos: fuga e familia entre escravos na Bahia*, vêm contribuindo para a discussão da historiografia do negro perante a luta contra o cativo, trazendo à tona aspectos do cotidiano de mulheres e homens escravizados, que empreendiam fugas levando seus entes. A historiadora Isabel Cristina utilizou como documento de sua pesquisa periódicos baianos e documentação policial de várias localidades da província do século XIX que traziam informações sobre a fuga de escravos.²⁰⁷

Muitos dos escravos conseguiram formar núcleos familiares que, de certa maneira, contribuíram para a reprodução natural entre a população escrava. Que de certa forma colaboraram para a resistência negra contra o sistema escravista. Diante disso, muitas crianças recebiam nome de seus antepassados, o que implicava na valorização da família. Esses parentes formados no cativo sofreram com as injustiças senhoriais. A separação era uma delas, muitos dos cativos foram vendidos, causando a separação dos seus familiares.

Esses autores reforçam o papel da família escrava na construção da liberdade dos seus membros, criando estratégias de fuga. Nesse sentido, os familiares cooperavam uns com os outros, emprestando dinheiro ou cuidando das crianças enquanto os pais trabalhavam nas ruas, conseguindo recursos para comprar a Carta de Alforria. Outra forma de resistência era a negociação com o senhor para que não houvesse a separação dos parentes.²⁰⁸

A luta contra o cativo não é necessariamente algo que o escravo praticava individualmente, mas com a participação de muitos outros, principalmente a familiar. Marcus de Carvalho afirma que o negro nunca perdeu sua humanidade natural, mas ao pertencer a um grupo, readquiria a sua humanidade social, o que era fundamental para a construção da liberdade.²⁰⁹

Ao nos debruçarmos sobre os anúncios de fuga de escravos no Diário de Pernambuco, encontramos alguns casos semelhantes aos de Isabel Cristina. O Gráfico 5 é um retrato das fugas em família, que foram relatadas nos anúncios de evasão dos cativos e das cativas no

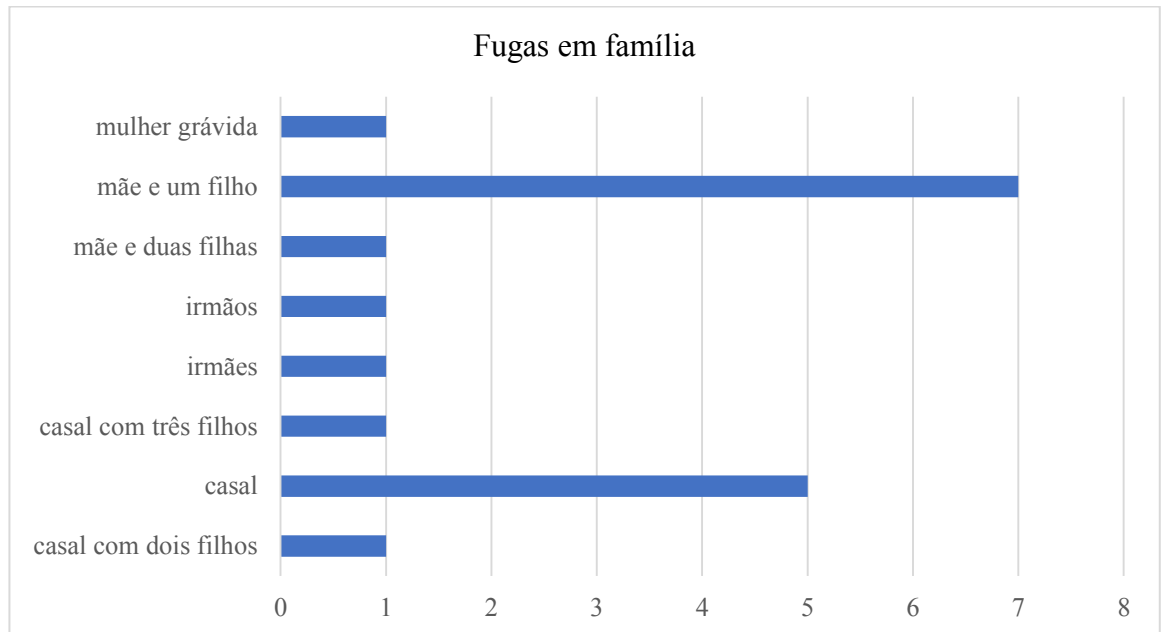
²⁰⁷ REIS, I., 1999, p. 27-46.

²⁰⁸ LIBBY; PAIVA, 2005, p. 26.

²⁰⁹ CARVALHO, 2010, p. 219.

jornal. Os dados mostram que as fugas de cativas com filhos foram um total de 8 casos. Já as evasões de casais, encontramos 5 anúncios de evasão, mas houveram fugas de famílias inteiras.

Gráfico 5 – Fugas em família



Fonte: Dados extraídos do Diário de Pernambuco 1830-1839.

Percebemos que essas fugas eram mais frequentes entre as mulheres, que, ao evadir-se do cativeiro, levavam seus filhos, mesmo sabendo das dificuldades que poderiam encontrar perante a sua busca pela liberdade. Uma dessas famílias, foi a do mulato José Ignácio, casado com Francisca, com três filhos. Fugiu no dia 22 de maio de 1831, levando seus entes. A mulher com quem era casado e que era forra, mas além de levar sua mulher e seus filhos, o fugitivo levou uma negra de nome Theresa, de Nação Angola, alta, fula e muito registrada.²¹⁰

Mediante aos desafios enfrentados pelos os foragidos, podemos considerar que não era fácil para Jose Ignacio proteger seus três filhos com 2, 5 e 9 anos de idade e uma mulher, que, por sinal, não pertencia à família de sangue, contudo poderia estar ligada por laços culturais. A mulher de José Ignacio era livre, e, por ter esse status, poderia conhecer os meandros para manter sua família escondida seja na urbe, seja no interior.

Nas atividades desenvolvidas pelas cativas, era muito comum encontrar as mulheres desenvolvendo diversas atividades, que, utilizando-se do espaço urbano, eram protagonistas de uma luta constante contra o cativeiro. Porém, as mulheres que eram lavadeiras, que sabiam

²¹⁰ HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 31 maio 1831, n. 115.

passar e engomar roupas eram muito valorizadas, pois dessa forma poderiam trabalhar em uma única casa ou viver prestando seus serviços como escrava de ganho, por serem prestigiadas estavam presentes nos anúncios de jornal na primeira metade do século XIX. A Imagem 8, produzida pelo desenhista Charles Landseer, é uma representação de mulheres negras exercendo o ofício de lavadeira. As cativas desenvolviam diversas atividades domésticas, entre as quais está a de lavadeira, vivendo como escrava de ganho.²¹¹ Nessa perspectiva a escrava poderia adquirir sua liberdade pelos bons serviços prestados ou comprando sua liberdade.²¹²

Imagem 7 – Lavadeiras, século XIX, Primeiro Império, 1822-1831



Fonte: Acervo Coleção Brasileira Itaú.²¹³
Desenhista Charles Landseer.

Poderia ter sido o caso de Francisca, esposa de José Ignácio, que, graças a seus serviços prestados para um determinado senhor, conquistou sua liberdade definitiva. As mulheres, na grande maioria, eram responsáveis por exercerem atividades domésticas, incluindo a de lavadeira, que poderia ser um dos ofícios que a mulher de José Ignácio supostamente teria desenvolvido como escrava de ganho, e certamente contribuiu para que a negra conseguisse sua alforria.

²¹¹ CARVALHO, 2010, p. 177.

²¹² LIBBY; PAIVA, 2005, p. 42.

²¹³ Disponível em: www.brasilianaiconografica.art.br/obras/19381/wassherwomen. Acesso em: 4 jan. 2018.

Os cativos cultivaram a ideia de se livrar do cativoiro, porque com a liberdade poderiam reconstruir sua vida, tendo o direito de trabalhar livremente sem as amarras do seu senhor,²¹⁴ que em sua configuração representava a opressão contra os de cor, seja livre, seja escravizado. Contra esse sistema escravocrata é que muitos negros e negras, por meio dos laços familiares, mantiveram sua luta.²¹⁵ Alguns desses que conseguiram libertar-se do cativoiro, considerados livres, ajudavam aqueles que ainda se encontravam no cativoiro a se refugiar como o caso citado acima.

Escondiam-se nas cidades negras, incontestáveis redutos; escravos interessados em trocar de senhor, ou mesmo em busca de um novo cativoiro, acoitavam-se na urbe, sendo alimentados e mantidos.²¹⁶ Constatamos que essa prática nos anúncios de jornal era muito comum, muitos dos cativos, ao fugir, procuravam a cidade do Recife para se esconder, e as famílias faziam parte dessas articulações para manter seus entes protegidos do retorno ao cativoiro.

Ao analisamos, no periódico, a evasão de escravos, percebemos que as fugas em família eram relativamente baixas. Boa parte dessas fugas eram praticadas pelas mulheres, porém uma parte considerável delas trabalhava na residência de senhores ou de senhoras, outras faziam algum tipo de serviço fora. O fato de a maioria das mulheres negras estar atrelada ao serviço doméstico possivelmente dificultava a sua fuga, mas como algumas realizavam atividades como escrava de ganho, certamente conseguiam juntar recursos para adquirir a liberdade.²¹⁷ Contudo, quando se tratava de uma possível separação parental, elas não mediam esforços para manter a unidade familiar nem que para isso tivesse de deixar o cativoiro levando seus parentes.²¹⁸ A negra Thereza da Costa, que estava grávida, resolveu ir embora da casa de seu senhor.²¹⁹

Thereza da Costa, 28 anos, Estatura mediana, seca, alguma cousa fula, cara redonda, barba rachada, peitos grandes, e caídos, cabelos ralos, orelhas pequenas, tem talhos nas fontes, a imitação de pés de galinha, tem as veias das pernas levantadas, e no lugar da junta do pé esquerdo tem um molho das ditas veias, pés pequenos; Fugida a 19 de dezembro de 1832, então prenha: as Cinco Pontas D. 20, que se gratificará com 20\$ reis.²²⁰

²¹⁴ REIS, 1999, p. 27-45.

²¹⁵ LIBBY; PAIVA, 2005, p. 26.

²¹⁶ FARIAS, 2006, p. 41-42.

²¹⁷ CARVALHO, 2010, p. 86.

²¹⁸ REIS, 1999, p. 27-45.

²¹⁹ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 4 set. 1833, n. 191.

²²⁰ *Ibid.*

A escravizada fugiu em 19 de dezembro de 1832. Quando deixou a casa do seu senhor, estava grávida, não se sabe de quanto meses. Como a cativa aparecia no anúncio de evasão do dia 4 de setembro de 1833, havia a possibilidade de a criança ter nascido. A cativa estava foragida havia quase um ano, o destino que ela tomou não foi informado pelo periódico. É provável que seu dono não soubesse por onde a negra Thereza andava, conseqüentemente o retorno ao cativo tornava-se mais difícil. Mesmo seu proprietário dando todas as características físicas.

A luta desses escravizados era manter o núcleo familiar unido. Quando essa unidade estava ameaçada de separação pelo senhor, os cativos resistiam mediante negociação ou se utilizando de sua rede de solidariedade para empreender a fuga. Nessa relação havia também o parentesco por nação, e formavam uma rede de luta contra o cativo.²²¹

Segundo Juliana Barreto Farias, as escapadas desses fugitivos tinham um caráter endêmico; eles organizados, em face de suas articulações, traziam grande prejuízo aos seus senhores.²²² Esses prejuízos eram causados justamente pelos escravizados, visto que, quando desenvolviam certos tipos de atividades, trariam um rendimento financeiro para seus senhores.

Os escravos com ofício sempre estiveram presentes nos anúncios do *Diário de Pernambuco*, igualmente em outros periódicos que circulavam durante o período Imperial no Brasil. O cativo era tratado como uma mercadoria,²²³ haja vista que algumas publicações prometiam uma recompensa pela captura do foragido. O negro Francisco desempenhava a função de sapateiro, e esse seu trabalho garantia uma renda para seu senhor, por conseguinte, sua fuga, no dia 5 de maio de 1833, ocasionou uma perda no lucro do seu senhor.²²⁴ Além disso, ele levou consigo sua companheira, Lina. O casal poderia ter encontrado apoio na cidade, pois um escravo com sua ocupação teria grandes chances de se manter no espaço urbano, já que nesses espaços os cativos encontravam uma forma de ter seu rendimento, praticando seu serviço e se manter em liberdade.

Os negros e as negras desenvolviam diversas atividades na cidade do Recife ou no interior e nas zonas rurais, praticando uma gama de serviços como alfaiate, pedreiro, canoeiro, comércio, ourives, pescador, carpinteiro, carreiro, entre outros trabalhos. Os senhores de escravos, ao anunciarem as escapadas dos cativos no *Diário de Pernambuco*, citavam entre suas características os determinados ofícios que tais negros exerciam. A função dos anúncios de

²²¹ REIS, 2018, p. 225-229.

²²² FARIAS, 2006, p. 29.

²²³ LIBBY; PAIVA, 2005, p. 18-24.

²²⁴ HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 7 maio 1833, n. 100.

evasão dos escravizados, durante o século XIX, era justamente contribuir na recaptura dos foragidos; os anúncios eram considerados os principais meios de divulgação das escapadas dos cativos e das informações do espaço urbano. Por outro lado, o modo de vida dos de cor na urbe era pouco explorado no ambiente da comunicação.²²⁵

A função que os cativos desempenhavam era muito importante para a economia do seu senhor, pois os trabalhadores urbanos especializados, incluindo mulheres, costumavam valer mais que o da roça, porque eram muito rentáveis.²²⁶ Por essas circunstâncias, o escravizado urbano detentor de algum ofício trazia uma perda de renda considerável para o dono do cativo. No entanto, havia escravizados que, mesmo o senhor não informando sua ocupação, tinham seu valor no comércio escravocrata. Por isso, os anúncios de fugas eram de suma importância para a captura do foragido.

Maria, nação Calabar, bastante ladina, estatura ordinária, cheia do corpo, cabeça grande, nariz chato, beijos grossos, e tanto vermelhos, orelhas grandes, peitos grandes, e anda coxa por ter dado um golpe no pé direito, o qual tem um tira de pano; fugida a 18 do corrente vestido novo de chita de acento branco, e listra roxas, levando o filho de idade de 15 meses, cabeça também grande. Nariz chato, orelhas grandes, e quebrado do umbigo, com um vestidinho da mesma chita: a rua Velha n. 38.²²⁷

A escravizada Maria, de Nação Calabar, foi embora da casa do seu senhor no dia 18 de julho do ano de 1833, levando uma criança de 1 ano e três meses. A cativa estava foragida há poucos dias, mesmo assim, seu proprietário resolveu informar aos leitores do periódico a sua fuga.²²⁸

As fugas de escravos, em algumas situações, poderiam estar relacionadas com questões econômicas e políticas na Província de Pernambuco. Cadena²²⁹ analisa a sociedade local, demonstrando as vendas, compras e empenhos dos seus bens entre eles, os cativos. A disputa das elites pelo poder tinha grande influência na vida dos cativos, que lutavam por sua liberdade; já que as fugas de alguns escravizados estavam ligadas à separação de sua família ou até mesmo à tentativa de voltar para o convívio do antigo senhor ou de seus familiares. Um exemplo foi o anúncio do dia 4 de abril de 1834; o casal Joaquim e Luiza e seus filhos conseguiram evadir-se do Engenho Cana Bralha desde 1834. Essa família escrava estava foragida havia quase três

²²⁵ FARIAS, 2006, p. 24.

²²⁶ CARVALHO, 2018, p. 156-162.

²²⁷ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 26 jul. 1833, n. 160.

²²⁸ *Ibid.*

²²⁹ CADENA, Paulo Henrique Fontes. Dívidas e fortuna ou riqueza e destino: o caso dos Cavalcanti de Albuquerque de Pernambuco (1801-1880). *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, Recife, n. 33.2, p. 4-28, 2015.

anos. Certamente seu senhor utilizou-se de vários mecanismos para encontrá-los, por exemplo, a publicação com as informações que correspondem às suas características físicas.

Desapareceu no dia 8 de setembro de 1834 do Engenho cana bralha um casal de escravos com duas crias, com signaes seguintes: o macho de nação Angola, de nome Joaquim, idade pouco mais ou menos de 45 a 48 anos, cor meia fula, já pinta; um tanto alto e seco, cabeça apovussão, olhos pretos, nariz igual, boca proporcionada, com um dente falto na frente, algum tanto barbado, pernas finas, e pês secos: a femea parda, idade pouco mais ou menos de 40 anos, de nome Luiza, altura regular, corpo cheio, cabelo não muito pegado, que querendo a marrar pode, olhos pardos, nariz um tanto afilado; tem uma das orelhas resgada em duas partes de cadeiados, meia beçuda; teve, ou ainda tem, alguns panos pelo rosto q'demonstra alguma roixidão; os braços, e pernas finas os pés secos, em uma das coxas uma mordida de cão, em dedo grande dos pés tem unha lascada pelo meio que trepa uma beira por cima de outra: os filhos ambos vermelhos; a femea de idade 10 anos, bastante feia, o macho com idade de 9 anos mais feixado de cor, a fala fina, de nome Cordulina, e Nicolau: os apreendedores, ou qualquer pessoa que deles saber, e tiver noticia dirijam-se ao mesmo Engenho a falar com Manoel Izidorio Coelho, ou nesta praça dom Manoel Buarque de Macedo na rua do Fagundes D. 7, que será bem recompensado.²³⁰

No dia 8 de setembro de 1834, um casal de escravo evadiu-se do Engenho Cana Bralha, levando consigo os dois filhos. O escravo atendia por Joaquim e na época teria entre 45 e 48 anos; a mulher chamada Luiza, a menina de nome Cordulina com 10 anos de idade e Nicolau com 9 anos. O anunciante conhecia bem seus cativos, pois apresentava ao público detalhes dos aspectos físicos dos escravos. Mesmo assim, não conseguiu ter êxito na captura dos foragidos, pois até o ano de 1837, a família de escravos ainda aparecia como foragida.

Pelo tempo que essa família se encontrava foragida, havia a possibilidade de estarem vivendo acoitados na urbe. A circulação de pessoas pela cidade era constante, os negros foragidos se articulavam no meio urbano tendo contato com outras pessoas de cor, criando uma rede de sociabilidade, que teria interesses e sentimentos em comum, tornando-se um perigo para os senhores.²³¹ A formação da família escrava implicava não apenas o parentesco sanguíneo, mas também poderia ter relação direta com a luta contra o cativo, onde uma boa parte da população negra cativa, quando evadia-se das amarras do seu dono poderia encontrar apoio entre aqueles libertos, livres ou entre os próprios cativos que circulavam no espaço urbano, dessa forma, tornando-se uma constante ameaça a sociedade escravista.

²³⁰ HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 6 jul. 1837, n. 143.

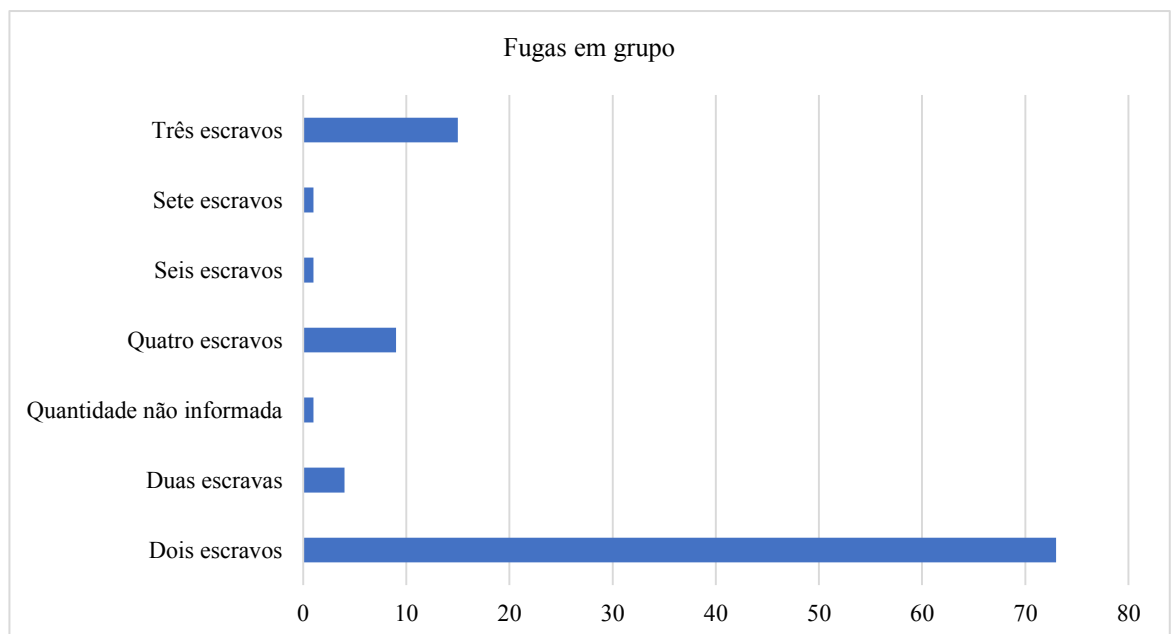
²³¹ SLENES, Robert W. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava*. São Paulo: Unicamp, 2011. p. 60.

3.2 Fugas em grupo

A evasão de escravos em grupos representa uma reação coletiva ao cativo. Porém, essa oposição em algumas situações não previa o fim do sistema escravista, mas sim uma maneira de negociação com o senhor para corrigir os excessos de tirania, diminuir a opressão, ter direitos a certos benefícios.²³² Por outro lado, havia aqueles que desejavam viver livre das amarras do seu senhor, para isso, fugiam na esperança de não serem encontrados, tendo diversas estratégias, a troca de roupas, mudança de nome, ir para locais distantes. Esses fatores, além do aglomerado da cidade, dificultando a sua captura.

Os negros que resolviam fugir em grupo punham em questão as atitudes desses senhores em relação à vida daqueles que viviam sob o jugo do cativo. Os escravos, tentando livrar-se da opressão vivenciada pela escravidão, promoviam sua resistência, tendo como elemento primordial, a evasão da senzala, sejam ela urbana ou rural. O Gráfico 6 mostra que as fugas em dupla eram uma presença constante, mas houve fugas de três, quatro e até seis escravos de uma mesma localidade. Um exemplo disso foi o que ocorreu no Engenho Articum, onde, em menos de um ano, houve a fuga de 9 escravos divididos em dois grupos. Desse modo, a luta contra o cativo era constante, e quando os negros iam embora do seu local de trabalho, tornavam-se um rebelde aos olhos da sociedade escravocrata (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Fugas em grupo



Fonte: Dados extraídos do Diário de Pernambuco 1830-1839.

²³² REIS, J., 2000.

No dia 21 de março de 1830, três negros resolveram evadir-se do cativeiro: José, Joaquim e Bernardo.²³³ Segundo o noticiado, eram de uma mesma nação, a de Moçambique, o que poderia ter facilitado o planejamento das fugas. Além disso, eles se utilizaram de um mecanismo muito corriqueiro nas escapadas dos escravos, levar um número significativo de roupas, possibilitando que pudessem trocar a vestimenta para confundir as autoridades e as demais pessoas que viviam da captura dos cativos.

No dia 21 do passado fugirão os escravos seguintes nação Moçambique, ainda muito boçais; Joze, com calças de brim com riscas de cor descorada, jaqueta de chita branca, alto e bem parecido, e sem ponta de barba: Joaquim, com calças de brim cor descorada, camisa de algodão, boa figura gordo, e com sinais de pipoca da testa até o nariz, com falta de um dente da parte de baixo e sem barba: Bernardo, com calças e camisa de algodão, estatura ordinária, grosso do corpo, com sinais de riscos nas faces e sem barba; os apreendedores levem a seu sr. Antônio Joze de Oliveira Braga, na rua do Vigário casa n° 20, que receberão a recompensa do seu trabalho.²³⁴

Esses anúncios publicados no *Diario de Pernambuco* atraem a atenção de muitas pessoas, pois, para elas, a captura de um determinado escravo significava ter em suas mãos certa gratificação em réis.²³⁵ O periódico em muitas situações traziam detalhes e características do fugitivo que se configurava em uma identidade que possibilitava, na medida do possível, reaver o cativo que se encontrava fugido.²³⁶ Mesmo com suas particularidades postas nos anúncios, os escravizados conseguiam manter-se foragidos, já que para encontrá-los em uma região como Pernambuco implicava diversas dificuldades, que iam desde o número de pessoas de cor, as ruas estreitas²³⁷ e o acoitamento.

A fuga de um grupo de escravos de um determinado sítio localizado no Recife demonstra que os negros não estavam dispostos a viver em opressão, submetidos a castigos físicos e trabalhos exaustivos. Esses poderiam ser alguns dos motivos que fizeram com que os cativos Marcelino, Jorge, Paulo e Thomaz²³⁸ deixassem seu local de trabalho em troca de uma vida onde pudessem viver “livres”, ainda que soubessem que estariam em seu enalço aqueles que os queriam capturar em troca de uma recompensa que o seu senhor estaria oferecendo. Ao

²³³ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 1.º abr. 1830, n. 350.

²³⁴ *Ibid.*

²³⁵ GOMES, 1996, v. 1, p. 67-93.

²³⁶ FREYRE, 2012.

²³⁷ DARWIN, 2008, p. 491.

²³⁸ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 19 out. 1830, n. 504.

publicar a fuga desses escravos, o jornal não traz informações sobre suas características físicas, mas apenas que são ladinos.

Ser ladino em uma sociedade escravista era ter absorvido a cultura portuguesa, ou seja, a língua e a religião (católica), além de ter habilidade no serviço doméstico ou do campo. Esse termo era utilizado para diferenciar dos negros recém-chegados da África.²³⁹ Estima-se que, durante a década de 1830, entrou em Pernambuco pelo tráfico negreiro 35.158 pessoas oriundas da África para serem escravizadas nessa província.²⁴⁰ O Recife era considerado uma das principais rotas do comércio escravista. Com a entrada de novos africanos, tornava-se necessário que os senhores, ao anunciar a fuga de seus escravos, colocassem algumas características que os diferenciavam dos negros novos na terra. O termo ladino era mais adequado para diferenciá-los.

O negro Rodrigo de Nação Nagô resolveu fugir da casa do seu senhor, levando consigo vários pretos da sua mesma origem e de outras. O cativo era pouco ladino, ou seja, tinha pouco conhecimento sobre a cultura e língua portuguesa, mas, isso não impediu que o escravizado deixasse o seu local de trabalho em busca de sua liberdade.

Rodrigo, nação Nagô, alto e grosso do corpo, cara redonda, nariz chato e grosso, olhos avermelhados e fundos, barbado, com os lados do rosto talhados 2° a nação, dente abertos e bons, na face direita do olho um sinal de uma esfoladura que ainda não tomou a cor da cara por ser curada a pouco tempo, tem uma das canelas das pernas uma cicatriz antiga que pode ser que desde cima parece estar a carne fofa, toma tabaco, e ainda não fala bem, por ser pouco ladino, fugido na noite do dia 26 passado, levando vestindo calça de brim, camisa de mangas curtas de algodãozinho da América, e barrete de riscado amarelo, e consta que com esse preto foram mais outros, e vários pretos da mesma nação: os apreendedores levem ao tenente coronel Chaby na Praça da Boa Vista por cima da botica de João Ferreira da Cunha, que serão bem recompensados.²⁴¹

A fuga desses escravizados demonstra que houve uma solidariedade entre eles, deixaram o cativo na noite do dia 26 de setembro de 1830. O anunciante não informou o número de negros que foram embora, apenas comunicou a característica física de Rodrigo e o local onde deveriam ser entregues, na casa do tenente-coronel Chaby, residente na Praça da Boa Vista, um dos bairros centrais do Recife. Aqueles que levassem até a casa, indicada no anúncio, receberiam uma gratificação.

²³⁹ MOURA, 2013, p. 234.

²⁴⁰ SLAVE VOYAGES. Disponível em: <http://www.slavevoyages.org>. Acesso em: 5 ago. 2018.

²⁴¹ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 1.º out. 1830, n. 489.

A ligação dos cativos por laços parentais ou nacionalidade eram consideradas perigosas para o sistema escravista, pois os laços afetivos contribuíam para o fortalecimento de oposição ao cativo.²⁴² Os negros, em sua constante luta contra a sociedade escravocrata, teriam na sua estrutura sociocultural a chamada sociabilidade, a qual teria como influência um elemento comum que, de certa forma, determinava sua sobrevivência diante de seus senhores.

O comportamento rebelde dos cativos esteve sempre presente no cotidiano daqueles que teriam como princípio construir sua liberdade, nem que, para isso, tivesse de deixar o cativo, como ocorreu com o escravo Rodrigo e seus companheiros, que encontraram na fuga a melhor maneira de se livrar do cativo. Os textos publicados no periódico sobre aqueles que desafiavam a ordem vigente imposta pelas autoridades senhoriais foi chamada por Marcus de Carvalho de comportamento rebelde.²⁴³

Nesse contexto a fuga aparecia como uma das ações dos negros diante do sistema escravista vigente no Brasil desde o período colonial até o imperial e teria como finalidade livrar-se do cativo. A liberdade estava ligada à relação interpessoal dos negros, comerciantes, viajantes, marinheiros entre outros. Nessa relação havia a possibilidade de uma possível melhoria de vida, considerando que, em cidades como Recife, havia grandes chances de os escravizados “foragidos” encontrar apoio e conseguir a própria liberdade seja por um período curto ou definitivamente.²⁴⁴

A fuga dos cativos em grupo poderia ter uma relação direta com as atitudes impostas pelos senhores, que, como donos legítimos de tais cativos, poderiam impor-lhes as correções necessárias, as quais estariam ligadas à severidade dos castigos, o trabalho exaustivo entre outros elementos que levavam os negros a reagir com rebeldia a seus opressores,²⁴⁵ os quais correspondiam com violência. O açoite público fazia parte da punição do escravo fugido, dentre outros atos de desafio à ordem. O suplício à vista de todos servia para intimidar e desencorajar os escravizados de incorrerem no mesmo delito. Muito provavelmente, o medo de um castigo como esse esteve nos cálculos dos cativos quando pensavam em fugir (Imagem 9).²⁴⁶

Imagem 8 – Aplicação do castigo O Açoite, século XIX - Período Regencial, 1832-1840

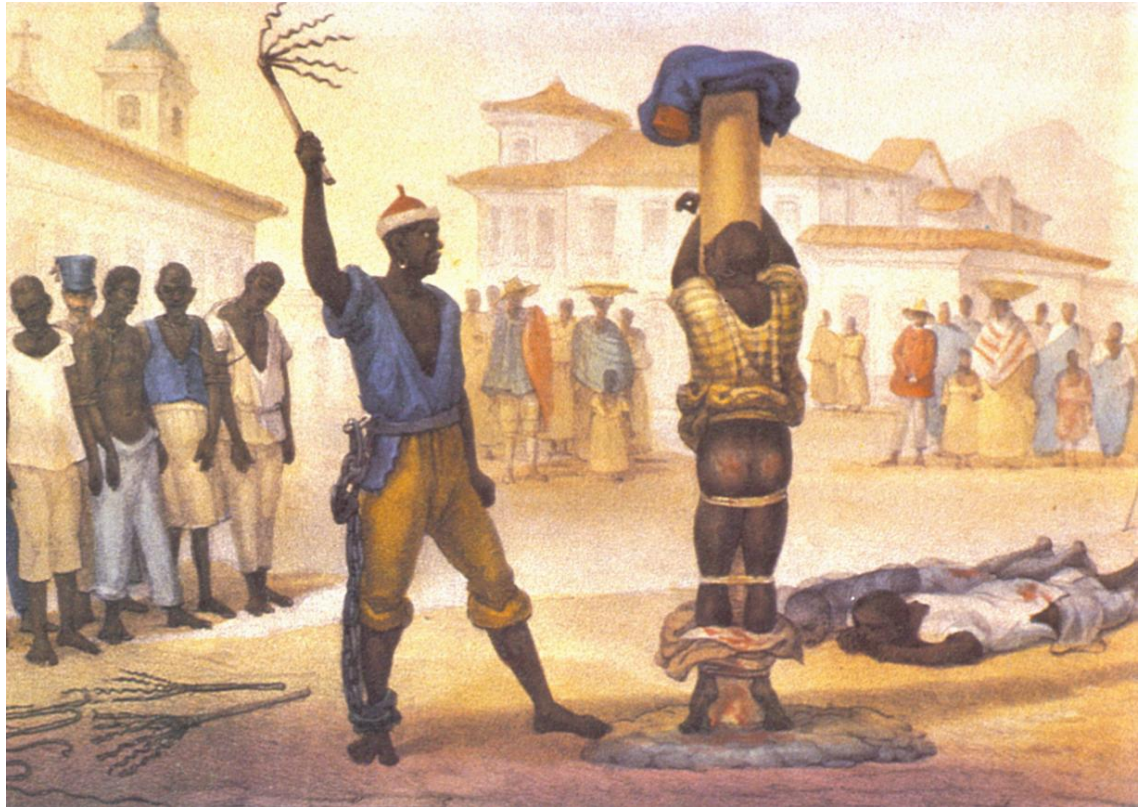
²⁴² SLENES, 2011, p. 52-63.

²⁴³ CARVALHO, 2010, p. 260.

²⁴⁴ CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. **Liberdade**: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822 – 1850. Recife: Editora Universitária – UFPE, 2010. p. 316.

²⁴⁵ LIBBY; PAIVA, 2005, p. 45-47.

²⁴⁶ DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1989. t. 2, p. 175.



Fonte: DEBRET, 1989, prancha 45.

A violência era uma das formas que os senhores encontraram para manter os cativos sob sua total obediência; quando isso era quebrado, os castigos eram praticados, mas mesmo com as correções, alguns negros empreendiam novas fugas. O senhor do Engenho Maciape publicou que, no dia 10 de março de 1835, a fuga quatro cativos, dois negros e duas negras.²⁴⁷ Não sabemos, de fato, o que levou esses negros e negras a se evadirem, mas considerando que a vida do escravo era muito difícil em razão da má alimentação, punições, entre outros fatores, isso poderia ocasionar a evasão desses cativos. Os escravistas, por serem donos de pessoas negras (escravizadas), obrigavam a desenvolver certo tipo atividades; a desobediência era passiva de uma correção, que poderia vir em forma de açoite para servir de exemplo diante daqueles que tentassem infringir a ordem do seu senhor.²⁴⁸

O açoite esteve presente praticamente em todo o período imperial, em que um senhor e o Judiciário poderia punir o cativo com a pena estipulada por um juiz. O Código Criminal no artigo 60 determinava: “se o réu for escravo, e incorrer em pena que não seja capital ou de galés será condenado aos açoites, e não poderá levar por dia mais de cinquenta chicotadas.”²⁴⁹ Ao

²⁴⁷ HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 13 mar. 1835, n. 33.

²⁴⁸ MOURA, 2013, p. 17.

²⁴⁹ *Ibid.*

desafiar as ordens estabelecidas com as fugas, os cativos sabiam que se fossem capturados poderiam sofrer com tais punições impostas pelas autoridades. Mesmo assim, os escravizados continuaram praticando a sua resistência. As deserções continuaram, o negro Antônio com mais 7 cativos, totalizando 8, fugiram do seu senhor. O anúncio não informa de onde fugiram, apenas comunica o local onde poderão ser entregues, na Praça da Boa Vista, botica D. 16.²⁵⁰

Outro número considerável de cativos que se evadiram do seu local de trabalho ocorreu no Engenho Articum, da Freguesia do Una. Contabilizando quatro escravos que resolveram empreender suas fugas entre agosto e setembro de 1837. No ano seguinte, entre os meses de maio e junho, desapareceram mais cinco cativos, totalizando a fuga de nove negros.²⁵¹

Os quatro primeiros escravos que fugiram foram Verissimo (crioulo), Manoel, Silvestre e Francisco; esses três últimos eram gentios de Angola. Os cativos tinham em média 20 a 30 anos de idade. A imagem dos cativos apresentada pelo anúncio demonstrava que os foragidos teriam boa aparência, com exceção do escravizado Francisco; mais novo desse grupo de foragidos, com apenas 20 anos de idade, trazia em seu corpo algumas marcas, tem os dentes bastante pretos, nas coxas e nas nádegas tem marcas de ferida, no nariz, alguns talhos da sua terra que nada se percebem²⁵². Essas descrições trazidas pelo seu senhor, de certa maneira, facilitava a identificação do cativo, já que as marcas que o cativo trazia o diferenciava dos outros, dando às autoridades maior possibilidade de capturá-lo.

Nos meses de maio e junho de 1838, fugiu outro grupo de negros do mesmo Engenho Articum, um total de cinco escravos: Julio (crioulo), com 30 anos de idade, traz no corpo várias marcas de ferida que teve pelas pernas; Manoel Pinto, do gentio de Angola, com 20 anos idade; Alexandre, idade 30 anos, tem em uma das mãos o dedo mínimo cortado, uma pequena rachadura no beijo de cima. Esses três cativos tinham como ofício carreiro,²⁵³ ocupação responsável por conduzir os carros de boi entre as plantações do engenho e também pelo transporte dos produtos agrícolas para outras localidades da província.²⁵⁴

Os outros dois escravos foram Domingos, com 30 anos de idade, e Paulo, do gentio de Angola, da mesma idade. O último cativo na visão do seu senhor era uma pessoa bruta no falar, pois ele não conseguiu ou não quis absorver a língua portuguesa e costume brasileiro.²⁵⁵

²⁵⁰ HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 16 set. 1835, n. 174.

²⁵¹ *Ibid.*, 23 ago. 1838, n. 182.

²⁵² *Ibid.*

²⁵³ *Ibid.*

²⁵⁴ GASPARG, Lúcia. *Carro de boi*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2004. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php>. Acesso em: 9 maio 2018.

²⁵⁵ *Ibid.*, 23 ago. 1838, n. 182.

O senhor de nome Thomaz José da Silva Gusmão, dono dos 9 cativos alega que os escravizados foram seduzidos e levados por alguém para o Sertão. Havia na sociedade escravista pessoas que se favoreciam das fugas dos cativos, ajudando-os a permanecerem longe das amaras do seu senhor, levando-os para lugares distante do local de onde teria fugido, dando proteção em troca de seus serviços. Na esperança ter uma vida melhor muitos cativos aceitavam a ajuda de outras pessoas, e partiam em busca de sua liberdade. Nesta publicação da evasão dos escravos, podemos perceber uma cumplicidade entre os foragidos e o sedutor, pois os negros se utilizaram de um mecanismo que era muito comum no período escravocrata a sociabilidade. Na tentativa de reaver os seus cativos o senhor Thomaz José da Silva Gusmão, solicitou aos senhores prefeitos, juizes de Paz e às demais autoridades dos respectivos distritos que o ajudassem na captura dos fugidos, prometeu uma recompensa a quem os entregasse em um dos seus Engenhos Articum ou Maçangana.²⁵⁶

A fuga desses cativos trouxe um certo prejuízo para o Senhor Thomaz José da Silva Gusmão considerando-se que os escravizados tinham seu valor no comércio escravocrata e eram a força de trabalho do engenho. Os cativos tinham valor comercial e produtivo. Quando eles resolviam abandonar o cativeiro, deixariam para trás toda uma estrutura produtora sob o domínio de uma elite senhorial”.²⁵⁷ A preocupação do dono do Engenho Articum justificava-se, pois, as perdas materiais e econômicas eram grandes, daí o senhor solicitar o apoio das autoridades em uma tentativa para reaver seus escravos.

O número de escravos que fugiram desse engenho nos possibilita fazer vários questionamentos sobre as atitudes adotadas pelo senhor desses negros, que, na configuração de uma sociedade escravista, poderia usar sua autoridade cometendo excesso em sua prática cotidiana em lidar com os escravizados. Por isso, os cativos procuraram livrar-se de suas amarras, sendo a fuga considerada um mecanismo que viabilizava reconstruir sua vida distante do cativeiro.

Em sua luta contra a escravidão, as estratégias de fuga passavam pelo crivo de preparação organizacional, tendo de observar a falha na segurança; o que o fugitivo poderia levar, com quem iria e o possível local onde se manter escondido. Os cativos Damião e Cosme, ao fugirem no dia 7 de setembro de 1837, levaram apenas roupas, mas onde eles poderiam estar o anúncio não informa.²⁵⁸ Os escravizados Maria e Luiz, quando resolveram deixar o cativeiro,

²⁵⁶ HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 23 ago. 1838, n. 182.

²⁵⁷ CARVALHO, 2010, p. 275.

²⁵⁸ HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 19 set. 1837, n. 202.

levaram roupas e foram vistos no aterro dos Afogados,²⁵⁹ uma área do Recife que vinha desenvolvendo-se e estava atraindo uma parcela da massa populacional, passando a ser um dos locais para onde alguns negros foragidos se dirigiam.

Através dos anúncios da evasão de escravos em grupos é perceptível uma ação de solidariedade entre os negros que viviam em um mesmo local de trabalho. Portanto, era no cativo que os escravos se organizavam e esperavam o melhor momento para empreender a sua fuga.

3.3 Os escravizados, suas etnias e nações

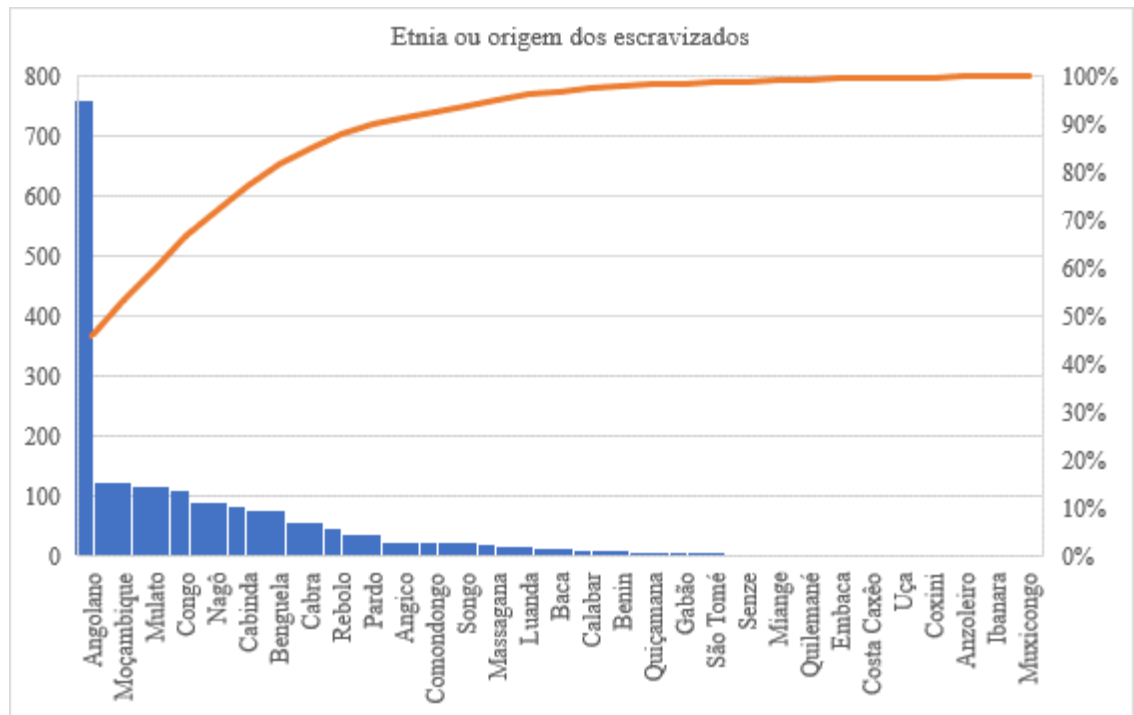
Nas consultas e análise dos anúncios dos cativos foragidos nos deparamos com um número considerável de nacionalidades, dos múltiplos negros que foram escravizados na Província de Pernambuco. Esses comunicados podem ser considerados um retrato da sociedade escravocrata que tinha no negro a sua força de trabalho. Muitos deles foram trazidos da África para servirem como mão de obra nos engenhos e no espaço urbano. Sendo, assim, não eram tratados como pessoas, mas algo valioso que tinha em suas atribuições servirem aos seus senhores. Como afirmou Gilberto Freyre, a parte mais humana e mais viva dos jornais eram os comunicados relativos aos escravos; neles podemos compreender a economia, a sociedade patriarcal e agrária.²⁶⁰

No entanto, a solidariedade entre os cativos de uma mesma nação ou de outras representava um grande perigo para o sistema escravista. Nas consultas em edições do periódico, encontramos uma diversidade de nações que foram escravizadas na Província de Pernambuco. A origem dos cativos era divulgada no jornal pelos senhores escravocratas que se utilizavam da imprensa escrita para divulgar as escapadas dos seus cativos, que traziam em seu noticiário a nação a qual o cativo pertencia (Gráfico 7).

Gráfico 7 – Etnia ou origem dos escravizados

²⁵⁹ *Ibid.*, 9 mar. 1839, n. 057.

²⁶⁰ FREYRE, 2012, p. 50.



Fonte: Dados extraídos do Diário de Pernambuco 1830-1839.

A quantidade dos anúncios que trazem informações sobre a origem dos escravizados atingiram um total de 1.659, ou seja 41,03%. A maior quantidade entre as etnias africana foi a de Angola com um quantitativo de 760 negros, chegando a uma porcentagem de 36,4%, constituindo mais da metade de todas as nações oriundas do continente africano que foi um total de 1.424 de homens e mulheres traficados para Pernambuco. Os mulatos aparecem com um total de 115, totalizando 3,7% dos escravizados que tiveram suas fugas anunciadas no periódico, sendo o segundo maior quantitativo de negros e negras que se opuseram ao sistema escravista. Outras etnias tiveram uma quantidade muito baixa, por isso, que no gráfico aparecem em uma porcentagem quase inexistente, como no caso da nação Quiçamana. Esses dados reforçam a ideia defendida pela historiografia de que a capital dessa Província, o Recife, era um dos maiores polos do comércio de escravos do Império brasileiro.

A história da escravidão no Brasil Império relaciona-se com as etnias ou nação de africanos que se rebelava com frequência. Uma das possíveis causas era justamente o número de cativos de uma etnia ou nacionalidade em um determinado local. Como o ocorrido na Bahia em 1807, os negros de Nação Haussá estavam planejando rebelar-se contra o sistema

escravocrata. A conspiração foi duramente reprimida pelas autoridades locais.²⁶¹ A proximidade dos escravizados de uma mesma procedência facilitava a comunicação entre eles, pois as relações culturais presentes faziam com que se organizassem e promovessem suas rebeldias, contrapondo-se ao cativo.

Os negros, na maior parte, procuraram construir seu caminho em direção à liberdade explorando as vias institucionalizadas na escravidão durante o século XIX.²⁶² As informações que os negros ouviam nos centros urbanos, nas residências contribuía para o fortalecimento de sua luta. Marcus de Carvalho afirma que, quando as elites senhoriais se encontravam divididas, os negros promoviam sua resistência, dessa forma, minavam o sistema escravocrata, burlando a vigilância, empreendendo fugas, organizando quilombos.²⁶³

O negro não esteve alheio às questões políticas e ideológicas pelas quais o mundo atlântico vinha passando, que diretamente influenciou na rebeldia negra no Brasil Império. A onda de transformações políticas e ideológicas que varreu o mundo atlântico, na chamada Era das Revoluções, contribuiu para a rebeldia negra no Brasil. Os debates em torno dos direitos dos homens e das nações à liberdade levaram a uma possível conscientização dos escravizados que percebiam a divisão dos homens brancos em relação aos novos rumos que o mundo vinha tomando. Contudo, um dos elementos que inflamaram os cativos a lutarem pelo fim da escravidão foi a Revolução Haitiana.²⁶⁴

As notícias que circulavam entre os viajantes, comerciantes, marinheiros e outros que desembarcavam no porto do Recife faziam dessa região um barril de pólvora que poderia explodir a qualquer momento, tendo o negro como um dos protagonistas da rebeldia. A criação de comunidade de interesses e sentimentos que os negros traziam consigo poderia implicar em uma resistência muito mais feroz, como bem observou Robert W. Slenes,²⁶⁵ quando diz que a família minava constantemente a hegemonia dos senhores. Por outro lado, Marcus de Carvalho diz que os negros reconstruíam seus laços culturais e religiosos nos batuques que eram promovidos no bairro de São José, uma das áreas centrais do Recife,²⁶⁶ onde havia um número considerável de negros, que, promovendo suas festividades, poderiam tramar a resistência contra seus senhores.

²⁶¹ REIS, João José. Resistência e controle dos escravos na Bahia: a Conspiração Haussá de 1807. In: FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima (org.). *Na trama das redes: política e negócios no Império português, séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 549-599.

²⁶² CHALHOUB, 2009, p. 252.

²⁶³ CARVALHO, 2010.

²⁶⁴ REIS, J., 2000.

²⁶⁵ SLENES, 2011, p. 52-63.

²⁶⁶ Ver CARVALHO, 2010.

Essas conjunturas socioculturais em que os negros estavam envolvidos ajudavam na formação de uma sociabilidade entre a população de cor, que, mesmo sem pertencer a uma determinada etnia, se uniram para impor sua objeção ao cativo. Sabendo do perigo, as autoridades impuseram uma constante vigilância à massa populacional, a ponto de proibirem a circulação dos negros pelas ruas do Recife durante determinado período noturno.²⁶⁷ Os cativos Manuel (mulato), Joaquim (Nação Moçambique) e Ricardo, ainda que fossem de origem diferente, planejaram deixar seu local de trabalho juntos,²⁶⁸ preferiram enfrentar os perigos das ruas do Recife a viverem sob a opressão do cativo.

Considerando que os negros e negras de diversas nações foram forçados a vir para o Brasil e aqui ser escravizados, eles não aceitavam viver sob as amarras de um senhor, sendo condicionados a desenvolver certas atividades na condição de escravo, que em caso de desobediência eram punidos com castigos, contudo, as fugas eram uma das formas de oposição ao cativo.²⁶⁹ Como o ocorrido com o escravizado Benedicto, de Nação Costa, que desapareceu no dia 2 de junho de 1830. Ele tinha chegado a essas terras brasileiras havia 5 ou 6 meses; durante esse tempo, pouco aprendeu sobre a língua portuguesa e os costumes da terra.²⁷⁰

As Imagens 10 e 11 são uma demonstração do viajante Debret, que retratou as diferentes etnias que foram trazidas para o Brasil. Em algumas regiões, predominou o comércio de uma determinada etnia ou nacionalidade; no caso de Pernambuco, a maior parte foi de angolanos e moçambicanos. Essas imagens feitas por Jean-Baptiste Debret são uma representação das diversas nacionalidades africanas que foram obrigadas a virem para o Brasil.

Imagem 9 – Escravos negros de diferentes nações, século XIX - Período Regencial, 1832-1840

²⁶⁷ ARRAIS, 2004, p. 411-412.

²⁶⁸ HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 1.º ago. 1832, n. 440.

²⁶⁹ LIBBY; PAIVA, 2005, p. 56-66.

²⁷⁰ HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 2 jun. 1830, n. 39.



Fonte: Acervo Coleção Brasileira Itaú.²⁷¹
Desenhista Jean-Baptiste Debret.

Imagem 10 – Escravas negras de diferentes nações, século XIX - Período Regencial, 1832-1840



Fonte: Acervo Coleção Brasileira Itaú.²⁷²
Desenhista Jean-Baptiste Debret.

²⁷¹ Disponível em: www.brasilianaiconografica.art.br/obras/19584/esclaves-negres-de-differentes-nations. Acesso em: 4 jan. 2018.

²⁷² *Ibid.*

As cidades negras não poderiam ser analisadas só pelos números, cada uma delas teria a sua própria identidade, que, por meio do convívio social, eram reinventadas. O bairro de São José era um desses locais onde os libertos, livres e escravizados, buscavam reconstruir seus laços culturais que foram quebrados com o tráfico negreiro.²⁷³ Diante disso, muitos negros faziam suas articulações socioculturais, o que, de certa forma, contribuía para a fuga dos cativos.²⁷⁴ A negra Ignacia, crioula, com idade de aproximadamente 40 anos, passava o dia vendendo peixe e carne de porco, mas resolveu ir embora sem deixar rastro do destino que tomou. A crioula estava foragida havia quase cinco anos, como afirma o anunciante:

Ignasia, crioula, de Idade pouco mais ou menos de quarenta e tantos anos, fugida a perto de cinco anos, vendedora de peixe e carne de porco, estatura baixa, cabeça pequena, com cabelos brancos, rosto pequeno, olhos pretos, o alvo dos mesmos alguma coisa fumacenta, maçãs levantadas, queixo fino, corpo seco, peitos pequenos, pernas abertas, e intitula-se por forra: os apreendedores levem a rua D'Agua Verde no 2º andar do sobrado junto ao beco que vai para rua de Hortas; assim como protesta com todo o rigor da Lei contra quem a acoitada.²⁷⁵

Os cativos se utilizavam dessas festividades e dos contatos que teriam no espaço da urbe para empreender sua fuga. Utilizando-se do título de forra, a crioula Ignacia permaneceu foragida por quase cinco anos.²⁷⁶

A cativa Roza, de Nação Benguela, com o ofício de costureira, fugiu da casa do senhor no dia 27 de abril de 1833.²⁷⁷ Mesmo com uma ocupação específica, a negra poderia encontrar trabalho nos diversos ramos tanto na urbe ou no interior. O preto André, de Nação Angola, evadiu-se da casa do senhor, localizada no Monteiro, e foi em direção ao Recife.²⁷⁸ O negro certamente tinha notícia de que na urbe havia grande concentração de negros, o que lhe possibilitava continuar foragido. Como o cativo era de origem africana, seu senhor, ao fazer o comunicado de sua fuga, classifica-o como preto, termo utilizado para os cativos que vieram da África, mas, ao mesmo tempo, também servia aos forros. Contudo, na maioria das áreas escravocratas, foi empregado para definir os africanos diferenciando-os dos nascidos em território brasileiro.²⁷⁹

²⁷³ CARVALHO, 2010.

²⁷⁴ SILVA, W., 2008.

²⁷⁵ HEMEROTECA DIGITAL. *Diario de Pernambuco*, Recife, 10 abr. 1830, n. 555.

²⁷⁶ *Ibid.*

²⁷⁷ *Ibid.*, 2 maio 1833, n. 097.

²⁷⁸ *Ibid.*, 4 jan. 1837, n. 003.

²⁷⁹ MATTOS, Hebe Maria. *Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 17.

As diversas etnias e nacionalidades de escravos que chegaram a Pernambuco, buscaram de certa forma sua liberdade, e quando um grupo de uma mesma etnia era adquirida por um determinado senhor, a resistência à submissão se fortalecia, pois os laços culturais ainda não teriam sido quebrados. Nessa perspectiva a fuga era uma das formas que esses cativos encontravam para se livrar das amarras do cativo. Dois escravos, um de nome Joaquim e outro chamado Thomaz, os dois de Nação Congo, evadiram-se da Fábrica do Fundão no dia 24 de fevereiro de 1838.

Desapareceu da fábrica do Fundão no dia 24 do corrente 2 escravos, um por nome Joaquim, nação congo, alto, cheio de corpo, pernas tortas para dentro, e os pés apalhetados, com camisa de algodãozinho e calça de ganga já velha, tudo muito sujo, e outro por nome Thomaz, nação congo, muito fulo, cara redonda, nariz chato, baixo, cheio do corpo, com uma marca de ferida na perna esquerda já cicatrizada de pouco: quem dele souber, ou os pegar leve-os a mesma fábrica, que será bem recompensado de seu trabalho.²⁸⁰

Esses escravos pertenciam a um mesmo senhor. Vivendo em um mesmo espaço e ligados pelos laços culturais, promoveram uma reação ao cativo em busca de sua liberdade. Isso demonstra que os grupos de escravizados que se evadiram do cativo quando eram de uma mesma origem teriam maior facilidade em organizar sua resistência contra o sistema escravocrata.

Essa população, que era submetida à escravidão, construía suas relações por meio de um sistema que ficou conhecido na historiografia como uma rede de sociabilidade, que implicava articulações que poderiam ocorrer entre os próprios negros ou até mesmo com outras pessoas que viviam em tais locais. Foi o que percebemos nos anúncios de fugas publicados no *Diário de Pernambuco*, onde determinados senhores de escravos foragidos alegavam que seu cativo poderia estar acoitado em alguma casa, no engenho ou até mesmo no próprio espaço urbano do Recife.

A luta travada pela população negra contra o cativo perdurou enquanto durou a escravidão, não importando de onde teriam vindo. Os cativos sempre se opuseram à sociedade escravista, tendo como principal mecanismo de resistência, as fugas. Poderiam fugir sozinho ou acompanhado, levando roupas, objetos; eram estratégias que faziam parte da constante rotina de negros e negras escravizados. Basta fazer uma análise no periódico que teremos um retrato

²⁸⁰ HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 28 fev. 1838, n. 047.

da sociedade brasileira durante a primeira metade do século XIX, sendo esses anúncios uma das fontes que nos possibilita compreender a história social do Brasil.²⁸¹

²⁸¹ FREYRE, 2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período escravocrata deixou marcas na história do Brasil, que ainda hoje são perceptíveis na sociedade brasileira. Para reverter essa situação alguns historiadores têm desenvolvidos estudos sobre a luta dos negros contra o cativo. Este estudo vem contribuir com essas reflexões, tendo os anúncios de fugas publicadas no Diário de Pernambuco um dos mecanismos de resistência contra o sistema escravista, demonstrando que os negros e negras sempre lutaram por sua liberdade. Com suas estratégias, foram capazes de driblar a vigilância imposta pelos senhores e as autoridades, manterem-se foragidos por um determinado período ou definitivamente.

Por outro lado, os anúncios de evasão de escravos foram um dos mecanismos utilizados pelos senhores na tentativa de reaver sua mercadoria, pois um dos objetivos do periódico era justamente divulgar a fuga dos cativos. As informações trazidas pelo periódico sobre o escravizado eram de grande importância, por meio delas, as autoridades e as pessoas que viviam da captura de cativos poderiam ter conhecimento das características físicas, ofícios, locais onde poderia estar, o que levou e com quem fugiu.

As fugas anunciadas no Diário de Pernambuco não representam a totalidade das evasões de cativos na Província de Pernambuco, visto que utilizamos uma metodologia de investigação baseada em analisar os meses pares nos anos pares e os meses ímpares nos anos ímpares, totalizando 6 meses em cada ano da década de 1830, sendo assim, o número de fugas dever ser bem maior do que aqueles que foram apresentados nesta pesquisa. Contudo, encontramos um número significativo de publicações de escravos foragidos. A fuga era difícil, arriscada e perigosa, mesmo assim, os escravizados não se intimidaram e enfrentaram as autoridades e os senhores com o objetivo claro, de construir a sua liberdade dentro e fora da urbe.

A capital de Pernambuco, o Recife, estava passando por grandes transformações urbanas, expandindo seu território, que de alguma forma contribuir com a permanência do cativo foragidos, que encontravam nessas localidades trabalho como escravo de ganho, desenvolvendo diversas atividades econômicas. Também identificamos que alguns escravos foram acoitados por senhores que, aproveitando-se da condição do negro ou da negra que se encontravam foragidos, lhes davam proteção em troca dos seus serviços.

Mesmo com a expansão urbana do Recife, alguns escravizados resolveram fugir para outras Províncias do Império brasileiro dificultando ainda mais a sua captura. Durante a pesquisa encontramos 14 anúncios de escravizados que saíram de Pernambuco e tiveram como destino a Província da Paraíba. Os escravizados que empreenderam as suas fugas estavam

determinados a viverem fora do cativeiro, e uma das estratégias era ir para lugares distante, onde não pudesse ser encontrado.

A grande maioria dos que desafiaram a sociedade escravista empreendeu sua fuga sozinha, sendo a grande parte de homens, solteiros, com idade entre 20 e 40 anos. Considerando a sua idade, eram pessoas que, de certa forma, teriam maior facilidade para enfrentar os desafios que a vida longe do cativeiro poderia trazer-lhes. Houve fugas de mulheres, idosos, moleques, de famílias inteiras e em grupos. Mostrando que o ato da evasão estava relacionado com problemas e questões vivenciadas no âmbito pessoal da relação senhor-escravo. A fuga pode ser compreendida como uma das formas de resistência à escravidão, pois os cativos, com sua rebeldia, minavam as estruturas de submissão a um determinado senhor.

Ao longo desse trabalho tentamos demonstrar que a fuga representava uma demonstração de resistência ao cativeiro. A evasão dos escravizados era considerado um ato de rebeldia, na fuga o escravo adotava uma atitude radical para mudar sua situação dentro de um sistema de trabalho e de opressão, onde o negro era tratado como uma mercadoria e uma mão de obra essencial de uma sociedade escravista. Através dos anúncios percebemos algumas evidências da violência em que os cativos eram submetidos, os maus tratos, a condição de vida no cativeiro fizera com que os escravizados deixassem a residência do seu senhor para viverem como se fossem livres.

Quando um escravizado empreendia a sua fuga alguns senhores imediatamente levava a todos cidadãos do Recife, que através do periódico a notícia chegava a todo aqueles que viviam da captura de cativos. O Diário de Pernambuco conseguiu cumprir com um dos seus objetivos que era justamente a divulgação de fuga dos escravos. Durante a década de 1830, foi um dos meios de comunicação impressa utilizado pelos senhores que desejavam reaver sua mercadoria. Portanto, o periódico tem contribuído de forma significativa na compreensão da sociedade escravista, considerando-se que os escravizados foragidos eram vistos como rebeldes.

Durante a fuga os cativos poderiam contar com o apoio de algumas pessoas que os acoitavam, esses poderiam ser punidos, pois, alguns senhores anunciavam que iria agir com todo rigor da lei contra aqueles que estivesse acoitando o seu cativo. Por outro lado, muitos dos anunciantes contava com uma rede de informações, isto é perceptível quando no jornal é divulgado o local onde o negro foi visto, colocando em seu enalço todos aqueles que vivem da captura de cativos.

Mesmo com um controle social imposto pelas elites da Província de Pernambuco, os negros escravizados foram protagonistas da sua luta constante contra o cativeiro, promovendo

através das fugas a sua resistência perante a sociedade escravista. Mesmo esta pesquisa não abordando todo a década de 1830, foi possível coletar e analisar um número significativo de fugas que ocorreram em Pernambuco e de outras Províncias do Brasil Império, tendo como destino o território pernambucano, causando certo prejuízo a seus senhores. Na visão do escravo, era a quebra de uma dominação senhorial em prol de sua liberdade. Que só poderia ser construída através de sua rebeldia, apresentada no periódico como as fugas, através delas os negros desafiaram toda uma sociedade escravista. Portanto, o jornal é uma fonte que nos possibilita compreender o contexto social em que tais sujeitos conviveram e promoveram suas reações contra o sistema opressor vigente durante o século XIX.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correia de. As sedições de 1831 em Pernambuco. *Revista de História*, São Paulo, n. 28, p. 387-407, 1956. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/38159>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- ANDRADE, Manuel Correia de. *A Guerra dos Cabanos*. Rio de Janeiro: Conquista, 1965.
- ANDRADE, Manuel Correia de. O povo contra a oligarquia: a Guerra dos Cabanos. In: ANDRADE, Manuel Correia de (org.). *Movimentos populares no Nordeste no período regencial*. Recife: Ed. Massangana, 1989. p. 63-75.
- ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1982.
- ARRAIS, Raimundo. *O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX*. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 2004.
- BARRA, Sérgio Hamilton da Silva. A cidade corte: o Rio de Janeiro no início do século XIX. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL DA CIDADE, 1., 2015, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: Propur, 2015. p. 791-805.
- BARROS, José d'Assunção. As ciências sociais e os modelos de cidades. *Arquiteturarevista*, Vale do Rio dos Sinos, v. 7. n. 1, p. 21-33, jan./jun. 2011.
- BASTOS, Ana Karine Pereira de Holanda. *O léxico dos anúncios de Escravos nos jornais do Recife do século XIX, 1853-1855*. Orientadora: Nelly Medeiros de Carvalho. 2007. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.
- BRASIL. *Lei de 16 de dezembro de 1830*. Manda executar o Código criminal. Rio de Janeiro, 1830. Coleção de Leis da República Federativa, Rio de Janeiro, 1830.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão n.ºs 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais n.ºs 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo n.º 186/2008. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 27 nov. 2017.
- BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: Unesp, 2012.
- CABRAL, Flavio José Gomes; COSTA, Robson (Org.). *História da escravidão em Pernambuco*. Recife: Editora Universitária – UFPE, 2012.

CADENA, Paulo Henrique Fontes. Dívidas e fortuna ou riqueza e destino: o caso dos Cavalcanti de Albuquerque de Pernambuco (1801-1880). *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, Recife, n. 33.2, p. 4-28, 2015.

CAMELO, Paulo. *Dicionário do falar pernambucano*. Olinda: Babeco, 2014.

CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. O quilombo do Catucá em Pernambuco. *Caderno CRH*, Salvador, n. 15, p. 5-28, jul./dez. 1991. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/viewFile/18823/12193>. Acesso em: 16 maio 2018.

CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. Os caminhos do rio: negros canoieiros no Recife na primeira metade do século XIX. *Revista Afro-Ásia*, Salvador, n. 19-20, p. 75-93, 1997. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/download/20948/13551>. Acesso em: 20 jan. 2018.

CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. Rumores e rebeliões: estratégias de resistência escrava no Recife, 1817-1848. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, v. 3. n. 6, dez. 1998.

CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. O encontro da “soldadesca desenfreada” com os “cidadãos de cor mais levianos” no Recife de 1831. *Revista Clio Histórica*, v. 1, n. 18. p. 109-137, 1998.

CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. *Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850*. 2. ed. Recife: Editora Universitária UFPE, 2010.

CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. O quilombo de Malunguinho, o rei das matas de Pernambuco. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Claro enigma, 2012. p. 465-493.

CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. Cidades escravistas. In: SCHWARCZ, Lilia M; GOMES, Flávio. *Dicionário da escravidão e liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 156-162.

CAVALCANTI JUNIOR, Manoel Nunes. O herói da Confederação do Equador volta do exílio: Manoel de Carvalho Paes de Andrade e as lutas políticas regenciais: Pernambuco, 1831-1835. *Saeculum: Revista de História*, João Pessoa, n. 33, p. 71-91, jul./dez. 2015. Disponível em: www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/27715. Acesso em: 10 jan. 2018.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002. p. 61-81.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. *Anais pernambucanos*. Recife: Fundarpe, 1965. v. 9.

COTA, Luiz Gustavo Santos. Não só “para inglês ver”: justiça, escravidão e abolicionismo em Minas Gerais. *História Social*, São Paulo, n. 21, p. 65-92, 2011.

DARWIN, Charles. *O diário do Beagle*. Curitiba: UFPR, 2008.

DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1989. t. 2.

FARIAS, Juliana Barreto et al. *Cidades negras: africanos, crioulos e espaço urbanos no Brasil escravista do século XIX*. São Paulo: Alameda, 2006.

FERRER, Ada. A sociedade escravista cubana e a Revolução Haitiana. *Almanack*, Guarulhos. n. 3, p. 37-53, 1.º sem. 2012.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. São Paulo: Global, 2012.

GASPAR, Lúcia. *Carro de boi*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2004. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php>. Acesso em: 9 maio 2018.

GIL, Carlos Antônio. *Como elaborar um projeto de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Flávio dos Santos. Jogando a rede, revendo as malhas: fugas e fugitivos no Brasil escravista. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 67-93, 1996.

GOMES, Flávio dos Santos. *A hidra e os pântanos: quilombos e mocambos no Brasil, séculos XVII-XIX*. Orientador: Robert Wayne Andrew Slenes. Campinas: Unicamp, 1997. 773 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Campinas, Campinas, 1997.

HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*, Recife, 1830-1839. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_01&PagFis=11317&Pesq10

LARA, Silvia Hunold. *Campos da violência: escravos e senhores na Capitania do Rio de Janeiro 1750-1808*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LIBBY, Cole Douglas; PAIVA, Eduardo França. *A escravidão no Brasil: relações sociais, acordos e conflitos*. São Paulo: Ed. Moderna, 2005.

MAIA, Clarissa Nunes. *Sambas, batuques, vozerias e farsas públicas: o controle social sobre os escravos em Pernambuco no século (1850 – 1888)*. São Paulo: Annablume, 2008.

MAMIGONIAM, Beatriz G. *Africanos livres: a abolição do tráfico de escravo no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MATTOS, Hebe Maria. *Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MOURA, Clóvis. *Dicionário da escravidão negra no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2013.

NASCIMENTO, Luiz. *História da imprensa de Pernambuco 1821-1954*. Recife: UFPE, 1967. v. 1

NASCIMENTO, Luiz. *História da imprensa de Pernambuco 1821-1954*). Recife: UFPE, 1968. v. 1

ORTIGOZA, *Silvia Aparecida Guarnieri*. *Paisagens do consumo*: São Paulo, Lisboa, Dubai e Seul. São Paulo: Unesp; Cultura Acadêmica, 2010. p. 84. Disponível em: http://www.creasp.org.br/biblioteca/wp-content/uploads/2012/05/Paisagens_do_consumo.pdf. Acesso em: 20 jan. 2018.

PAIVA, Eduardo França. *História & Imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PONTUAL, Virgínia. Experiências urbanísticas e representações de cidade: o Recife civilizado. In: CARNEIRO, Ana Rita Sá; PONTUAL, Virgínia (org.). *História e paisagem: ensaios urbanísticos do Recife e São Luís*. Recife: Bagaço, 2005. p. 23-48.

REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. Uma negra que fugiu e consta que já tem dois filhos: fuga e família entre escravos na Bahia. *Revista Afro-Ásia*, Salvador, n. 23, p. 27-46, 1999.

REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. Família escrava. In: SCHWARCZ, Lilia M; GOMES, Flávio. *Dicionário da escravidão e liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 225-229.

REIS, João José. “Nos achamos em campo a tratar da liberdade”: a resistência negra no Brasil oitocentista. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Viagem incompleta: a experiência brasileira 1500-2000*. Formação: histórias. São Paulo: Senac, 2000. p. 241-263.

REIS, João José. Resistência e controle dos escravos na Bahia: a Conspiração Haussá de 1807. In: FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima (org.). *Na trama das redes: política e negócios no Império português, séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 549-599.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RUGENDAS, Johann Moritz. *Malerische reise in Brasilien*. Paris: Engelmann & Cie., 1835. Disponível em: <http://www2.senado.gov.br/bdsf/item/id/227417>. Acesso em: 10 abr. 2019.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie et al. Pesquisa documental: pistas teorias e metodologias. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, São Leopoldo, ano 1, n. 1, p. 1-14, jul. 2009. Disponível em: <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/viewFile/6/pdf>. Acesso em: 2 jan. 2018.

SANTOS, Lídia Rafaela Nascimento dos. Justiça, controle social e escravidão em meados do século XIX. *Documentação e Memória/TJPE*, Recife, v. 1, n. 1, 94-115, jul./dez. 2008.

SANTOS, Lídia Rafaela Nascimento dos. *Das festas aos botequins: organização e controle dos divertimentos no Recife 1820-1850*. Orientador: Marcus Joaquim Maciel de Carvalho. 2011. 144 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

SANTOS, Lídia Rafaela Nascimento dos. *Luminárias, músicas e sentimentos patriotas: festa e política no Recife 1817-1848*. Orientadora: Martha Campos Abreu. 2018. 277 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2018.

SANTOS, Manuela Arruda. *Recife: entre a sujeira e a falta de (com)postura 1831-1845*. Orientador: Wellington Barbosa da Silva. 2009. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia M; STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHWARTZ, Stuart B. *Escravos, roseiros e rebeldes*. São Paulo: Edusc, 2001.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SILVA, Maciel Henrique. *Pretas de honra: trabalho cotidiano e representações de vendeiras e criadas no Recife do século XIX, 1840-1870*. Orientadora: Suzana Cavani Rosas. 2004. 299 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

SILVA, Sandro Vasconcelos. *O costume da praça vai à casa: as transformações urbanas e suas influências sobre os costumes da classe burguesa do Recife oitocentista 1830-1880*. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2011.

SILVA, Wellington Barbosa da. *Entre a liturgia e o salário: a formação dos aparatos policiais na primeira metade do século XIX, 1830-1850*. Orientador: Marc Jay Hoffnagel. 2003.

278 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

SILVA, Wellington Barbosa da. Burlando a vigilância: repressão policial e resistência negra no Recife do século XIX, 1830-1850. *Revista África e Africanidade*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, maio 2008.

SOUZA, Maria Angela de Almeida. *Posturas do Recife imperial*. Orientador: Antônio Paulo de Moraes Rezende. 2001. 312 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

SOUZA, Williams Andrade de. Para vigiar e executar as posturas e ordens da Câmara Municipal, o fiscal: uma autoridade no Recife imperial. *In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RIO MEMÓRIA E PATRIMÔNIO*, 14., 2010, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro, ANPUH, 2010.

SLENES, Robert W. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava*. São Paulo: Unicamp, 2011.

**ANEXO – EDIÇÕES E DATAS DOS ANÚNCIOS DE FUGAS DO DIARIO DE
PERNAMBUCO**

Número	Data	Anúncio	Número	Data	Anúncio
305	3/2/1830	1	454	17/8/1830	1
306	4/2/1830	3	456	18/8/1830	3
308	6/2/1830	3	458	20/8/1830	1
310	9/2/1830	2	459	21/8/1830	1
312	11/2/1830	1	460	23/8/1830	3
313	12/2/1830	3	461	25/8/1830	3
314	13/2/1830	1	463	28/8/1830	1
315	15/2/1830	2	464	30/8/1830	4
320	20/2/1830	3	465	31/8/1830	4
321	22/2/1830	1	489	1/10/1830	3
322	23/2/1830	2	491	4/10/1830	2
323	25/2/1830	3	493	6/10/1830	1
324	26/2/1830	1	494	7/10/1830	1
325	27/2/1830	1	495	8/10/1830	1
350	1/4/1830	2	496	9/10/1830	1
351	2/4/1830	5	497	11/10/1830	1
353	5/4/1830	1	499	13/10/1830	2
354	6/4/1830	2	500	14/10/1830	1
355	7/4/1830	2	501	15/10/1830	6
356	8/4/1830	3	503	18/10/1830	1
357	10/4/1830	1	504	19/10/1830	1
358	14/4/1830	1	505	20/10/1830	4
359	15/4/1830	1	507	22/10/1830	2
360	16/4/1830	1	508	23/10/1830	2
363	19/4/1830	3	510	26/10/1830	1
368	26/4/1830	3	511	27/10/1830	1
370	28/4/1830	2	513	30/10/1830	1
371	29/4/1830	1	540	3/12/1830	1
395	2/6/1830	4	543	7/10/1830	4
399	7/6/1830	1	544	9/12/1830	1
401	9/6/1830	5	547	12/12/1830	1
402	11/6/1830	5	550	16/12/1830	1
404	14/6/1830	2	552	20/12/1830	3
406	16/6/1830	3	555	24/12/1830	1
408	19/6/1830	3	3	5/1/13831	6

409	21/6/1830	2	5	8/1/1831	1
410	22/6/1830	1	6	10/1/1831	3
411	23/6/1830	1	7	11/1/1831	1
443	2/8/1830	5	8	12/1/1831	4
444	3/8/1830	3	9	13/1/1831	5
445	4/8/1830	1	11	15/1/1831	2
446	5/8/1830	1	12	17/1/1831	2
447	6/8/1830	2	17	22/1/1831	3
448	7/8/1830	7	20	26/1/1831	1
449	9/8/1830	1	21	27/1/1831	1
450	11/8/1830	2	22	28/1/1831	2
453	16/8/1830	3	24	31/1/1831	2
48	2/3/1831	1	191	6/9/1831	3
49	3/3/1831	2	195	12/9/1831	2
52	7/3/1831	1	196	13/9/1831	3
54	9/3/1831	2	197	14/9/1831	1
55	10/3/1831	1	198	15/9/1831	2
56	11/3/1831	5	199	19/9/1831	2
60	16/3/1831	5	201	22/9/1831	3
62	18/3/1831	8	203	24/9/1831	1
64	22/3/1831	1	205	27/9/1831	4
66	26/3/1831	1	206	28/9/1830	1
67	28/3/1831	5	207	30/9/1831	1
68	29/3/1831	2	236	5/11/1831	3
69	30/3/1831	3	237	7/11/1831	3
70	31/3/1831	2	239	9/11/1831	1
94	2/5/1831	1	240	10/11/1831	4
100	11/5/1831	1	241	11/11/1831	3
101	13/5/1831	2	242	12/11/1831	2
104	17/5/1831	1	243	16/11/1831	2
105	18/5/1831	1	244	14/11/1831	2
107	20/5/1831	1	245	16/11/1831	2
110	25/5/1831	1	250	24/11/1831	2
111	26/5/1831	4	252	26/11/1831	4
112	27/5/1831	1	253	28/11/1831	2
114	30/5/1831	2	254	29/11/1831	2
115	31/5/1831	3	301	1/2/1832	3
138	1/7/1831	2	302	3/2/1832	3
139	2/7/1831	1	304	6/2/1832	3
140	4/7/1831	3	305	7/2/1832	1

142	6/7/1831	4	307	9/2/1832	5
143	7/7/1831	3	308	10/2/1831	1
144	8/7/1831	1	309	11/2/1832	5
145	9/7/1831	1	310	13/2/1832	2
146	11/7/1831	2	311	14/2/1832	2
147	12/7/1831	1	312	15/2/1832	1
148	13/7/1831	2	314	17/2/1832	4
149	14/7/1831	1	315	18/2/1832	1
150	15/7/1831	2	316	20/2/1832	1
151	16/7/1831	2	318	22/2/1832	1
152	18/7/1831	4	319	23/2/1832	4
153	19/7/1831	3	321	27/2/1832	2
154	20/7/1831	2	323	29/2/1832	11
155	21/7/1831	3	350	2/4/1832	2
156	22/7/1831	2	351	3/04/1832	1
157	23/7/1831	2	352	4/4/1832	1
158	26/7/1831	3	353	5/4/1832	6
160	28/7/1831	3	354	6/4/1832	1
162	30/7/1831	1	355	7/4/1832	3
187	1/9/1831	4	358	11/4/1832	2
189	3/9/1831	1	360	13/4/1832	8
190	5/9/1831	4	361	14/4/1832	2
366	26/4/1832	2	557	[.....]	2
367	27/4/1832	2	558	[.....]	1
395	2/6/1832	2	559	[.....]	2
397	5/6/1832	3	561	[.....]	2
398	6/6/1832	7	2	3//1/1833	7
400	8/6/1832	1	4	[.....]	2
401	9/6/1832	3	5	[.....]	3
403	15/6/1832	1	6	8/1/1833	2
408	22/6/1832	1	8	[.....]	3
409	23/6/1832	1	9	11/1/1833	3
410	25/6/1832	4	11	14/1/1832	1
412	27/6/1832	9	12	15/1/1832	4
440	1/8/1832	3	13	16/1/1832	3
442	3/8/1832	1	14	17/1/1832	2
443	4/8/1832	3	16	19/1/1833	4
446	8/8/1832	1	17	21/1/1833	3
447	9/8/1832	1	20	24/1/1833	2
448	11/8/1832	3	22	26/1/1833	2

450	14/8/1832	5	23	28/1/1833	1
452	17/8/1832	3	51	[.....]	1
453	18/8/1832	2	52	[.....]	5
454	20/8/1832	2	53	5/3/1833	1
455	21/8/1832	3	55	7/3/1833	2
456	22/8/1832	1	56	8/3/1833	5
457	23/8/1832	4	60	13/3/1833	3
459	27/8/1832	6	62	15/3/1833	4
460	28/8/1832	2	63	16/3/1833	2
462	30/08/1832	4	64	18/3/1833	1
488	3/10/1832	6	65	20/3/1833	5
492	8/10/1832	1	68	23/3/1833	1
494	10/8/1832	13	69	26/3/1833	2
495	11/10/1832	2	70	27/3/1833	1
498	15/10/1832	7	72	29/03/1833	2
499	16/10/1832	3	73	30/3/1833	9
500	17/10/1832	2	97	2/5/1833	2
501	18/10/1832	3	98	4/5/1833	3
503	20/10/1832	2	99	6/5/1833	3
504	22/10/1832	3	100	7/5/1833	3
505	24/10/1832	3	102	9/5/1833	3
506	25/10/1832	2	103	10/3/1833	2
535	1/12/1832	1	104	11/5/1833	1
538	3/12/1834	1	105	13/5/1833	4
540	6/12/1832	2	108	17/3/1833	3
541	7/12/1832	3	109	18/3/1833	1
542	[.....]	1	110	20/5/1833	2
544	12/12/1832	3	111	21/5/1833	3
546	14/12/1832	1	112	22/3/1833	4
551	[.....]	1	113	23/5/1833	2
554	[.....]	1	114	24/3/1833	3
556	[.....]	1	118	31/3/1833	2
141	3/7/1833	5	260	27/11/1833	2
144	6/7/1833	5	262	28/11/1833	2
145	8/7/1833	1	263	29/11/1833	1
146	9/7/1833	1	309	1/2/1834	3
147	10/7/1833	1	310	3/2/1834	1
148	11/7/1833	2	311	4/2/1834	2
149	12/7/1833	4	312	5/2/1834	1
152	16/7/1833	2	313	6/2/1834	3

154	18/7/1833	2	314	7/2/1834	4
155	19/7/1833	2	316	10/2/1834	3
156 A	20/7/1833	2	317	11/2/1834	3
156 B	22/7/1833	1	318	12/2/1834	2
160	26/7/1833	11	319	13/2/1834	1
161	27/7/1833	1	320	14/2/1834	1
162	29/7/1833	5	322	17/2/1834	1
163	30/7/1833	3	323	18/2/1834	2
164	31/7/1833	3	325	20/2/1834	3
189	2/9/1833	2	326	21/2/1834	4
190	3/9/1833	2	328	25/2/1834	3
191	4/9/1833	3	330	27/2/1834	1
192	5/9/1833	1	331	28/2/1834	3
193	6/9/1833	1	354	2/4/1834	3
194	7/9/1833	1	355	3/4/1834	2
195	9/9/1833	1	356	4/5/1834	2
196	10/9/1833	2	357	5/4/1834	1
197	11/9/1833	2	358	7/4/1834	3
198	12/9/1833	2	359	8/4/1834	2
200	14/9/1833	6	360	9/4/1834	2
202	17/9/1833	2	361	10/4/1834	2
203	18/9/1833	1	362	11/4/1834	3
205	20/9/1833	5	364	14/4/1834	4
206	23/9/1833	3	365	15/4/1834	1
207	24/9/1833	2	366	16/4/1834	3
208	25/9/1833	2	367	17/4/1834	1
209	26/9/1833	3	368	18/4/1834	1
211	28/9/1833	4	369	19/4/1834	3
212	30/9/1833	1	370	21/4/1834	2
239	[.....]	9	372	23/4/1834	5
242	6/11/1833	2	374	25/4/1834	4
244	8/11/1833	3	1834	28/4/1834	2
245	9/11/1833	3	377	29/4/1834	1
246	11/11/1833	3	378	30/4/1834	2
247	12/11/1833	3	401	2/6/1834	2
248	13/11/1833	1	402	3/6/1834	3
249	14/11/1833	1	403	4/6/1834	1
251	[.....]	1	404	5/6/1834	1
254	20/11/1833	4	406	9/6/1834	1
255	21/11/1833	2	409	12/4/1834	2

256	22/11/1833	3	410	14/4/1830	3
257	23/11/1833	2	411	16/4/1834	4
412	17/4/1834	2	562	18/12/1834	1
413	18/6/1834	2	564	[.....]	2
414	19/4/1834	5	566	23/12/1834	1
415	20/6/1834	3	572	3/1/1835	2
416	21/4/1834	2	574	7/1/1835	1
417	23/4/1834	1	575	8/1/1835	1
419	24/6/1834	3	576	9/1/1835	7
423	30/6/1834	2	577	10/1/1835	1
450	1/8/1834	3	579	13/1/1835	4
452	4/8/1834	2	580	14/1/1835	3
457	9/8/1834	1	581	15/1/1835	4
458	11/8/1834	1	582	19/1/1835	1
459	12/8/1834	3	583	17/1/1835	2
463	18/8/1834	3	584	19/1/1835	1
465	20/4/1834	5	585	20/1/1835	2
466	21/8/1834	1	587	21/1/1835	3
468	23/8/1834	2	588	24/1/1835	1
469	25/8/1834	1	589	26/1/1835	2
470	26/8/1834	2	592	28/1/1835	1
471	27/4/1834	3	594	31/1/1835	3
473 A	29/8/1834	1	22	2/3/1835	5
473 B	30/8/1834	3	24	3/3/1835	3
500	2/10/1834	3	25	4/3/1835	4
501	3/10/1834	1	26	5/3/1835	1
503	6/10/1834	6	28	7/3/1835	2
504	7/10/1834	2	31	11/3/1835	3
505	8/10/1834	3	32	12/3/1835	2
507	10/10/1834	3	33	13/3/1835	6
508	11/10/1834	3	34	14/3/1835	1
510	14/10/1834	1	35	16/3/1835	2
512	16/10/1834	1	39	21/3/1835	1
515	20/10/1834	1	40	23/3/1835	1
517	[.....]	4	41	24/3/1835	3
518	23/10/1834	2	72	2/5/1835	1
519	24/10/1834	3	73	6/2/1835	2
521	27/10/1834	3	74	7/5/1835	3
524	31/10/1834	1	76	9/5/1835	1
549	1/12/1834	1	77	11/5/1835	2

550	2/12/1834	1	78	11/5/1835	2
551	3/12/1834	3	79	13/5/1835	2
552	4/12/1834	2	80	14/5/1835	4
554	6/12/1834	1	81	15/5/1835	1
555	[.....]	1	84	19/5/1835	2
556	9/12/1834	3	85	20/5/1835	2
557	[.....]	3	86	21/5/1835	2
558	[.....]	3	87	22/5/1835	2
559	13/12/1834	1	90	26/5/1835	3
560	15/12/1834	2	114	02/7/1835	5
561	[.....]	1	115	3/7/1835	2
561	17/12/1834	2	116	4/7/1835	2
117	6/7/1835	1	233	28/11/1835	2
118	7/7/1835	1	25	1/2/1836	4
118	8/7/1835	3	26	3/2/1836	3
121	10/7/1835	1	27	4/2/1836	1
122	11/7/1835	1	28	5/2/1836	2
123	13/7/1835	2	30	8/2/1836	4
124	14/7/1835	3	31	9/2/1836	3
125	15/7/1835	1	32	10/2/1836	2
127	18/7/1835	2	33	11/2/1836	3
129	20/7/1835	3	34	12/2/1834	2
131	22/5/1835	3	35	13/2/1836	6
132	23/7/1835	1	36	15/2/1836	3
134	27/7/1835	2	37	16/2/1836	1
135	28/7/1835	2	39	18/2/1836	2
137	30/5/1835	2	40	19/2/1836	4
138	31/5/1835	2	41	20/2/1836	2
162	1/9/1835	2	42	22/2/1836	2
163	2/9/1835	2	43	23/2/1836	4
164	3/9/1835	2	44	24/2/1836	1
165	4/9/1835	3	45	26/2/1836	5
166	5/9/1835	1	46	27/2/1836	1
168	9/9/1835	2	47	29/2/1836	3
168	10/9/1835	4	73	2/4/136	5
171	12/9/1835	2	74	6/4/1836	1
172	14/9/1835	1	76 A	8/4/1836	3
174	16/9/1835	2	76 B	9/4/1836	2
175	17/9/1835	2	77	11/4/1836	3
176	18/9/1835	1	78	12/4/1836	3

178	22/9/1835	2	79	13/4/1836	6
179	23/9/1835	1	80	14/4/1836	3
180	24/9/1835	1	81	15/04/1836	5
181	25/9/1835	1	83	16/4/1836	6
182	26/9/1835	2	84	18/4/1836	5
212	3/11/1835	9	85	19/04/1836	5
213	4/11/1835	1	86	20/4/1836	2
215	6/11/1835	3	87	21/4/1836	1
216	7/11/1835	4	88	22/4/1836	5
217	9/11/1835	1	90	25/4/1836	4
219	11/11/1835	1	91	26/4/1836	1
221	13/11/1835	2	92	27/4/1836	12
222	14/11/1835	1	93	28/4/1836	1
223	16/9/1835	5	95	30/4/1836	4
224	17/11/1835	2	118	1/6/18366	3
225	18/11/1835	9	119	3/6/1836	4
228 A	21/11/1835	1	120	4/6/1836	5
228 B	22/11/1835	1	122	7/6/1836	3
229	24/11/1835	3	123	8/6/1836	5
230	25/11/1835	1	124	9/6/1836	1
231	26/11/1835	5	126	14/6/1836	2
232	27/11/1835	4	127	15/6/1836	5
128	16/6/1836	5	232	26/10/1836	1
129	17/6/1836	2	234	27/10/1836	1
130	18/6/1836	2	235	29/10/1836	3
132	21/6/1836	4	235	31/10/1836	7
133	22/6/1836	8	262	2/12/1836	1
134	23/6/1836	2	263	3/12/1836	5
135	25/6/1836	4	264	5/12/1836	3
136	27/6/1836	3	265	6/12/1836	5
137	28/6/1836	1	266	7/12/1836	4
138	30/6/1836	2	267	9/12/1836	1
164	1/8/1836	2	268	10/12/1836	1
165	2/8/1836	2	268	10/12/1836	6
166	3/8/1836	1	269	12/12/1836	3
166	4/8/1836	5	270	13/12/1836	5
168	5/8/1836	7	271	14/12/1836	2
169	6/8/1836	5	272	15/12/1836	4
170	8/8/1836	5	273	16/12/1836	4
171	9/8/1836	1	274	17/12/1836	1

172	11/8/1836	1	275	19/12/1836	2
173	12/8/1836	1	276	20/12/1836	2
174	13/8/1836	3	277	22/12/1836	6
175	15/8/1836	2	278	23/12/1836	3
176	16/8/1836	1	279	24/12/1836	1
178	18/8/1836	1	280	29/12/1836	4
179	19/8/1836	1	281	30/12/1836	6
180	20/8/1836	3	1	1/1/1837	2
181	22/8/1836	8	2	3/1/1837	5
181	23/8/1836	7	3	4/1/1837	3
183	25/8/1836	2	4	5/1/1837	8
185	27/8/1836	5	5	7/1/1837	3
186	29/8/1836	2	6	9/1/1837	6
187	30/8/1836	4	7	10/1/1837	5
188	31/8/1836	3	8	11/1/1837	2
213	3/10/1836	4	9	12/1/1837	1
214	4/10/1836	2	9	12/1/1837	4
216	6/10/1836	2	10	13/1/1837	10
217	7/10/1836	9	11	14/1/1837	3
218	8/10/1836	2	12	16/1/1837	4
219	10/10/1836	1	13	17/1/1837	1
220	11/10/1836	7	14	18/1/1837	6
221	12/10/1836	5	15	19/1/1837	2
222	13/10/1836	1	16	20/1/1837	4
223	14/10/1836	4	18	23/1/1837	5
224	15/10/1836	4	19	24/1/1837	7
225	17/10/1836	9	20	25/1/1837	6
228	20/10/1836	4	22	27/1/1837	12
229	21/10/1836	3	25	31/1/1837	6
230	22/10/1830	5	48	1/3/1837	1
231	24/10/1836	3	49	2/3/1837	7
232	25/10/1836	3	50	3/3/1837	3
51	4/4/1837	5	152	16/7/1837	5
52	6/3/1837	7	153	18/7/1837	2
53	7/3/1837	4	154	19/7/1837	3
54	8/3/1837	2	155	20/7/1837	4
55	9/3/1837	3	156	21/7/1837	8
56	10/3/1837	8	157	22/7/1837	4
57	11/3/1837	6	156	23/7/1837	4
58	13/3/1837	7	158	24/7/1837	7

59	14/3/1837	5	159	26/7/1837	6
60	15/3/1837	3	160	27/7/1837	8
61	16/3/1837	3	161	28/7/1837	7
62	17/3/1837	5	162	29/7/1837	9
64	20/3/1837	3	162	31/7/1837	4
65	21/3/1837	7	188	1/9/1837	9
66	22/3/1837	5	189	2/9/1827	5
67	23/3/1837	6	190	4/9/1837	5
68	25/3/1837	5	191	5/9/1837	7
69	29/3/1837	4	192	6/9/1837	9
70	30/3/1837	2	193	7/9/1837	6
71	31/3/1837	8	195	11/9/1837	9
96	2/5/1837	3	196	12/9/1837	6
98	6/5/1837	4	199	15/9/1837	6
99	8/5/1837	2	200	16/9/1837	5
100	09/5/1837	5	201	18/9/1837	15
101	10/5/1837	4	202	19/9/1837	8
102	11/5/1837	4	203	20/9/1837	8
103	12/3/1837	3	204	22/9/1837	11
104	13/5/1837	4	205	23/9/1836	3
105	17/5/1837	1	206	25/9/1837	6
106	18/5/1837	2	207	26/9/1837	3
108	20/3/1837	2	208	27/9/1837	6
109	22/5/1837	2	209	28/9/1834	9
110	23/5/1837	3	210	30/9/1837	7
111	25/3/1837	3	236	2/11/1837	11
114	29/5/1837	2	237	3/11/1837	5
115	30/5/1837	6	238	4/11/1837	8
116	31/5/1837	8	239	6/11/1837	1
139	1/7/1837	2	240	7/11/1837	6
140	3/7/1837	2	241	8/11/1837	2
141	4/7/1837	7	242	9/11/1837	8
142	5/7/1837	4	243	10/11/1837	5
143	6/7/1837	9	244	11/11/1837	13
144 B	7/7/1837	5	247	15/11/1837	14
145 B	8/7/1837	8	249	17/11/1837	6
146	10/7/1837	6	250	18/11/1837	5
147	11/7/1837	7	251	20/11/1837	6
148	12/7/1837	8	252	21/11/1837	2
149	13/7/1837	4	253	22/11/1837	9

150	14/7/1837	1	254	23/11/1837	9
151	15/7/1837	5	255	24/11/1837	3
256	25/11/1837	8	122	6/6/1834	3
257	27/11/1837	7	123	7/6/1838	9
258	28/11/1837	6	124	8/6/1838	9
259	29/11/1837	7	125	9/6/1838	2
26	1/2/1838	5	126	11/6/1838	10
27	3/2/1838	3	127	12/6/1838	2
28	5/1/1838	8	128	16/6/1838	9
29	6/2/1838	6	130	18/6/1838	6
30	7/2/1838	8	131	19/6/1838	5
31	8/2/1838	9	132	20/6/1838	5
32	9/2/1838	5	133	21/6/1838	5
33	10/2/1838	3	134	23/6/1838	6
34	12/2/1838	5	135	25/6/1838	5
35	13/2/1838	4	136	26/6/1838	6
36	14/2/1838	5	137	27/6/1838	6
37	15/2/1838	7	138	28/6/1838	4
38	16/2/1838	6	139	30/6/1838	3
39	17/2/1838	4	165	1/8/1838	3
40	19/2/1838	7	166	2/8/1838	7
41	20/2/1838	4	167	3/8/1838	11
42	21/2/1838	2	168	4/8/1838	2
43	22/2/1838	2	170	7/8/1838	6
44	23/2/1838	7	171	8/8/1838	3
45	26/2/1838	5	172	9/8/1838	7
46	27/2/1838	4	173	11/8/1838	2
47	28/2/1838	7	174	13/8/1838	7
74	2/4/1838	1	175	14/8/1838	12
75	3/4/1838	5	176	16/8/1838	1
76	4/4/1838	3	177	17/8/1838	5
77	5/4/1838	4	178	18/8/1838	1
78	6/4/1838	4	179	20/8/1838	3
78	7/4/1838	7	180	21/8/1838	3
80	9/4/1838	4	181	22/8/1838	7
81	10/4/1838	5	182	23/8/1838	8
82	11/4/1838	2	183	25/8/1838	2
83	12/4/1838	9	184	27/8/1838	5
84	14/4/1838	6	185	28/8/1838	4
85	18/4/1838	6	186	29/8/1838	3

86	19/4/1838	5	187	30/8/1838	4
87	20/4/1838	3	188	31/8/1838	4
88	21/4/1838	1	211	1/10/1838	3
89	23/4/1838	8	212	2/10/1838	9
90	24/4/1838	5	213	3/10/1838	4
91	25/4/1838	1	214	4/10/1838	2
92	26/4/1838	11	215	5/10/1838	2
93	27/4/1838	3	216	6/10/1838	1
94	28/4/1838	6	217	8/10/1838	4
95	30/4/1838	7	218	9/10/1838	6
120	1/6/1838	7	219	10/10/1838	4
121	2/6/1838	2	220	11/10/1838	4
221	12/10/1838	3	16	19/1/1839	3
222	13/10/1838	3	17	21/1/1839	3
223	15/10/1838	4	18	22/1/1839	4
224	16/10/1838	5	19	24/1/1839	6
225	17/10/1838	6	20	25/1/1839	8
226	18/10/1838	3	23	28/1/1839	2
227	19/10/1838	2	24	29/1/1839	5
228	20/10/1838	4	25	30/1/1839	6
229	22/10/1838	5	26	31/1/1839	9
230	23/10/1838	9	50	1/3/1839	5
231	24/10/1838	3	52	4/3/1839	4
232	25/10/1838	2	53	5/3/1839	2
233	26/10/1838	3	54	6/3/1839	5
234	27/10/1838	4	55	7/3/1839	3
235	29/10/1838	11	56	8/3/1839	4
237	31/10/1838	4	57	9/3/1839	6
262	1/12/1838	11	58	11/3/1839	6
263	3/12/1838	8	59	12/3/1839	6
264	4/12/1838	5	60	13/3/1839	6
265	5/12/1838	1	61	14/3/1839	10
266	6/12/1838	4	63	16/3/1839	3
267	7/12/1838	5	64	18/3/1838	3
268	10/12/1838	8	65	20/3/1839	2
269	11/12/1838	2	66	21/3/1839	3
270	12/12/1838	11	67	22/3/1839	9
271	13/12/1838	3	68	23/3/1839	4
272	14/12/1838	4	69	26/3/1839	6
273	15/12/1838	7	70	27/3/1839	3

274	17/12/1838	5	71	28/3/1839	4
275	18/12/1838	4	72	30/3/1839	7
276	19/12/1838	6	97	2/5/1839	5
277	20/12/1838	3	98	4/3/1839	5
278	22/12/1838	3	99	6/5/1839	2
279	24/12/1838	1	100	7/5/1839	9
280	29/12/1838	4	101	8/5/1839	3
1	2/1/1839	8	102	10/5/1839	8
2	3/1/1839	4	103	11/5/1839	2
3	4/1/1839	3	104	13/5/1839	6
4	5/1/1839	4	105	14/5/1839	5
5	7/1/1839	3	106	15/7/1839	5
6	8/1/1839	4	107	16/5/1839	4
7	9/1/1839	5	108	17/5/1839	2
8	10/1/1839	3	109	18/5/1839	2
9	11/1/1839	3	110	22/5/1839	5
10	12/1/1839	1	111	23/5/1839	7
11	14/1/1839	7	112	24/5/1839	10
12	15/1/1839	3	113	25/5/1839	5
13	16/1/1839	5	114	27/5/1839	4
14	17/1/1839	9	115	28/5/1839	8
15	18/1/1839	4	115	29/5/1839	6
117	31/5/1839	8	200	14/9/1839	11
138	1/7/1839	3	201	16/9/1839	2
140	2/7/1839	4	202	17/9/1839	11
141	3/7/1839	11	203	18/9/1839	7
142	4/7/1839	9	204	19/9/1839	5
143	5/7/1839	6	205	20/9/1839	6
145	8/7/1839	3	206	23/9/1839	3
146	9/7/1839	2	207	24/9/1839	10
147	10/7/1839	11	208	25/9/1839	3
148	11/07/1839	14	209	26/9/1839	1
149	12/7/1839	5	210	27/9/1839	7
150	13/07/1839	6	211	28/9/1839	7
151	15/7/1839	10	212	30/9/1839	3
152	16/7/1839	5	239	2/11/1839	6
153	17/7/1839	7	240	4/11/1839	2
154	18/7/1839	4	241	5/11/1839	11
155	19/7/1839	4	242	6/11/1839	7
156	20/7/1839	2	243	7/11/1839	7

157	22/7/1839	3	244	8/11/1839	4
158	23/7/1839	5	245	9/11/1839	7
159	24/7/1839	5	246	11/10/1839	4
160	26/7/1839	5	247	12/11/1839	11
161	27/7/1839	5	248	13/11/1839	5
162	29/7/1839	4	249	14/11/1839	5
163	30/7/1839	11	250	15/11/1839	7
164	31/7/1839	8	251	16/11/1839	4
189	2/9/1839	5	252	18/11/1839	1
190	3/9/1839	6	253	19/11/1839	6
191	4/9/1839	7	254	20/11/1839	4
192	5/9/1839	9	255	21/11/1839	5
193	6/9/1839	7	256	22/11/1839	5
194	7/9/1839	8	257	23/11/1839	3
195	9/9/1839	1	258	25/11/1839	1
196	10/9/1839	9	259	26/11/1839	4
197	11/9/1839	8	260	27/11/1839	5
198	12/9/1839	5	261	28/11/1839	5
199	13/9/1839	7	262	29/11/1839	3